

IHU

ENT-NO

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 448 - Ano XIV - 28/07/2014

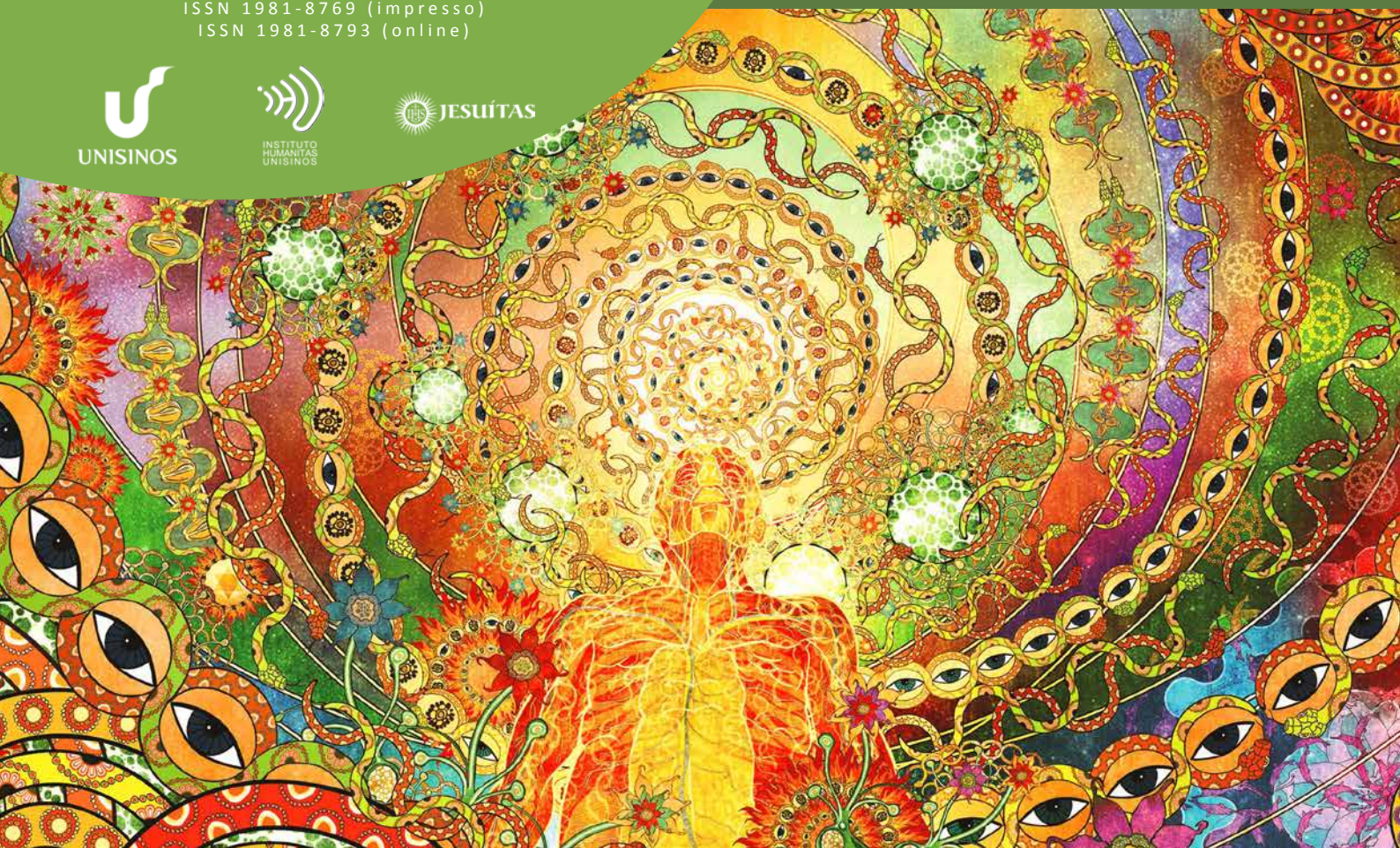
ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (online)



Evolução consciente

Qual é o futuro da humanidade?



Ervin Laszlo:

Para compreender a natureza unitária do mundo

Hazel Henderson:

Modelos éticos e a evolução consciente

John F. Haught:

A incompletude do universo, um futuro aberto à criação

Ney Brasil Pereira:

O celibato é um grande valor, mas deveria ser opcional

Antonio Lassance:

Os estádios da Copa e os novos desafios à economia brasileira

Reportagem:

Instituto Anchietano de Pesquisa reinaugura dois museus na Unisinos

EMAI

Evolução consciente. Qual é o futuro da humanidade?

Ainda nas primeiras décadas do século XX o jesuíta e paleontólogo **Teilhard de Chardin** vislumbrava a formação da noosfera – uma esfera de pensamento que envolveria a Terra, criada a partir da consciência dos processos evolutivos em nível biológico, tecnológico e espiritual.

Hoje, em uma época em que a internet, as redes sociais e as economias globalizadas permitem o surgimento de uma sociedade interconectada, talvez estejamos mais próximos do que nunca de atingir tal consciência. A revista **IHU On-Line** debate o tema com a participação de pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas do conhecimento.

John F. Haught, professor de Teologia da Universidade de Georgetown, Estados Unidos, e membro sênior do *Woodstock Theological Center*, aborda os processos evolutivos da consciência a partir de uma perspectiva ética de construção permanente do universo.

Ilia Delio, diretora de Estudos Católicos da Universidade de Georgetown, afirma que “a evolução é um processo inacabado, o que significa que ainda não estamos completos; nós ainda estamos sendo criados”. Segundo ela, “a pessoa humana tem uma posição de fronteira na evolução. Com o ser humano, a mente reflete sobre a matéria. Essencialmente, isso

é o que eu entendo por ‘evolução consciente’”.

Bárbara Marx Hubbard, bacharel em Ciências Políticas pela *Bryn Mawr College* e presidente da *Foundation for Conscious Evolution*, responde às críticas de gnosticismo que tem recebido. Ela reflete sobre o surgimento da noosfera e do (re)nascimento da pessoa humana, convidada a assumir seu papel de co-criadora na criação.

Diarmuid O’Murchu, psicólogo social, argumenta que a consciência permite ao ser humano aprender a fluir com o processo criativo da evolução, assumindo papel proativo na criação. **Hazel Henderson**, consultora de desenvolvimento sustentável e ex-assessora da *National Science Foundation*, nos EUA, critica o modelo de economia hegemônico que parece estar em descompasso com preceitos éticos alinhados à evolução consciente.

Para **Ted Chu**, professor de Economia na *New York University*, em Abu Dhabi, e fundador do Instituto CoBe (*Cosmic Being*, ou Ser Cósmico), com sede em Michigan, EUA, a evolução consciente pressupõe a construção de uma nova humanidade, devendo utilizar a evolução tecnológica para tal fim.

Elisabet Sahtouris, bióloga da evolução e membro da *World Business Academy*, considera que é pela cooperação que poderemos descobrir

aspectos do mundo que não são mensuráveis por meio dos limitados instrumentos criados pela mão humana.

Por fim, o filósofo **Ervin Laszlo**, considerado o fundador da Filosofia dos Sistemas e da Teoria da Evolução Geral, discorre que a criação é um processo universal que vem de dentro dos próprios sistemas, dada na natureza e no cosmos autocriativo.

Completem esta edição as entrevistas com **Ney Brasil Pereira**, padre, mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e especialista em Musicologia pela *Duquesne University*, Pittsburgh, EUA, que fala de sua trajetória de mais de 60 anos de sacerdócio, professor de Teologia, compositor e agente da Pastoral Carcerária.

Enfim, **Antonio Lassance**, cientista político e pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, analisa o destino dos estádios construídos para a Copa do Mundo no Brasil e os resultados econômicos do evento.

No dia 31 de julho, serão reinaugurados os museus – **Arqueológico e Museu Capela** – do **Instituto Anchieta de Pesquisa – IAP**. A história dos museus pode ser lida na reportagem publicada nesta edição.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



UNISINOS

Instituto Humanitas
Unisinos

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista
semanal do Instituto
Humanitas Unisinos – IHU
ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser
acessada às segundas-feiras,
no site www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às
terças-feiras, a partir das 8h,
na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).
Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriollicb@unisinos.br),
Luciano Gallas MTB 9660
(lucgallas@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).
Revisão: Carla Bigliardi

Colaboração: César Sanson,
André Langer e Darli Sampaio,
do Centro de Pesquisa e Apoio
aos Trabalhadores – CEPAT, de
Curitiba-PR.
Projeto gráfico: Agência
Experimental de Comunicação
da Unisinos – Agexcom.
Editoração: Rafael Tarcísio
Forneck
Atualização diária do site:
Inácio Neutzling, Patrícia Fachin,
Fernando Dupont, Suélen
Farias, Julian Kober, Nahiene
Machado e Larissa Tassinari

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Bárbara Marx Hubbard** – Noosfera e o (re)nascimento da pessoa humana
- 8 **John F. Haught** – A incompletude do universo, um futuro aberto à criação
- 14 **Ilia Delio** – “Cristo e o Big Bang são indissociáveis”
- 17 **Diarmuid O’Murchu** – Por uma evolução consciente, dinâmica e proativa
- 21 **Hazel Henderson** – Economia em descompasso: Modelos éticos e a evolução consciente
- 24 **Ted Chu** – A fabricação de uma nova humanidade
- 28 **Elisabet Sahtouris** – Cooperação para fazer prosperar o que deve prosperar
- 31 **Ervin Laszlo** – Para compreender a natureza unitária do mundo
- 34 **Baú da IHU On-Line**

DESTAQUES DA SEMANA

- 37 **Destaques On-Line**
- 39 **Entrevista da Semana – Antonio Lassance** – Os estádios da Copa e os novos desafios à economia brasileira
- 42 **Teologia Pública – Ney Brasil** – “O celibato é um grande valor, mas deveria ser opcional”

IHU EM REVISTA

- 49 **Reportagem** – Instituto Anchietano de Pesquisa reinaugura dois museus na Unisinos
- 54 **Publicação em Destaque** – Consequências do Outono: juventude, rua e desencontro político
- 55 **Retrovisor**



twitter.com/_ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Noosfera e o (re)nascimento da pessoa humana

Bárbara Marx Hubbard vislumbra a formação de uma esfera de consciência ao redor da Terra, que permita ao homem crescer e assumir seu papel como co-criador do universo

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRIOLLI COSTA

Ainda na primeira metade do século XX, o jesuíta e geopaleontólogo Pierre Teilhard de Chardin explorava os limites da evolução humana. Não apenas uma evolução como espécie, nem mesmo tendo em vista apenas os aspectos tecnológicos, mas também espiritualmente dirigida. O despertar da consciência desta evolução seria a Noogênese, e o seu resultado, a Noosfera.

Bárbara Marx Hubbard compreende esta Noogênese como um “nascimento planetário”. Por meio da ciência, da pesquisa, da tecnologia e das comunicações, o ser humano teceria uma membrana de consciência ao entorno da terra, em um sentimento de relação e ressonância. E assim, “conforme a própria noosfera se torna mais complexa e conecta bilhões de nós por meio das redes sociais, telefones celulares, Google, Facebook, etc., ficamos cada vez mais próximos da Cristificação da Terra”, propõe.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Hubbard relaciona a importância de uma compreensão da vida no Universo a partir do paradigma da complexidade, a reconfiguração e regeneração do universo e a espiritualidade evolutiva. Para ela, a compreensão católica de Deus e de Cristo como

fonte de evolução é fundamental. A partir disso, o humano pode buscar seu lugar como co-criador do Universo. “Nosso papel agora é restaurar a Terra, é libertar-nos da fome, da guerra e da doença, e iniciar o processo de desenvolvimento de nossa vida no espaço para, eventualmente, nos tornarmos uma espécie cósmica”.

Barbara Marx Hubbard é futurista, escritora e palestrante. Bacharel em ciências políticas pela *Bryn Mawr College*, atualmente é presidente da *Foundation for Conscious Evolution*. Também é co-fundadora de diversas instituições, como a *The World Future Society* e *The Association for Global New Thought*. Bárbara é produtora da série de documentários *Humanity Ascending: A New Way through Together* e autora de sete livros, dentre os quais destacamos *A revelação: uma mensagem de esperança para o novo milênio* (São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997), *Conscious Evolution: Awakening the Power of Our Social Potential* (São Francisco: New World Library, 1998) e *Birth 2012 & Beyond: Humanity's Great Shift to the Age of Conscious Evolution* (Shift Books, 2012). Mais sobre a autora no site barbaramarxhubbard.com.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em linhas gerais, por que a humanidade age como se não fizesse parte de um Universo vivo, isto é, como se fosse a “melhor espécie” e por isso está autorizada a “predar” as demais espécies?

Barbara Marx Hubbard – A humanidade age desta forma porque a visão do mundo moderno – que começa com Descartes¹ e é reforçada

sico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica

pela visão científica – assume que somos seres separados, que o universo não é vivo, mas “morto”, que não há internalidade no processo de evolução, o qual seria acidental, aleatório e guiado pelo erro aleatório e pela seleção natural. Tudo isso e muitas outras visões levaram a esta ilusão de sepa-

dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

¹ René Descartes (1596-1650): filósofo, fí-

ração e superioridade em relação às outras formas de vida na Terra.

IHU On-Line – Qual é a importância de compreendermos a vida como fundante do Universo desde o seu começo?

Barbara Marx Hubbard – Se percebermos que Vida, Fonte, Presença e Divino estão na origem do universo, então nos veremos como expressão de Mais Vida, Mais Amor, Mais Consciência, liberdade e ordem, como afirma Teilhard de Chardin². Sentimo-nos sendo parte do universo em evolução. Sentimos nosso próprio impulso espiritual interno de ser expressão do Processo de Criação ou Consciência nos ativando assim como toda a vida. Sentimos a relação com tudo o que foi, o que é agora e o que ainda vai ser.

IHU On-Line – Qual é a importância de uma compreensão da vida no Universo a partir do paradigma da complexidade?

² Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, chamada *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em <http://bit.ly/1l6IWAC>; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvlEG2>; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvlJJL>. (Nota da IHU On-Line)

“Uma vez que a noosfera amadureça e se torne coerente, podemos precisar, do contato com outros planetas com noosferas também amadurecidas”

Barbara Marx Hubbard – Esta compreensão nos ajuda a entender que, conforme a vida se torna mais complexa, ela salta para a consciência, a liberdade e a ordem. Conforme se torna complexo o planeta Terra, podemos mover em direção à nossa própria expressão de maior consciência, liberdade e ordem sinérgica ou amorosa.

IHU On-Line – E em que aspectos a espiritualidade também é importante na concepção de evolução consciente?

Barbara Marx Hubbard – A evolução consciente significa que, na evolução humana, devemos nos tornar autoconscientes. Neste momento, também percebemos que a própria evolução é uma expressão da presença desdobrada do divino. Desta forma, a evolução consciente é, por natureza, evocar uma espiritualidade evolutiva, uma encarnação do Espírito como nossa própria motivação para evoluir.

IHU On-Line – Nesse contexto, qual é a importância de ideias como a noosfera e a cristificação da Terra, de Teilhard de Chardin?

Barbara Marx Hubbard – Acredito que a direção da evolução, como aponta Teilhard, é no sentido de uma consciência, liberdade e ordem mais

elevadas. Conforme a própria noosfera se complexifica e conecta bilhões de nós por meio das redes sociais, telefones celulares, Google, Facebook, etc., ficamos cada vez mais próximos da Cristificação da Terra, ou ainda do “nascimento” planetário de ressonância, amor e de uma consciência superior. Como um bebê recém-nascido, nosso sistema nervoso está prestes a ser ativado. Vamos abrir nossos olhos coletivos e ver que nascemos em um vasto universo preenchido por inteligência.

IHU On-Line – Em que aspectos a evolução consciente já é uma realidade? Que esperanças essa ideia traz para o Universo vivo?

Barbara Marx Hubbard – Acredito que a evolução se tornar consciente de si mesma por meio dos humanos é o próximo passo para a consciência desde a consciência autorreflexiva, cerca de 50 mil anos atrás³. Em última análise, ela nos oferece a liberdade para coevoluir com a natureza e de co-criar com o espírito — ou mesmo para buscar a extinção. Deus colocou a liberdade no sistema. Temos a liberdade de evoluir ou “desevoluir”. Este é o maior chamado para o despertar que a humanidade já recebeu como um todo.

IHU On-Line – Qual é o significado cósmico de nossa vida neste planeta?

Barbara Marx Hubbard – Acredito que a Mãe Terra está dando à luz uma humanidade universal. Nossa crise é um nascimento. Nosso papel agora é restaurar a Terra, é libertar-nos da fome, da guerra e da doença e iniciar o processo de desenvolvimento de nossa vida no espaço para, eventualmente, nos tornarmos uma espécie cósmica. Deste ponto de vista, o papel

³ **Consciência autorreflexiva:** é a consciência que não refletia apenas a natureza e o mundo experimentado, mas a própria consciência. A consciência de ser consciente. Alguns pesquisadores apontam evidências de que ela teria surgido no ser humano há 50 mil anos, como no artigo *Handaxes and Ice Age Carvings: Hard Evidence for the Evolution of Consciousness*, de Steven Mithen, disponível em <http://bit.ly/haxesihu>. (Nota da IHU On-Line)

da Terra é dar à luz vida ao universal. Todas as nossas novas capacidades de alta tecnologia, como robótica, nanotecnologia, genética, computadores inteligentes, desenvolvimento espacial, etc., não são destinadas apenas para esta Terra, mas para nos prepararmos para a vida universal. Penso que a Terra vai se tornar o lar cultural da vida terrestre, e o universo se tornará o campo em que a humanidade aprende a co-criar com o divino, conhecer outras formas de vida e, eventualmente, convergir com a inteligência universal em uma escala radicalmente maior do que poderíamos atingir apenas na Terra. O Criador está criando co-criadores.

IHU On-Line – Em que sentido o Universo se regenera e se reconfigura sempre e novamente, a cada instante?

Barbara Marx Hubbard – O universo nunca esquece. Ele parece ter um impulso inato para a produção de vida mais consciente. Ele sempre quer “mais” vida. Acredito que uma vez que a noosfera amadureça e se torne coerente, podemos precisar, na verdade, do contato com outros planetas com noosferas completas e também amadurecidas. Podemos achar que não estamos sozinhos. O universo tem grandes segredos guardados para nós, basta apenas que possamos crescer!

Leia mais...

- *Bárbara Hubbard responde às críticas do cardeal Müller sobre as religiosas dos EUA.* Artigo de Barbara Marx Hubbard publicado nas **Notícias do Dia**, de 14-05-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1qCEBgp>;
- *A evolução da consciência.* Artigo de Barbara Marx Hubbard publicado nas **Notícias do Dia**, de 09-05-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1nN9rB0>;
- *A evolução consciente e a integração entre ciência e espiritualidade.* Artigo de Barbara Marx Hubbard publicado nas **Notícias do Dia**, de 03-10-2010, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1zICMVU>.

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu

Tweets

- Seguindo
- Seguidores
- Favoritos
- Listas

Siga IHU

Nome completo

E-mail

Senha

Inscriva-se

Tweets

IHU @ihu 29 m
Beneficiários do Bolsa Família no Vale do Sinos permanecem na linha da pobreza extrema bit.ly/ZWJuo3
Expandir

IHU @ihu 59 m
O mundo financeiro, altamente instável e fascinante bit.ly/Zs3lJu
#blogihu
Expandir

IHU @ihu 1 h
Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana bit.ly/117SEJP
Expandir

Ver todas as fotos e vídeos

A incompletude do universo, um futuro aberto à criação

John F. Haught debate sobre os processos evolutivos da consciência a partir da construção permanente do cosmos

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: CLAUDIA SBARDELOTTO

A evolução consciente estabelece instruções, preceitos éticos e exercícios espirituais que nos ajudarão a escolher o caminho certo para nós, a humanidade, o nosso planeta e o universo que ainda está despertando”, explica o professor doutor John F. Haught, em entrevista por e-mail à **IHU Online**. Ao abordar a temática, o professor recorre ao filósofo e teólogo Teilhard de Chardin, um dos primeiros cientistas do século XX que chamou atenção para uma perspectiva mais cosmológica da consciência. “O universo não é um palco onde os seres humanos são testados a fim de provar se merecem ganhar uma recompensa celestial. Sabemos agora, graças à ciência, que os seres humanos, juntamente com outros seres vivos, eles mesmos são produtos de um processo cósmico imensamente longo e extraordinariamente criativo”, sustenta.

John F. Haught lembra que para Teilhard, os cristãos, ao tomarem decisões, devem estar em conformidade com os ensinamentos de Jesus e as virtudes da fé, da esperança e do amor. “Uma função importante da teologia cristã, creio eu, é refletir sobre como a prática da virtude contribui para a criação contínua e próspera da vida no universo. Os defensores da evolução consciente também buscam esse objetivo, embora para mim e para muitos outros cristãos seus escritos geralmente não têm um sentido suficientemente *personalista* da realidade suprema”,

esclarece. “Para atrair a nossa entrega religiosa, Deus deve ser pensado como infinitamente maior do que o imenso universo da ciência moderna. Uma divindade antropomórfica de um planeta não é mais suficiente. Eu acredito que a falta de interesse geral da evolução consciente em um Deus pessoal é, em parte, devido ao fato de que a teologia cristã tem feito Deus parecer muito pequeno, como o próprio Teilhard salientou corretamente”, complementa.

Haught é professor de Teologia da Universidade de Georgetown, Estados Unidos, e membro sênior do Woodstock Theological Center. Graduado em Filosofia pela St. Mary's University, de Baltimore, é mestre e PhD pela Catholic University of America, Washington, com a tese *Foundations of the hermeneutics of eschatology*. É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Deeper than Darwin: the prospect for religion in the age of evolution* (Boulder, Colo: Westview Press, 2003); *Purpose, evolution and the meaning of life* (Ontario: Pandora Press, 2004); *Is nature enough: meaning and truth in the age of science* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006); e *Christianity and science* (Maryknoll: Orbis Press, 2007). Em português, do autor, foi publicado o livro *Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a evolução consciente?

John F. Haught – É um movimento não sectário contemporâneo associado a Barbara Marx Hubbard¹,

trabalho em conjunto e de forma abnegada para o bem maior. Confira também a entrevista *Noosfera e o (re)nascimento da pessoa humana*, na edição 448 da IHU On-Line; *Barbara Hubbard responde às críticas do cardeal Müller sobre as religiosas dos EUA*. Artigo de Barbara Marx Hubbard publicado nas Notícias do Dia, de 14-05-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1qCEBgp>; *A evolução da*

consciência. Artigo de Barbara Marx Hubbard publicado nas Notícias do Dia, de 09-05-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1nN9rB0>; *A evolução consciente e a integração entre ciência e espiritualidade*. Artigo de Barbara Marx Hubbard publicado nas Notícias do Dia, de 03-10-2010, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1zLCMVU>. (Nota da IHU On-Line)

¹ Barbara Marx Hubbard (1929): pensadora evolucionista que acredita que a mudança global acontece quando há um

Ken Wilber², Deepak Chopra³, Andrew Cohen⁴, Ted Chu⁵ e outros que compartilham a crença de que, com o surgimento evolutivo dos seres humanos, o universo agora tornou-se consciente de si mesmo. Já que a consciência inclui a capacidade de livre arbítrio, os defensores da evolução consciente afirmam que cada um de nós é responsável por escolher a direção em que a evolução irá no futuro. A evolução consciente estabelece instruções, preceitos éticos e exercícios espirituais que nos ajudarão a escolher o caminho certo para nós, a humanidade, o nosso planeta e o universo que ainda está despertando.

2 **Ken Wilber** (1949): nascido em Oklahoma, Estados Unidos, é um pensador e criador da Psicologia Integral, e de forma mais geral do Movimento Integral. Sua obra concentra-se basicamente na integração de todas as áreas do conhecimento. (Nota da IHU On-Line)

3 **Deepak Chopra** (1947): é um médico indiano nascido em Nova Deli, radicado nos Estados Unidos. É formado em Medicina pela Universidade de Nova Deli. É também um escritor e professor de ayurveda, espiritualidade e medicina corpo-mente. (Nota da IHU On-Line)

4 **Andrew Cohen** (1955): professor espiritual reconhecido internacionalmente e fundador da organização sem fins lucrativos EnlightenNext Global. Desde 1986, Cohen tem viajado o mundo dando palestras públicas e conduzindo retiros. Através de seus escritos, ensinamentos e diálogos em curso com os filósofos, cientistas e místicos, ele tornou-se conhecido como uma das vozes que definem a nova espiritualidade evolutiva. Em 2013, Cohen foi listado como a 23ª personalidade na lista anual da revista Watkins mente-corpo-espírito do "Top 100 Most Spiritually Influential Living People". (Nota da IHU On-Line)

5 **Ted Chu**: é economista nascido e criado na China. Obteve doutorado em Economia pela Georgetown University, Estados Unidos, sendo atualmente professor de Economia na New York University, em Abu Dhabi. Foi economista-chefe da General Motors e da Abu Dhabi Investment Authority, um dos maiores fundos de investimento do mundo, além de ocupar cargos de macroeconomista no Banco Mundial e na Arthur D. Little, empresa de consultoria estadunidense com atuação global. Nos últimos 15 anos, vem investigando, sob a perspectiva filosófica, o espaço da humanidade no cosmos e as fronteiras do progresso evolutivo. Como parte desses esforços de estudos, fundou a organização sem fins lucrativos Instituto CoBe (Cosmic Being, ou Ser Cósmico), com sede em Michigan, EUA. É autor do livro *Human Purpose and Transhuman Potential: a cosmic vision for our future evolution* (Propósito Humano e o Potencial Transumano: uma visão cósmica para a nossa revolução futura. San Rafael: Origin Press, 2014). (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Qual é a origem dessa concepção?

John F. Haught – É difícil definir isso exatamente. No entanto, a ideia foi importante para o biólogo humanista Julian Huxley⁶ (1887-1975), primeiro diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco, e para seu amigo, o paleontólogo jesuíta Teilhard de Chardin (1881-1955). Apesar de os dois cientistas diferirem entre si sobre a importância da crença religiosa (Huxley era um agnóstico), ambos concordavam que o cosmos tornou-se consciente de si mesmo, pela primeira vez, com o nascimento dos seres humanos e que temos de assumir a responsabilidade pelo curso futuro da evolução. Eles também concordavam que nem todo caminho leva a um futuro produtivo e habitável, por isso temos de escolher o caminho certo a seguir. Nós podemos fazer isso olhando o que funcionou no passado evolutivo e que levou a avanços criativos.

Teilhard foi um dos primeiros cientistas do século XX que percebeu que o cosmos inteiro, e não apenas a evolução da vida, é uma história ainda em desenvolvimento. O universo não é um palco onde os seres humanos são testados a fim de provar se merecem ganhar uma recompensa celestial. Sabemos agora, graças à ciência, que os seres humanos, juntamente com outros seres vivos, são eles mesmos produtos de um processo cósmico imensamente longo e extravagantemente criativo. Não podemos mais olhar para a humanidade ou o destino humano, portanto, separado do processo cósmico que deu origem à nossa espécie. Os defensores da evolução cósmica concordam com isso.

IHU On-Line - Quais são os embasamentos científicos e teológicos que fundamentam tal ideia?

John F. Haught – *Cientificamente*, a evolução consciente depende,

6 **Julian Huxley Sorell** (1887-1975): foi um biólogo evolucionário inglês, eugenista e internacionalista. Ele era um defensor da seleção natural, e uma figura importante na síntese evolutiva de meados do século XX. Foi Secretário da Sociedade Zoológica de Londres (1935-1942), o primeiro diretor da Unesco e um dos membros fundadores da World Wildlife Fund. (Nota da IHU On-Line)

em parte, pelo menos, da nova compreensão do mundo natural, como ainda em desenvolvimento, uma história de 13,8 bilhões de anos. A geologia, a biologia evolutiva e a cosmologia contemporânea demonstraram que o universo está inacabado, que ainda está se formando, e que ele pode ter um longo futuro pela frente. O universo não foi concluído no início, como pode sugerir uma leitura literal das histórias bíblicas da criação. Pelo contrário, o universo é um processo contínuo no qual um “*ser mais*” [*more being*] (ou um “*ser mais integral*” [*fuller being*]) pode emergir “mais à frente” no futuro.

Filosoficamente, o pensamento moderno tornou-se cada vez mais consciente de que o universo é um processo de transformação. Em minha opinião, o matemático Alfred North Whitehead⁷ (1861-1947) desenvolveu a versão filosoficamente mais sofisticada da “filosofia do processo”. Mesmo que grande parte da filosofia contemporânea ainda esteja sobrecarregada de suposições materialistas sobre a natureza, uma minoria de filósofos segue Whitehead mantendo que consciência e natureza estão intimamente entrelaçadas e que algo importante está acontecendo no universo que as ciências naturais não estão conseguindo perceber. A evolução consciente é apenas uma pequena parte de um movimento maior no pensamento moderno e pós-moderno para ligar a consciência humana com mais força ao passado e futuro cósmicos.

Teologicamente, a visão futurista de Teilhard do universo também tem influenciado a evolução consciente (embora, tecnicamente falando, Teilhard não fosse um teólogo). Pelo que eu sei, Teilhard não usou a expressão “evolução consciente”, embora ele concordasse que a consciência é algo que tem evoluído gradualmente na história natural e que os seres conscientes devem assumir a responsabilidade do futuro cósmico. Ao contrário de Whitehead e do filósofo francês e

7 Alfred North Whitehead (1861-1947): filósofo e matemático inglês. Com Bertrand Russell, escreveu *Principia Mathematica*. Ele também desenvolveu a chamada Teologia do Processo. (Nota da IHU On-Line)

vitalista Henri Bergson⁸, que imaginavam o universo como um processo criativo indeterminado sem fim específico em mente, Teilhard (1881-1955) pensava que o universo tinha uma meta — um ponto Ômega — que (em harmonia com a teologia cósmica do apóstolo Paulo⁹) ele identificava como o Deus encarnado em Cristo. Além disso, Teilhard insistiu que, para os cristãos, pelo menos, as decisões que

8 Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da **IHU On-Line**, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/109AdXn>. (Nota da IHU On-Line)

9 Paulo de Tarso (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/1o5Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da IHU On-Line)

“O universo não é um palco onde os seres humanos são testados”

tomamos em um mundo em evolução devem estar em conformidade com os ensinamentos de Jesus e as virtudes da fé, da esperança e do amor. A evolução consciente, embora concordando, de uma forma geral, com Teilhard, não promove qualquer compreensão teológica tradicional unificada do universo, embora alguns de seus seguidores podem se classificar como teístas em um sentido amplo.

IHU On-Line - Qual é a influência de ideias como a noosfera e a cristificação da Terra, de Teilhard de Chardin, na evolução consciente?

John F. Haught — Eu acredito que sim, pelo menos em alguns casos (Barbara Marx Hubbard, por exemplo). A evolução em cada fase trouxe uma interação cada vez mais intensa e uma intercomunhão dos seus elementos individuais. No início do processo cósmico, as unidades subatômicas uniram-se umas às outras para construir átomos, então os átomos se ligaram até criar moléculas, moléculas grandes, eventualmente, reuniram-se em células vivas, as células se fundiram em organismos, organismos constituídos em associações cada vez mais complexas, e assim por diante. Neste momento, uma nova “camada” geológica dominante constituída por pessoas humanas conscientes tem coberto o nosso planeta. Teilhard refere-se a essa nova pele planetária de “pensamento”, como a noosfera (do grego *nous* = mente). Agora, os seres humanos precisam se ligar consciente e eticamente uns com os outros, com mais força e intimamente, se deve haver qualquer avanço na evolução.

IHU On-Line - Em que aspectos há uma síntese entre evolução e fé no conceito de evolução consciente?

John F. Haught — Eu vou responder a essa pergunta em termos dos próprios esforços pioneiros de Teilhard de relacionar a ciência com a fé.

A evolução consciente, em termos gerais, quer integrar as descobertas da ciência em nossos hábitos mentais e espirituais. É por isso que tem pouca dificuldade de incorporar algumas das ideias de Teilhard. No entanto, para Teilhard, em cada fase da evolução, o mundo pode crescer ou se tornar “mais” [*become “more”*] apenas por se organizar em torno de centros novos e superiores de forma sucessiva. Ele chamou essa tendência cósmica recorrente de “centração” [*centration*]. A centração ocorreu muito cedo na história cósmica quando elementos subatômicos se organizaram em torno de um núcleo atômico; mais tarde, quando as moléculas grandes aglomeradas em torno do ADN nuclear das células eucariontes; em seguida, para a formação de um sistema nervoso “central” na evolução dos vertebrados; e em insetos sociais reunindo-se em torno de sua rainha. Sem centração, tudo se desmorona.

Atualmente, as unidades dominantes na evolução são pessoas humanas. Elas podem ser reunidas em uma síntese orgânica superior, no entanto, só se o seu centro unificador for, *pelo menos, pessoal*. Nós, seres humanos, não podemos ser totalmente movidos para “nos tornarmos mais” [*“become more”*] por nada que careça de uma subjetividade, liberdade e capacidade de resposta, pelo menos, tão intensa como a nossa. Nós não podemos ser *totalmente* atraídos ou desafiados ao centro do nosso ser por qualquer coisa que seja menos do que pessoal ou que não nos eleve pessoalmente. Assim, se o universo fosse, em última análise impessoal, não importa quão grande e interessante, seria mais inferior na escala do ser verdadeiro do que as pessoas. Não podemos participar *plenamente* na evolução, portanto, a menos que o pulso da personalidade pulse no coração da realidade cósmica. Evolução, para Teilhard, requer uma realidade centralizada que não só mantenha o cosmos unido, mas que também o leve para a frente a fim de ser mais completo. Para ser totalmente atraente para as pessoas, a realidade da centração deve ser um “Tu”, não uma “coisa” [*“Thou,” not an “It”*].

Para Teilhard, tal Centro existe, e não é outro senão o Deus pessoal,

que em Cristo se tornou totalmente encarnado materialmente e que ainda reúne o cosmos emergente para o corpo estendido de Cristo. Teilhard não conseguia entender o recente surgimento de pessoas humanas em evolução para além da influência atrativa de um Deus transcendente, promissor e *personal* que se tornou cada vez mais encarnado na matéria.

A visão da evolução consciente do universo, pelo contrário, em sua maior parte, não está interessada em colocar um Deus pessoal no centro ou como meta do processo cósmico. Tanto quanto eu posso dizer, os defensores da evolução consciente não estão interessados na ideia de um Deus que se envolve intimamente nas lutas e nos sofrimentos da vida. Além disso, a espiritualidade de Andrew Cohen, para dar um exemplo, seria demasiado individualista e muito dependente de esforço humano para se adequar ao sentido cristão de Teilhard da dependência constante do mundo da graça divina, como mediada através da natureza e da comunidade humana.

Apesar de eu levar a evolução consciente a sério, como um cristão católico, a visão de Teilhard me atrai. Ao mesmo tempo, no entanto, eu acredito como Teilhard que nossas ideias de Deus devem sempre ser apresentadas não só como algo pessoal, mas também como *suprapessoal* (para usar a terminologia do teólogo Paul Tillich¹⁰). Para atrair a nossa entrega religiosa, Deus deve ser pensado como infinitamente maior do que o imenso universo da ciência moderna. Uma divindade antropomórfica de um planeta não é mais suficiente. Eu acredito que a falta de interesse geral da evolução consciente em um Deus pessoal é, em parte, devido ao fato de que a teologia cristã tem feito Deus parecer muito pequeno, como o próprio Teilhard salientou corretamente.

10 Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de importante obra. Entre os livros traduzidos em português, está *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

“Uma função importante da teologia cristã é refletir sobre como a prática da virtude contribui para a criação contínua”

IHU On-Line - Em que medida a evolução consciente pode nos ajudar a aprofundar o entendimento humano rumo a uma ação evolutiva para o bem de toda a vida na Terra?

John F. Haught – Acredito que a evolução consciente está tentando promover um sentido de responsabilidade partilhada entre os membros de nossa espécie, de modo que o presente cenário terrestre possa dar lugar a algo melhor no futuro cósmico. O surgimento da noosfera está acontecendo agora de forma rápida e explosiva, mas a maioria dos cientistas – em parte porque ainda estão cegos por crenças materialistas – necessita prestar mais atenção a ela. Eles não conseguem ver que o surgimento da consciência não é um acaso, mas uma expressão do que o cosmos é na realidade. A evolução consciente concorda com isso e, com razão, segue o pensamento de Teilhard em reconhecer que não devemos assumir que tendências do universo em direção a uma maior complexidade e consciência estão perto de ser concluídas. Junto com Teilhard, ela abraça a ideia de um “universo inacabado” e um futuro aberto à criação contínua que segue “em frente”. Ela concorda que o nosso novo sentido de que o universo ainda tem um futuro deve ser um poderoso incentivo para uma ação moral, aqui e agora.

IHU On-Line - Em entrevista concedida à IHU On-Line em 2009, o senhor afirmou que “o Deus de evolução cria continuamente um novo mundo não por empurrar as coisas

do passado para frente, mas desenhando o mundo em direção a um novo futuro dali em diante”. A partir dessa constatação, quais são as conexões entre a evolução consciente e a fé cristã?

John F. Haught – Na visão cristã de Teilhard, a encarnação, morte e ressurreição de Cristo são eventos que acontecem no contexto de um universo em evolução. O evento-Cristo, portanto, deve significar que todo o processo de criatividade cósmica encontra o seu destino na compaixão redentora eterna de Deus. Mesmo que, eventualmente, o mundo físico “morra” pela exaustão de energia, como os astrofísicos preveem, nada na história cósmica é perdido ou esquecido por Deus. A esperança cristã da ressurreição do corpo, seja o que for que isso possa significar, prevê que toda a história cósmica, e não só a alma humana, é salva e resgatada para sempre na vida de Deus. Assim, a evolução, vista teologicamente, significa que a criação ainda está acontecendo e que Deus está criando e salvando o mundo não o empurrando para frente a partir do passado, mas chamando-o lá da frente. A partir de uma perspectiva cristã, todos os eventos que compõem a história cósmica ainda estão sendo reunidos no Cristo cuja vinda os cristãos continuam a esperar. Mais uma vez, essa visão personalista de Deus e da redenção é bastante diferente das ideias da evolução consciente.

IHU On-Line - Como esse nexos entre evolução consciente e fé cristã se apresenta na posição assumida pelas integrantes da Conferência de Liderança das Religiosas (Leadership Conference of Women Religious – LCWR)?¹¹

11 Conferência de Liderança das Religiosas (Leadership Conference of Women Religious - LCWR): é uma associação de líderes de congregações de religiosas católicas nos Estados Unidos. A conferência tem mais de 1.400 membros, que representam mais de 80% por cento das cerca de 51 mulheres religiosas nos Estados Unidos. Fundada em 1956, a conferência apoia os seus membros para realizar de forma colaborativa o seu serviço de liderança para promover a missão do Evangelho no mundo de hoje. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publica um amplo material sobre o grupo nos Notícias do Dia, das quais destacamos os

John F. Haught – Acredito que, em geral, as religiosas da LCWR estão mais próximas, teologicamente, de Teilhard do que da evolução consciente. No entanto, como Teilhard, elas são capazes de apreciar o fato de que a evolução consciente é parte de um despertar geral do universo neste momento da história humana e cósmica e que precisa ser levado a sério por pessoas de fé. A LCWR encontra em Barbara Marx Hubbard, por exemplo, alguém que, como Teilhard, tem imensa esperança no futuro. A este respeito, a evolução consciente está mais próxima do espírito da fé bíblica do que certas autoridades eclesiais que possuem pouca esperança para o mundo. A divisão mais significativa entre as pessoas, hoje em dia, como Teilhard observou, não é entre ateus e teístas, mas entre aqueles que têm esperança e aqueles que não a têm. A LCWR se posiciona junto àqueles que têm esperança, e ao fazê-lo demonstra que está mais perto do núcleo da promessa abraâmica da fé católica do que os críticos da LCWR.

A LCWR também pode apelar para a compreensão de Teilhard sobre a necessidade do cristianismo para continuar a evoluir. Ao visualizar todos os fenômenos no contexto da evolução, Teilhard não poderia isentar a sua própria tradição de fé de sofrer as perturbadoras transições de estado que ocorrem em outros sistemas em evolução. Em 1933, ele escreveu: “Creio que o cristianismo é imortal. Mas essa imortalidade da nossa fé não impede que ela seja sujeita (ao mesmo tempo que se eleva acima delas) às leis gerais da periodicidade que regem toda a vida. Reconheço, portanto, que, neste momento, o cristianismo (exatamente como a humanidade) está chegando ao fim de um dos ciclos naturais de sua existência”. Em seguida, ele acrescenta que esta é “uma indicação de que o tempo para a renovação está próximo”. Acho que

seguintes: *Documentário traz respostas de irmãs à avaliação doutrinal da LCWR*, disponível em <http://bit.ly/1rQSntW>; *LCWR anuncia prêmio máximo a teóloga criticada pelos bispos dos EUA*, disponível em <http://bit.ly/1rQSGVw>; *Mandato do Vaticano sobre a LCWR é “inaceitável”*, afirma superiora das Irmãs da Misericórdia, disponível em <http://bit.ly/1kiHiRS>. (Nota da IHU On-Line).

“A teologia cristã tem feito Deus parecer muito pequeno”

ele seria um admirador entusiasta da LCWR.

IHU On-Line - Quais são as objeções fundamentais oriundas da Igreja Católica à evolução consciente?

John F. Haught – Talvez eu possa responder a esta questão também de uma forma teilhardiana. O que distingue a visão católica de Teilhard da natureza a partir do movimento da evolução consciente é que o cientista jesuíta identifica o Deus que se encarnou em Cristo como a explicação definitiva e objetivo (Ômega) do movimento criativo contínuo do universo em direção a um novo ser. É inconcebível, portanto, que a Igreja possa ter qualquer objeção a esta intuição teilhardiana, especialmente porque ela se harmoniza tão bem com a teologia paulina e joanina. Na verdade, o Papa Paulo VI¹² disse que a visão de Teilhard é “necessária” hoje, e Bento XVI¹³ falou com aprovação da compreensão cósmica de Cristo de Teilhard. Além disso, a Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Atual (*Gaudium et spes*) do Concílio Vaticano II¹⁴ mostra

12 Papa Paulo VI: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da IHU On-Line)

13 Bento XVI (em latim: Benedictus XVI) nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da IHU On-Line)

14 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano.

uma clara evidência de ter sido influenciada pelas ideias de Teilhard.

O que a Igreja Católica pode achar censurável, e com razão, é qualquer presunção de que os seres humanos podem moldar o futuro da evolução de forma responsável, sem levar em conta a graça divina, um sentido profético da justiça, a crença consistente da Igreja na dignidade inviolável de cada pessoa e os critérios para “ser mais” que Jesus colocou em sua visão do “Reino de Deus”. A evolução consciente é, de fato, complexa e diversificada em suas expressões. Em muitos aspectos, busca objetivos e propõe mudanças no estilo de vida que se sobrepõem com os ideais cristãos de paz, justiça e prosperidade humana. Condená-la direta ou indiretamente, sem nuance, não traz nenhuma autoridade moral ou religiosa. Uma abordagem melhor seria a de Jesus: “Quem não está contra nós, está a nosso favor” (Mc 9, 40).

IHU On-Line - Em que medida essa concepção é um contraponto às visões pessimistas e catastróficas do futuro da humanidade e do planeta?

Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o ciclo de estudos *Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira a edição 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>. Ainda sobre o tema, a **IHU On-Line** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, esta disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. (Nota da IHU On-Line)

John F. Haught – A evolução consciente é contracultura na medida em que vai contra o materialismo metafísico que ainda influencia tanto o pensamento e o estilo de vida contemporâneos. Embora a elite intelectual arrogantemente descarta-a como trivialidade da Nova Era, a oposição da evolução consciente ao cientificismo e ao materialismo científico precisa ser levada a sério. Ken Wilber, por exemplo, fornece um desmascaramento intelectualmente sofisticado do cientificismo e do materialismo. Para muitas pessoas que se sentem desconfortáveis com o cristianismo e outras religiões tradicionais nos dias de hoje, a evolução consciente fornece uma alternativa espiritual ao materialismo, que serve para elevar seus corações e dar um novo incentivo para suas vidas morais na era da ciência. Ao contrário do julgamento de pessimistas cósmicos, essa esperança está completamente consistente com as descobertas da ciência. O movimen-

to da evolução consciente, eu creio, é um exemplo, entre outros, do que eu suspeito que vai ser uma tendência crescente neste século para expor e superar as pressuposições materialistas superficiais — e inevitavelmente pessimistas — que ainda prosperam no mundo acadêmico.

IHU On-Line - Por outro lado, como conciliar a visão da evolução consciente num planeta cujo sistema econômico é predatório e globalizado?

John F. Haught – A criação contínua do universo, pelo menos do ponto de vista terrestre, exige por parte dos seres humanos a prática fervorosa e persistente da virtude. Hoje, é preciso acrescentar, a evolução contínua do mundo precisa dar atenção especial à justiça econômica e à responsabilidade ambiental. Uma função importante da teologia cristã, creio eu, é refletir sobre como a prática da virtude contribui para a criação con-

tínua e próspera da vida no universo. Os defensores da evolução consciente também buscam esse objetivo, embora para mim e para muitos outros cristãos seus escritos geralmente não têm um sentido suficientemente *personalista* da realidade suprema. Um cristão cosmicamente sensível irá rezar, de qualquer forma, e pedir sabedoria e graça para poder distinguir as ações humanas que podem contribuir para a criação contínua do universo daquelas que só levam à destruição. Ao fazê-lo, devem dar uma olhada na evolução consciente.

Leia mais...

- *A nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma depois de Darwin.* Entrevista com John F. Haught publicada na edição 330 da **IHU On-Line**, de 13-07-2009, disponível em <http://bit.ly/1A6mYYc>.

Acompanhe o IHU no Blog

The screenshot shows a blog post from the Instituto Humanitas Unisinos (IHU) website. The post is titled "@segundasemcarne por tudo e todos" and is dated "EM 10 ABRIL 2013". The main text discusses the "Meatless Monday" campaign, which encourages people to abstain from eating meat on Mondays to reduce environmental impact. It mentions that the campaign was started in the United States in 2003. Below the text is a graphic with the title "SEGUNDA SEM CARNE descubra novos sabores" and four cartoon characters representing different types of meat (cow, pig, chicken, and fish). The graphic also includes the text "Pelas pessoas. Pelos animais. Pelo planeta." and a small text at the bottom stating: "Já há quase 7 bilhões de pessoas na Terra e, para produzir carne para esta população, é preciso criar bilhões de animais que consomem água, comida e recursos energéticos, demandam espaço, produzem grande quantidade de excrementos, contaminam os mananciais, causam erosão e geram poluição atmosférica. A criação de animais para abate é uma forma ineficiente de produzir alimentos: para cada quilo de carne de animal são necessários de 7 a 15 kg de comida vegetal (milho, soja e outros)." The right sidebar contains a search bar, a category dropdown menu, RSS feed links, and a list of tags including "Análise de conjuntura", "Bastidores Cinema", "Congresso de Teologia Dica de leitura Economia Economia Solidária Educação", "Enquetes", "Entrevistas do dia", "espiritualidade", "Eventos", "Forum Social Mundial Fórum Social Mundial", and "2011 Geral IHU indígenas".

“Cristo e o Big Bang são indissociáveis”

A teóloga Ilia Delio demonstra que, ao mesmo tempo que o ser humano é resultado da evolução, o universo não é obra do acaso ou de uma série de coincidências

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS / TRADUÇÃO: CLAUDIA SBARDELOTTO

“A evolução é um processo inacabado, o que significa que ainda não estamos completos; nós ainda estamos sendo criados. É por isso que é essencial estarmos cientes do nosso papel na evolução, em sintonia com a inteligência mais profunda da natureza, e de que somos chamados a expressar criativamente nossos dons na evolução de nós mesmos e do mundo. O termo co-criador é muito apropriado. Quando agimos, nós participamos nas ações de Deus, ou, podemos dizer, Deus opera em e através de nós”, pondera a teóloga Ilia Delio, apontando para a contribuição do humano no amplo projeto de Deus.

Ela cita Teilhard de Chardin para enfatizar que seguimos adotando uma cristologia baseada em uma cosmologia antiga, a qual tornou-se irrelevante para os dias atuais. “Ele viu que Jesus surge por meio da evolução; de fato, Cristo e o Big Bang são indissociáveis. Ele fala de uma ‘terceira natureza’ de Cristo, significando que Cristo está relacionado com o cosmos. A evolução é a ascensão de Jesus, o Cristo. Mas, como disse [Raimon] Pannikar, Cristo é maior que Jesus; Cristo abraça todo o cosmos. Nós também somos parte do mistério de Cristo”, sintetiza Ilia Delio. Para ela, o “universo não é apenas um mecanismo ou mero acaso. Ele tem significado e propósito, e seu significado é a plenitude em Cristo”.

A teóloga enumera na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, os três grandes desafios da vida religiosa contemporânea para que nos mantenhamos abertos à presença de Deus, a qual se manifesta a partir de dentro de nós mesmos: estarmos abertos às mudanças, já que nada é fixo no universo; percebermos que todas as coisas e seres estão

interconectados e que mantêm entre si uma interdependência; buscarmos novos padrões de relacionamentos que nos levem em direção à vida, superando tudo aquilo que não contribui para a evolução contínua dos seres em direção a Deus. “Quando as necessidades mudam, mudam também as estruturas”, destaca ela, sugerindo as possibilidades de atuação do humano sobre as linhas da evolução.

Ilia Delio é uma irmã franciscana de Washington, Estados Unidos, diretora de Estudos Católicos da Universidade de Georgetown, onde também é professora visitante. Foi pesquisadora sênior no Woodstock Theological Center, concentrando-se na área de Ciência e Religião, além de professora e coordenadora de Estudos da Espiritualidade no Washington Theological Union, onde lecionou as disciplinas de História do Cristianismo, Teologia Franciscana e Ciência e Religião. É doutora em Teologia Histórica pela Universidade de Fordham e em Farmacologia pela Rutgers University-New Jersey Medical School.

A docente escreveu vários livros, entre eles *Care for Creation: a Franciscan Spirituality of the Earth* (Cuidar da Criação: a espiritualidade franciscana da Terra – Cincinnati: St. Anthony Messenger Press, 2008), em coautoria com Keith Douglass Warner e Pamela Wood – a obra recebeu dois Catholic Press Book Awards em 2009. Seus livros mais recentes são *God, Evolution and the Power of Love* (Deus, Evolução e o Poder do Amor – Maryknoll: Orbis, 2013) e *From Teilhard to Omega: Cocreating an Unfinished Universe* (De Teilhard a Omega: co-criando um universo inacabado – Maryknoll: Orbis, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são as linhas gerais que fundamentam sua concepção de evolução?

Ilia Delio – Eu entendo a evolução como um processo de revelação da vida, a qual segue uma interação

dinâmica de convergência, complexidade e consciência. A evolução é um movimento em direção a formas de

vida mais complexas que, em pontos críticos do processo evolutivo, trazem diferenças qualitativas.

IHU On-Line – A partir dessa definição, no que consiste a *evolução consciente*?

Ilia Delio – Uma vez que a pessoa humana surge da evolução, a evolução é história humana. Teilhard de Chardin disse que a evolução é o aumento da consciência; isto é, a natureza evolui com propósito ou direção. O surgimento da pessoa humana na evolução significa que estamos agora evoluindo no nível de autoconsciência. Nossas escolhas para o futuro terão impacto sobre o sentido da evolução. A pessoa humana tem uma posição de fronteira na evolução. Com o ser humano, a mente reflete sobre a matéria. Assim, é importante a forma como pensamos e aquilo que pensamos. Essencialmente, isso é o que eu entendo por “evolução consciente”.

IHU On-Line – Em que medida tal perspectiva se conecta às concepções de um *universo dinâmico* e de um *Deus dinâmico*?

Ilia Delio – Teilhard acreditava que havia um poder no universo físico evoluindo para uma vida mais complexa. Ele chamou isso de poder “Ômega”, ou Deus-Ômega. Suas ideias refletem seu profundo compromisso com o cristianismo e sua base fundamental na Encarnação. Deus cria entrando em união. Criação e encarnação são duas dimensões do amor incondicional de Deus, o que significa que, a partir de uma perspectiva de fé, este universo não é apenas um mecanismo ou mero acaso. Ele tem significado e propósito, e seu significado é a plenitude em Cristo – uma ideia encontrada nos escritos de São Paulo¹.

IHU On-Line – Como a *compreensão das pessoas como “devires dinâmicos”* pode contribuir para nos tornarmos mais conscientes e responsáveis por nossas ações? É possível falar em “co-criação”?

Ilia Delio – Somos seres dinâmicos porque a evolução é um processo inacabado, o que significa que ainda não estamos completos; nós ainda estamos sendo criados. É por isso que é essencial estarmos cientes do nosso papel na evolução, em sintonia com a inteligência mais profunda da natureza, e de que somos chamados a expressar criativamente nossos dons na evolução de nós mesmos e do mundo. O termo *co-criador* é muito apropriado. Quando agimos, nós participamos nas ações de Deus, ou, podemos dizer, Deus opera em e através de nós.

IHU On-Line – Quais são as influências de Teilhard de Chardin e Raimon Pannikar² em sua formação religiosa e acadêmica?

ção dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/1o5Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Raimon Pannikar (1918-2010): padre e teólogo espanhol. Durante sua carreira acadêmica, teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos

Ilia Delio – Fui muito influenciada por Teilhard e Pannikar. Teilhard foi um gênio espiritual, místico e cientista que teve profundos “insights” sobre a relação entre Deus e o universo físico. Eu não acho que ele tenha sido adequadamente compreendido. Pannikar também foi um pensador místico e profundo. Pannikar e Teilhard são muito diferentes e, ainda, complementares em suas abordagens sobre o mistério de Cristo.

IHU On-Line – Em que aspectos tais ideias oferecem uma nova compreensão de Jesus?

Ilia Delio – Teilhard sentiu que a nossa Cristologia tinha se tornado muito desatualizada; Pannikar sentiu o mesmo. Pannikar escreveu que “uma cristologia surda aos gritos humanos é incapaz de pronunciar a palavra de Deus”. Teilhard disse que ainda estamos ensinando uma cristologia baseada em uma cosmologia antiga; ela tornou-se irrelevante. Ele viu que Jesus surge por meio da evolução; de fato, Cristo e o Big Bang³ são indissociáveis. Ele fala de uma “terceira natureza” de Cristo, significando que Cristo está relacionado com o cosmos. A evolução é a ascensão de Jesus, o Cristo. Mas, como disse Pannikar, Cristo é

de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Foi membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris, França) e presidente do Vivarium - Centro de Estudos Interculturais da Catalunha. Há um amplo material no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU dos quais destacamos: *Superar a cristologia tribal, o desafio proposto por Raimon Pannikar*, disponível em <http://bit.ly/1LMqMEm>; *Raimon Pannikar: diálogo e interculturalidade*, disponível em <http://bit.ly/1LMqTjp>; *Raimon Pannikar, teólogo da dissidência*, disponível em <http://bit.ly/1rQV2DS>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Big Bang: a teoria do Big Bang, ou Grande Explosão, foi sugerida primeiramente pelo padre cosmólogo belga Georges-Henri Édouard Lemaître (1894-1966), quando expôs uma teoria propondo que o Universo teria tido um início repentino. A teoria do Big Bang, entretanto, não implica em demonstrar que algo explodiu ou que uma explosão foi a causa dessa dilatação ainda hoje observável, já que as lentes dos modernos telescópios espaciais usados atualmente permanecem descrevendo um resultado de explosão (uma fuga cósmica). Embora a Teoria do Big Bang seja a mais aceita pelos cientistas para explicar o início do universo, algumas contradições se mantêm. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à persegui-

maior que Jesus; Cristo abraça todo o cosmos. Nós também somos parte do mistério de Cristo.

IHU On-Line – Quais são as críticas principais do Vaticano a esse respeito?

Ilia Delio – Eu não tenho certeza, mas o Vaticano fica nervoso quando teólogos alteram ou desafiam algum dogma estabelecido. Tudo está fixo e em seu lugar, e todas as ideias novas podem desmontar toda a história. Eu acredito que o Vaticano prefere ideias testadas longamente em vez de coisas novas.

IHU On-Line – Por que ideias como essas desagradam tanto a ortodoxia da Igreja?⁴

Ilia Delio – Eu acho que pelas mesmas razões por que algumas pes-

⁴ "Os críticos acusam que a visão otimista de Teilhard com relação à natureza flerta com o panteísmo. Em 1962 - sete anos após sua morte -, o escritório doutrinal do Vaticano publicou um aviso de que o seu trabalho "abunda em tais ambiguidades e, de fato, até mesmo em graves erros, de forma a ofender a doutrina católica". Isto porque, sua teologia evolucionária afirmava que toda criação se desenvolve rumo a um "Ponto Ômega" - Cristo ou Logos, o que ia contra a concepção de pecado original. Mais sobre isso na matéria Papa cita Teilhard e sua visão do cosmos como "hóstia viva", do National Catholic Reporter, publicado em 29-07-2009 no sítio do IHU, em <http://bit.ly/teilhard2009ihu> "(Nota da IHU On-Line).

soas ainda defendem o geocentrismo ou um cosmos centrado na Terra. Aceitar radicalmente novas ideias é perturbador. Seria preciso mudar a estrutura inteira de pensamento sobre as coisas de Deus, eu e o mundo. Preferimos uma velha ideia irrelevante a um novo relevante.

IHU On-Line – Qual é o papel das integrantes da *Leadership Conference of Women Religious* – LCWR na vocação de dar à luz a Deus?

Ilia Delio – Elas estão discernindo, em espírito de oração, a obra do Espírito na vida religiosa hoje. Elas estão conscientes de que nossas escolhas impactam não apenas a vida da Igreja e a vida do mundo, mas a direção da própria evolução. À medida que enfrentamos graves problemas ambientais, as religiosas estão tentando ver a melhor forma de viver o Evangelho como a Boa Nova de um Deus de amor em um mundo que ainda está se desenrolando.

IHU On-Line – Quais são os maiores desafios da vida religiosa?

Ilia Delio – Os maiores desafios na vida religiosa hoje são manter uma abertura para a obra do Espírito que está dentro de nós. Eu diria que os desafios são estes:

- Esteja aberto a mudar. Perceba que nada é fixo. Esteja aberto a novas ideias e insights.

- Perceba que tudo está ligado a tudo.
- Busque formar novos padrões de relacionamentos. Quando chegar a hora certa, deixe ir embora o que não gera vida e encontre novos padrões de relacionamento que aprofundem a vida. Isto é, quando as necessidades mudam, mudam também as estruturas.

Leia mais...

- *Ilia Delio, uma teóloga e sua evolução*. Reportagem publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nas **Notícias do Dia**, de 17-07-2014, disponível em <http://bit.ly/1pvuKTe>;
- *LCWR: religiosas devem "evoluir", como ensina a história do universo*. Reportagem publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nas **Notícias do Dia**, de 17-08-2013, disponível em <http://bit.ly/1rQXsIT>;
- *Fé e evolução, binômio possível*. Reportagem publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nas **Notícias do Dia**, de 02-09-2008, disponível em <http://bit.ly/1pvvpnl>.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Por uma evolução consciente, dinâmica e proativa

Diarmuid O'Murchu acredita que a consciência permite ao ser humano aprender a fluir com o processo criativo da evolução, assumindo também o papel de criador

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: WALTER SCHLUPP

Sempre que se recorre ao termo “evolução”, é quase inevitável remeter ao lastro com o darwinismo. Um pensamento relacionado à abordagem da seleção natural e em certo determinismo no ambiente sob o qual as espécies têm pouco ou nenhum controle. Para Diarmuid O'Murchu, no entanto, os novos tempos evocam uma outra consciência, com “uma compreensão mais dinâmica da evolução como característica de um universo onde tudo floresce através do processo de crescimento-mudança-desenvolvimento”. Um processo evolutivo do qual o humano pode participar de forma proativa. Uma evolução consciente.

Isso não significa, no entanto, que os seres humanos, agora, possam “optar por dirigir a evolução para a satisfação de todas as necessidades e aspirações humanas”. O pensador, ao contrário, evita a retomada do antropocentrismo e defende o uso desta nova consciência para “aprender a fluir com o processo criativo da evolução, tornando-nos co-criadores junto com um processo maior do que nós mesmos”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, O'Murchu aborda a confluência entre ciência, religião e espiritualidade indígena, a relevância do pensamento de Teilhard de Chardin para pensar a evolução consciente, o empoderamento da fé e, por que não, do

surgimento de uma fé evolucionária — que nada mais seria do que uma mudança de paradigma que já se reflete em nossa compreensão da religião e espiritualidade.

Desta forma, redescobrimos um Deus que se afasta da ideia de “um macho imperioso, governando e julgando dos altos céus, para concebê-lo como divina força de vida que anima e empodera dentro da própria criação cósmica”. Algo próximo à visão que os grandes místicos ou povos tradicionais tinham na crença do Grande Espírito. Porém, ele salienta: “Tudo isso não deve ser confundido com panteísmo, o qual implica que Deus nada é além da criação material”.

Diarmuid O'Murchu é psicólogo social e membro da Sociedade dos Missionários do Sagrado Coração. Durante anos atuou no aconselhamento de casais, portadores de HIV, moradores de rua e refugiados. Agiu ainda como facilitador da organização de grupos para propagação da fé em países como Europa, Estados Unidos, Austrália, Filipinas, Tailândia, Índia e Peru. Entre suas obras, destacamos *Christianity's Dangerous Memory* (New York: The Crossroad Publishing Company, 2011), *In the Beginning was the Spirit* (New York: Orbis Books, 2012) e *God in the Midst of Change* (New York: Orbis Books, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender a evolução consciente?

Diarmuid O'Murchu - O termo está um tanto mal definido. É uma tentativa de reagir de forma mais adequada e responsável a um novo tipo de consciência a inundar nosso mundo hoje. Agora que vivemos num planeta

interconectado, saturado de informações novas, que aumentam em ritmo exponencial, mais pessoas se conscientizam, a um ponto como nunca se viu antes. Portanto, a palavra consciente refere-se basicamente a essa inundação de uma nova consciência a atingir todo mundo de diferentes maneiras.

Em segundo lugar, o conceito de *evolução* tem sido identificado com a abordagem darwiniana, com ênfase na seleção natural e na sobrevivência do mais forte, que envolve certo determinismo, impulsionada por fatores externos, sobre os quais os seres humanos têm pouco ou nenhum

controle. A nova consciência do nosso tempo evoca uma compreensão mais dinâmica da evolução como característica de um universo onde tudo floresce através do processo de crescimento-mudança-desenvolvimento. Os seres humanos não só estão muito mais conscientes desse processo, mas também sentimos que podemos participar dele de forma proativa, em vez de sermos suas vítimas, determinadas pelo processo (como na abordagem do gene egoísta de Richard Dawkins¹).

Uma das questões problemáticas que surgem aqui é que alguns defensores da evolução consciente parecem estar sugerindo que os seres humanos agora podem optar por dirigir a evolução para a satisfação de todas as necessidades e aspirações humanas. Para mim, isso se aproxima perigosamente de um novo antropocentrismo imperioso. Em vez disso, sugiro eu, precisamos usar nossa nova consciência para aprender a fluir com o processo criativo da evolução, tornando-nos co-criadores junto com um processo maior do que nós mesmos².

IHU On-Line - Qual é a importância e relação de uma fé “empoderada” para entendermos esse conceito?

1 Richard Dawkins [Clinton Richard Dawkins] (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor britânico, nascido no Quênia. Catedrático da Universidade de Oxford, é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo “meme”, o que ajudou na criação da memética. Em 1982, realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O fenótipo estendido*. Desde então escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Por sua intransigente defesa à teoria de Darwin, recebeu o apelido de “rottweiler de Darwin”, em alusão ao apelido de Thomas H. Huxley, que era chamado de “bulldog de Darwin” (Darwin’s bulldog). Esteve envolto em grande polêmica por conta das ideias contidas em sua obra *Deus, um delírio* (São Paulo: Cia das Letras, 2007). Confirma o debate sobre diversas de suas ideias na edição 245 da IHU On-Line, de 26-11-2007, intitulada *O novo ateísmo em discussão*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon245>. (Nota da IHU On-Line)

2 Muito mais sobre esse assunto num ensaio em meu site www.diarmuid13.com. (Nota do Entrevistado)

Diarmuid O’Murchu - Eu desenvolvo a noção de empoderamento a partir da minha compreensão da noção cristã do Reino de Deus (mais em meu livro *Christianity’s Dangerous Memory*³). Trata-se de um antídoto contra a dominação imperiosa tão endêmica não só no cristianismo, mas em muitas grandes religiões. Empoderamento nesse contexto sugere o convite tanto quanto desafio de trabalhar de forma proativa e criativa com a criação a evoluir dentro e ao redor de nós, optando, assim, por tornar-nos partícipes criativos e não observadores passivos, em grande parte. Tal mudança, obviamente, não é possível sem toda uma mudança de paradigma em nossa compreensão da política, da economia, da política social, educação e religião. E essa mudança não será uma opção feita conscientemente por seres humanos que detêm o poder. A mudança vai exigir o colapso das grandes instituições, para serem substituídas no momento oportuno por redes mais fluidas, flexíveis e criativas. *Networking* é uma dimensão fundamental da nova capacitação evolutiva (como vigorosamente mostrado por Paul Hawken⁴ em seu livro *Blessed Unrest*⁵).

IHU On-Line - Em que sentido se pode falar em uma “fé evolucionária” e numa redescoberta de Deus?

Diarmuid O’Murchu - Em termos simples, estou me referindo à mudança de paradigma que já está transpirando em nossa compreensão da religião e da espiritualidade. Ela não é reconhecida pela maioria das Igrejas ou religiões formais, sendo que algumas resistem a ela com unhas e dentes. A mudança se manifesta num afastamento da natureza estática e dogmática da religião formal, para uma aceitação maior da provisoriada-

de e da natureza culturalmente determinada de tanta coisa que tomamos como verdade revelada em caráter definitivo. A redescoberta de Deus está se afastando da ideia de que ele seria como um macho imperioso, governando e julgando dos altos céus, para concebê-lo como divina força de vida que anima e empodera dentro da própria criação cósmica. Parece que este é o entendimento do Mistério Sagrado abraçado por muitos grandes místicos em todas as tradições religiosas e amplamente adotado pelos povos indígenas em sua crença no Grande Espírito (mais em meu livro *In the Beginning was the Spirit*⁶). Tudo isso não deve ser confundido com panteísmo, o qual implica que Deus nada é além da criação material.

IHU On-Line - O que é um cristão “pós-colonial” e qual é a importância dessa ideia para uma nova compreensão do cristianismo em nossa época?

Diarmuid O’Murchu - Pós-colonialismo⁷ é um campo relativamente novo de estudo sobre o resíduo do impacto colonial, convidando a uma crítica e a uma reavaliação sobre por que nos apegamos ao que foi imposto no passado colonial — não confundir com neocolonialismo, que descreve as formas contemporâneas de colonização. Por exemplo, na maior parte das Igrejas Cristãs o/a clérigo/a, ao presidir cerimônias religiosas formais, usa um traje (vestes sacerdotais) cujo modelo foram as roupas usadas pela elite masculina na sociedade romana dos séculos IV a VI. Por que nos agarramos tanto a essa pompa? E qual é a opressão internalizada que nos mantém coniventes com essa opressão?

Há vários elementos nos evangelhos cristãos e, mais especificamente, na história cristã, que estão embuti-

3 *Christianity’s Dangerous Memory: A Rediscovery of the Revolutionary Jesus* (New York: The Crossroad Publishing Company, 2011). (Nota da IHU On-Line)

4 Paul Hawken (1946): ativista do meio ambiente, jornalista e empreendedor estadunidense. (Nota da IHU On-Line)

5 *Blessed Unrest: How the Largest Social Movement in History Is Restoring Grace, Justice, and Beauty to the World* (London: Penguin Books, 2008). (Nota da IHU On-Line)

6 *In the Beginning Was the Spirit: Science, Religion and Indigenous Spirituality* (New York: Orbis Books, 2012). (Nota da IHU On-Line)

7 O Instituto Humanitas Unisinos - IHU tem amplo material sobre a temática entre eles a Revista IHU On-Line edição 431, *Pós-colonialismo e pensamento descolonial. A construção de um mundo plural*, disponível em <http://bit.ly/1tSoEQM>. (Nota da IHU On-Line)

dos na mentalidade colonial de passividade e subserviência (por exemplo, a forte ênfase sobre a realeza patriarcal [*patriarchal kingship*]). Esses elementos não precisam apenas ser desafiados, mas abandonados cedo ou tarde, já que cada vez mais parecem estar em sério conflito com a visão libertadora e emancipadora do Jesus histórico tal como articulada na visão do Reino de Deus (o Companheirismo do Empoderamento [*Companionship of Empowerment*]). Muito mais sobre este tema complexo, mas inspirador, consta no meu livro *On Being a Postcolonial Christian*⁸, publicado em 2014 pela Amazon.

IHU On-Line - Como ciência, religião e a espiritualidade indígena confluem e se complementam? Que aprendizados podemos tirar desse diálogo para uma evolução de nossas sociedades?

Diarmuid O'Murchu - A complementaridade da ciência, da religião e da espiritualidade indígena é explorada em detalhes no meu livro *In the Beginning was the Spirit*. O enriquecimento mútuo desse processo destaca vários aspectos do que hoje chamamos de evolução consciente. Entre eles:

a) O desejo de superar toda divisão dualista (por exemplo, terra x céu; corpo x corpo, matéria x espírito). A nova cosmologia vê toda a vida como uma, uma realidade de vida que não deve ser dividida em distinções binárias superficiais.

b) Um dualismo desses é a de avançado x primitivo. As pessoas de culturas indígenas têm sido consideradas como semi-humanas ou até mesmo não humanas. (Apenas na década de 1960 o governo australiano elevou os aborígenes ao status de ser humano; até então eram classificados como “flora e fauna”).

c) Povos indígenas de todo o nosso mundo têm a crença básica de que o sentido último é aquilo que eles descrevem como O Grande Espírito, uma divina força de vida que reside

não num paraíso distante, mas está profundamente presente na própria terra viva, servindo como energia originadora e empoderadora, que orienta e empodera tudo na criação. Combinando esse conhecimento com as principais ideias da Física Quântica, começa-se a ver o enorme potencial de fertilização cruzada de ideias entre religião (mais precisamente, Espiritualidade) e ciência.

IHU On-Line - A evolução consciente já é uma realidade? Que esperanças essa ideia traz para a existência no Universo?

Diarmuid O'Murchu - Como afirmei na minha resposta à primeira pergunta, evolução consciente é uma influência generalizada de nosso tempo. Ela levanta a questão: O que queremos dizer com *consciência*? Este é um tema extremamente interessante e controverso na ciência, na filosofia e na psicologia. No mundo acadêmico, Daniel Dennett⁹ continua sendo o grande nome; para ele, consciência consiste na interação de entidades atômicas semelhantes no cérebro humano (chamadas *qualia*). Portanto, a consciência, segundo Dennett, é um conjunto de comportamentos mentais humanos, nada mais do que isso.

No outro extremo do espectro, está a crença de que a consciência integra, em primeiro lugar, o universo e a energia criativa que anima e sustenta tudo na criação¹⁰. Este é o entendimento esposado pela maioria dos defensores da evolução consciente, sendo que a Física Quântica certamente apoia esse ponto de vista. Em relação ao antropocentrismo, um desafio que sucede daí é colocar em primeiro lugar a criação (cosmos e o planeta) em nossa compreensão de

tudo na vida, ou seja, na perspectiva espiritual, tentar superar o impacto destrutivo do nosso pretensioso antropocentrismo.

IHU On-Line - Qual é a importância das ideias do jesuíta Teilhard de Chardin¹¹ para pensarmos e discutirmos a evolução consciente?

Diarmuid O'Murchu - Teilhard foi um dos primeiros a introduzir a noção de evolução no mundo cristão em geral e em particular no catolicismo. No entanto, a compreensão de Teilhard é bastante antropocêntrica e o Jesus cristão é visto como epítome do processo evolutivo para todos. Muitos defensores contemporâneos da evolução consciente incluiriam Teilhard entre suas fontes de inspiração. Para uma compreensão contemporânea de Teilhard, vide o trabalho pioneiro da teóloga americana Ilia Delio¹².

¹¹ **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU de 16 a 19-05-2005. A edição 140 da *IHU On-Line*, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, chamada *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Ilia Delio**: é uma irmã franciscana de Washington, Estados Unidos, diretora de Estudos Católicos da Universidade de Georgetown, onde também é professora visitante. Foi pesquisadora sênior no Woodstock Theological Center, concentrando-se na área de Ciência e Religião, além de professora e coordenadora de Estudos da Espiritualidade no Washington Theological Union, onde lecionou as disciplinas de História do Cristianismo, Teologia Franciscana e Ciência e Religião. É doutora em Teologia Histórica pela Universidade de Fordham e em Farmacologia pela Rutgers University-New Jersey Medical School. O IHU possui amplo material sobre a autora no sítio dos quais destacamos: *Ilia Delio, uma teóloga e sua evolução*. Re-

⁹ **Daniel Clement Dennett** (1942): filósofo norte-americano cujas pesquisas estão direcionadas à filosofia da mente e da biologia. Confira a entrevista concedida por Dennett à edição 300 da *IHU On-Line*, em 13-07-2009, intitulada *Não fomos criados à semelhança de Deus: ele é que foi criado à nossa semelhança*, disponível em <http://bit.ly/ihuon300>. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Roger Penrose**, *Consciousness and the Universe: Quantum Physics, Evolution, Brain & Mind*. (Cambridge: Cosmology Science Publishers, 2011). (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ *On Being a Postcolonial Christian: Embracing an Empowering faith* (CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Qual é a contribuição da reflexão da evolução consciente para o debate sobre o pós-humanismo e o transumanismo?

Diarmuid O'Murchu - Alguns poderiam descrever o pós-humano como o lado sombrio da evolução consciente. Se entendermos o pós/transumano em termos de avanços

portagem publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nas Notícias do Dia, de 17-07-2014, disponível em <http://bit.ly/1pvuKTe>; *LCWR: religiosas devem "evoluir", como ensina a história do universo*. Reportagem publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nas Notícias do Dia, de 17-08-2013, disponível em <http://bit.ly/1rQXsLT>; *Fé e evolução, binômio possível*. Reportagem publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nas Notícias do Dia, de 02-09-2008, disponível em <http://bit.ly/1pvvpnl>. (Nota da IHU On-Line)

que buscam integrar o ser humano com a tecnologia (tecnicamente chamado de cyborg), então podemos considerar dois cenários:

a) Damos suporte ao avanço da medicina e dos cuidados de saúde para melhorar a dignidade e o valor da pessoa humana — desde que não seja à custa de outras criaturas terrestres (o que geralmente é o que acontece na globalização moderna).

b) Existe a possibilidade de o próprio ser humano ditar e controlar sua futura saúde e bem-estar, através da adoção de cada vez mais dispositivos biotecnológicos. Podemos pensar num exemplo benigno, como o marca-passo cardíaco, que a maioria das pessoas aceita sem quaisquer preocupações éticas. Mas como ficam

os implantes cerebrais que as próprias pessoas serão capazes de inserir dentro de poucos anos — dispositivos tecnológicos que podem alterar a longevidade humana, o processo de pensamento, traços de personalidade etc? Obviamente, uma questão ética grave é que algumas pessoas poderão ter acesso a esses avanços enquanto milhões talvez não consigam adquiri-los. Em todos esses casos, quem vai exercer o monitoramento ético? Muitos não confiam que os governos de maior evidência façam isso de modo imparcial, ou de uma forma verdadeiramente informada. A questão se o pós/transumano será um avanço evolutivo ou uma nova monstruosidade antropocêntrica ainda é muito incerta e obscura.

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações
[facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

Instituto Humanitas Unisinos
 9.267 curtiram · 1.510 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
 Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
 Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
 Para entrar em contato, envie e-mail para:

Sobre - Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" 9.267 Eventos Promoções

Destaque

Instituto Humanitas Unisinos atualizou sua foto de capa.
 há 45 segundos

A foto de capa retrata um momento da anual "Festa das luzes" sobre a tumba do poeta sufi Shah Hussein, em Lahore, no Paquistão. Shah Hussein (1538-1599) é comumente conhecido

25 Amigos
 curtiram Instituto Humanitas Unisinos

Agora
 2013
 2012
 2011
 Fundada em

MBA FGV
 decision.edu.br

MBA FGV
 Faça MBA na FGV POA ou NH e destaque-se no mercado de trabalho. Clique e inscreva-se.

Academia Social
 Aprenda como atrair 10 mil fãs Reais para sua página? Clique curtir e saiba como. Moto Taxi curtir Ignição Digital.

Economia em descompasso: Modelos éticos e a evolução consciente

Hazel Henderson destaca as dificuldades para a economia vislumbrar as relações de integração com o planeta e com o outro, em um ecossistema integrado e plural

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: MOISÉS SBARDELOTTO

Do descompasso entre economia e sociedade eclodiu a crise econômica de 2008. Desde então, os economistas têm se debruçado para produzir políticas de reforma que respondessem às necessidades contemporâneas. Para a futurista Hazel Henderson, no entanto, estas tentativas têm sido em vão. Isto porque, para ela, não houve nenhuma aproximação entre o conceito de evolução consciente e economia.

“As premissas econômicas e os modelos obsoletos aplicados às finanças contribuíram para as crises, enquanto os remédios estreitos não conseguiram fomentar a recuperação”, propõe. Para ela, uma economia consciente precisa levar em conta a integração de “todas as economias” do planeta, e desta com a própria biosfera do planeta. O pensamento econômico tradicional, no entanto, dá vazão a um sistema estático de pressupostos sobre a natureza humana, que ignora as possibilidades da nossa evolução para além da competição.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Henderson aborda seu conceito de economia do amor acompanhada do movimento *open-source*, a evolução verde (e as energias renováveis) como prova da evolução consciente da humanidade, e o modo como os movimentos de autoempoderamento e de reforma social, como o 15-M na Espanha ou

o *Occupy* nos Estados Unidos, representam “mudanças rumo à evolução consciente por parte de milhões de indivíduos”.

Hazel Henderson é colunista internacional e consultora de desenvolvimento sustentável. Como editora das publicações *Futures* (Reino Unido) e *WorldPaper* (EUA), ela participa de muitos conselhos, inclusive do *Worldwatch Institute* e do Fundo Calvert de Investimento Social, ajudando a criar os Indicadores da Qualidade de Vida Calvert-Henderson. Foi assessora da National Science Foundation e do U.S. Office of Technology Assessment, de 1974 até 1980. Seu trabalho pode ser conferido na página www.hazelhenderson.com. Dos seus vários livros, foram publicados no Brasil *Transcendendo a Economia* (São Paulo: Cultrix, 1991), *Construindo um mundo onde todos ganhem* (São Paulo: Cultrix, 1996) e *Além da globalização: modelando uma economia global sustentável* (São Paulo: Cultrix, 1999).

A economista Hazel Henderson participou, em 2005, aqui na Unisinos, do “Simpósio Internacional Terra Habitável”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. Na edição 58 do Cadernos IHU foi publicado o artigo Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades, disponível em <http://bit.ly/ihuid58>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quando e em que circunstâncias se deu a aproximação entre o conceito de evolução consciente e economia?

Hazel Henderson – Não houve nenhuma aproximação entre o conceito de evolução consciente e economia! Esse é o principal problema e

a razão pela qual a profissão de economia não está conseguindo produzir políticas de reforma depois das crises financeiras de 2008. As premissas econômicas e os modelos obsoletos aplicados às finanças contribuíram para as crises, enquanto os remédios estreitos – austeridade ou estímulo

– não conseguiram fomentar a recuperação. Eu examinei a pesquisa científica recente que, agora, invalidou todos os princípios fundamentais da economia. Estes se revelam demasiadamente estreitos para aceitar o fato de que todas as “economias” estão incrustadas nas sociedades, que, por

sua vez, estão incrustadas na biosfera do nosso planeta Terra¹.

IHU On-Line – Em que medida a evolução consciente nos oferece elementos para repensar e problematizar o campo da economia?

Hazel Henderson – A evolução consciente é uma importante ferramenta conceitual que reflete as realidades da evolução humana desde os nossos tempos mais remotos. Claramente, os seres humanos evoluíram a partir de tribos nômades para agricultura fixa, aldeias, vilas, cidades, nações, corporações globais e as Nações Unidas. Tal evolução não teria sido possível sem a nossa consciência constantemente em expansão a respeito da nossa situação, do ambiente e da emergência dos milhões de “cidadãos planetários” que vemos hoje. A economia é um sistema estático de pressupostos sobre a natureza humana, que ignora as possibilidades da nossa evolução para além da competição, incluindo a vinculação, a cooperação, a partilha e as possibilidades que Charles Darwin² viu de crescente altruísmo. A economia roubou a seleção natural através do fitness das espécies de Darwin e a renomeou como “a sobrevivência do mais apto” (indi-

víduo!), dando origem, assim, à ideologia do darwinismo social.

IHU On-Line – Nesse sentido, como podemos compreender adequadamente uma economia verde? Ela é uma das expressões dessa evolução consciente?

Hazel Henderson – A economia verde (para além da ciência econômica [economics]) é a expressão da evolução do uso humano da energia: das rodas d’água, da força animal agrícola e da escravidão à madeira, ao carvão, ao óleo de baleia, ao petróleo e ao urânio. Por fim, em vez de cavar a Terra em busca da nossa energia, estamos olhando para cima³ e aprendendo a colher o fluxo diário e gratuito de fótons do nosso Sol de forma tão eficiente quanto as plantas na sua invenção da fotossíntese, que fornece toda a alimentação humana. Essa também é a prova da evolução consciente da humanidade.

IHU On-Line – Qual é o espaço dos mercados éticos numa sociedade de economia financeirizada e globalizada?

Hazel Henderson – Os mercados estão profundamente enraizados em todas as sociedades desde os tempos tribais e nômades. Mas eles eram locais, face a face e sempre culturalmente enraizados, permitindo a confiança sem a qual os mercados não poderiam existir. Como as sociedades evoluíram para grupos e empresas maiores, os mercados utilizaram os símbolos monetários para além das simples trocas e intercâmbios nas aldeias. Finalmente, nós temos agora moedas altamente abstratas e mercados de valores mobiliários que estão muito distantes da produção primária das sociedades humanas. Assim, a confiança e a ética se perdem, enquanto as finanças continuam a divergir das realidades da produção real.

Se os mercados devem sobreviver, eles precisam restaurar a confiança e a ética. A minha empresa, a Ethical Markets® Media (EUA e Brasil), foi fundada para informar sobre a extensão em que a responsabilidade, a ética e a total responsabiliza-

ção humanas pelos danos sociais e ambientais também podem evoluir. Relatamos tais reformas éticas e as encorajamos a partir do nosso site, da série de TV⁴ Transforming Finance, do nosso Green Transition Scoreboard⁵ [medidor que acompanha o avanço da economia verde], dos Principles of Ethical Biomimicry Finance⁶ [metodologia para identificar tecnologias e empresas que aceleram a transição verde] e do prêmio EthicMark⁷ para publicidades que elevam o espírito e os potenciais humanos para o nosso futuro.

IHU On-Line – Em uma entrevista concedida à IHU On-Line em 2009, você afirma que o capitalismo evolui “rumo a níveis mais elevados de consciência em decorrência do colapso de seu maluco cassino global”. De lá para cá, houve algum avanço nesse sentido?

Hazel Henderson – Desde 2009, reportamos muitos dos sinais de que o capitalismo pode evoluir, pois eu acredito que os colapsos impulsionam os avanços e que o estresse é a ferramenta da evolução. Desde a crise financeira, poucas reformas ocorreram no cassino global. Assim, pequenos investidores fugiram, levando de volta bilhões das suas economias para empreendimentos locais, cooperativas de crédito, pequenas empresas comunitárias, microfinanças, mercados de agricultores, coabitação, partilhas, trocas e moedas locais. Gestores de bens socialmente preocupados renunciaram aos combustíveis fósseis, à energia nuclear e a outras atividades destrutivas, respondendo aos estudantes e a movimentos sociais como o Fórum Social Mundial e o Occupy Wall Street⁸. Mas o júri ainda quer

1 Veja o meu e-book Mapping the Global Transition to the Solar Age, que pode ser baixado gratuitamente em www.ethical-markets.com; clique na capa, no canto superior direito da página inicial. (Nota da Entrevistada)

2 **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de **Charles Darwin**, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da IHU On-Line, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-09-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da IHU On-Line)

3 Ver o vídeo GTS3 <http://bit.ly/gts3ihu>. (Nota da Entrevistada)

4 Ver <http://www.ethicalmarkets.tv/>. (Nota da Entrevistada)

5 Ver <http://bit.ly/gtsscoreboard>. (Nota da Entrevistada)

6 Ver <http://www.ethicalbiomimicryfinance.com>. (Nota da Entrevistada)

7 Ver <http://bit.ly/ihuwbac>. (Nota da Entrevistada)

8 **Occupy**: série de protestos mundiais iniciados no dia 15 de outubro de 2011, a partir da ocupação de *Wall Street*, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento *Occupy*. O movimento se espalhou por várias cidades do mundo, organizado por coletivos locais, organizações de bairro ou movimentos sociais, os quais propunham alternativas de desenvolvi-

saber se o capitalismo sobreviverá ou vai dar lugar a não remunerada “Economia do amor” que eu descrevo e vai se juntar aos “bens colaborativos” descritos por Jeremy Rifkin⁹ no seu *The Zero Marginal Cost Society*¹⁰ (Hampshire: Palgrave Macmillan Trade, 2014).

IHU On-Line – Em que sentido a “economia do amor” e a evolução consciente estabelecem um contraponto para o modelo econômico global atual?

Hazel Henderson – Essas tendências voltadas à partilha, à cooperação e ao cuidado são agora acompanhadas pelo movimento *open-source* e de mídia social, oferecendo muitas oportunidades para avançar rumo a sociedades mais verdes, mais equitativas e mais ricas em conhecimento, como eu descrevo em todos os meus livros.

mento voltadas à preservação do planeta e ao consumo consciente de produtos, opondo-se à especulação financeira e à ganância econômica. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Jeremy Rifkin** (1945): escritor estadunidense, atualmente é membro do *Wharton Scholl's Executive Education Program*, onde ministra sobre as novas tendências na ciência e na tecnologia e de suas influências na economia e na sociedade. Presidente da *Fondation on economic trends*, em Washington, ele é crítico ferrenho da energia nuclear e de organismos geneticamente modificados. Também é autor do livro *A economia do hidrogênio* (São Paulo: Makron Books, 2003) e *A era do acesso* (São Paulo: Makron Books, 2005). (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Ver <http://bit.ly/zmcsihu>. (Nota da Entrevistada). O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a resenha *Contra a crise, a partilha* de Zygmunt Bauman, disponível em <http://bit.ly/1uyLssU>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – À luz das ideias da evolução consciente, como analisa os movimentos de contestação ao capitalismo, como o Occupy Wall Street, os indignados, o 15-M¹¹ e os protestos desencadeados em junho de 2013 no Brasil?

Hazel Henderson – Eu vejo os novos movimentos de autoempoderamento e de reforma social como mudanças rumo à evolução consciente por parte de milhões de indivíduos, seja os “indignados”, o Occupy Wall Street, o Fórum Social Mundial, até as explosões da Primavera Árabe, os protestos contra os custos dos estádios da Copa do Mundo no Brasil e os estudantes no Chile, na Europa e nos Estados Unidos – todas baseadas em uma maior conscientização das possibilidades humanas.

IHU On-Line – Em que medida a concepção de evolução consciente oferece uma perspectiva otimista sobre o futuro do capitalismo frente a eventos como a crise de 2008?

Hazel Henderson – A evolução consciente oferece uma conscientização em expansão para os envolvidos no investimento capitalista. Os nossos Princípios de Ética Biomimética das Finanças expandem os seus modelos assim como a realidade do nosso planeta em mudança relatada a cada hora pelos satélites de observação da Terra nesta era antropocena. Os gestores de bens tiveram que aprender

¹¹ **Movimento 15-M**: também conhecido como Movimento dos Indignados, é um movimento social que surgiu na Espanha. Tem raízes nas manifestações do dia 15 de maio de 2011, que tinham como objetivo promover uma democracia mais participativa, criticando o domínio dos bancos e corporações. (Nota da IHU On-Line)

geologia, a fim de investir em energias fósseis e minerais; agora eles precisam aprender a Ciência dos Sistemas Terrestres¹², que nós relatamos diariamente em vínculo com a NASA e a Geostationary Coastal and Air Pollution Events – GEO.

Leia mais...

- “O capitalismo está evoluindo rumo a níveis mais elevados de consciência em decorrência do colapso de seu maluco cassino global”. Entrevista publicada na edição 295 da **IHU On-Line**, de 01-06-2009, em <http://bit.ly/ihuon295>
- “Não podemos ignorar nossas realizações cooperativas e seus heróis e heroínas”. Entrevista publicada na edição 141 da **IHU On-Line**, de 16-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon141>
- *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades*. Artigo publicado nos **Cadernos IHU Ideias**, nº 56, em <http://bit.ly/ihuid58>.

¹² **Ciência dos Sistemas Terrestres**: área que busca desenvolver o entendimento das interações dos componentes do sistema natural (oceanos, atmosfera, criosfera, solo-vegetação) entre si, assim como a modelagem da interação deste sistema (biogeofísica, biogeoquímica e biodiversidade) com os sistemas humanos (instituições, políticas, cultura, economia, demografia, etc.), isto é, busca entender a dinâmica da complexa interação de sistemas naturais e sociais. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

A fabricação de uma nova humanidade

Ted Chu busca nos preceitos da evolução consciente a fundamentação do argumento de que a conquista do universo é o propósito final da humanidade, e que, para isso, ela deverá se utilizar da evolução tecnológica para construir um novo ser, mais avançado e adaptável do que o atual

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS / TRADUÇÃO: CLAUDIA SBARDELOTTO

“A visão cósmica de fazer todo o universo encher-se de vida e inteligência é realmente a nossa missão, nosso objetivo final de existência. Com esta visão cósmica como princípio orientador, devemos apontar o nosso desenvolvimento futuro de forma a realizar nosso potencial transumano, que pode incluir melhorar e reforçar nosso genoma, criando robôs inteligentes e conscientes, e fundindo os ‘benefícios’ humanos com hardware e software feitos por homens em ciborgues autônomos. Há muitas maneiras de empurrar o nosso desenvolvimento pós-humano, assim como a evolução natural ‘testou’ muitos tipos diferentes de corpos antes que espécies mais sofisticadas surgissem.” A afirmação é do economista Ted Chu, que nos últimos anos tem se dedicado à investigação filosófica sobre o papel da humanidade no cosmos.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Chu expõe suas ideias sobre o propósito humano no universo e enfatiza que, para cumprir esse propósito, “precisamos de novos seres inteligentes que são muito mais capazes e flexíveis do que o nosso corpo e mente humanos existentes hoje”. “Para cumprir esse propósito, temos que transcender a nós mesmos, porque somos um produto da evolução natural, adaptado ao ambiente terrestre, e não às condições extremas do cosmos. Precisamos nos desenvolver para além de nossas atuais capacidades naturais, físicas e mentais, para sermos capazes de nos espalhar pelo cosmos. Em outras palavras, cumprir o nosso propósito cósmico é perceber o nosso potencial transumano”, propõe ele.

Por transumano, Chu entende as melhorias possíveis de serem aplicadas sobre o organismo humano, de forma a lhe atribuir novas e desejadas potencialidades. Para ele, o transumano em questão é algo positivo,

capaz de nos trazer uma *liberdade definitiva*, conceituada pelo entrevistado como a nossa libertação da *escravidão genética*. “O transumanismo não desvaloriza o ser humano. Ele mostra o potencial que um mundo pós-humano pode nos fornecer com um objetivo ainda mais nobre e mais gratificante do que a felicidade humana”, pondera Chu. Deste modo, poderíamos avançar de cidadãos nacionais para cidadãos globais, em nível planetário, e então para cidadãos cósmicos. “A possibilidade de que teremos algo melhor, muito melhor, do que os humanos atuais, está aumentando a cada dia, com o avanço da engenharia genética, da neurociência e da inteligência artificial e robótica. Nós não estamos lá ainda, mas a *evolução consciente 2.0* estará diante de nós em breve”, alega.

Ted Chu é economista nascido e criado na China. Obteve doutorado em Economia pela Georgetown University, Estados Unidos, sendo atualmente professor de Economia na *New York University*, em Abu Dhabi. Foi economista-chefe da General Motors e da Abu Dhabi Investment Authority, um dos maiores fundos de investimento do mundo, além de ocupar cargos de macroeconomista no Banco Mundial e na Arthur D. Little, empresa de consultoria estadunidense com atuação global. Nos últimos 15 anos, vem investigando, sob a perspectiva filosófica, o espaço da humanidade no cosmos e as fronteiras do progresso evolutivo. Como parte desses esforços de estudos, fundou a organização sem fins lucrativos Instituto CoBe (Cosmic Being, ou Ser Cósmico), com sede em Michigan, EUA. É autor do livro *Human Purpose and Transhuman Potential: a cosmic vision for our future revolution* (Propósito Humano e o Potencial Transumano: uma visão cósmica para a nossa revolução futura” – San Rafael: Origin Press, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são as conexões entre o propósito humano e o potencial transumano?

Ted Chu – Quando olhamos para o universo dentro do qual nascemos, verificamos um vasto lugar escuro e frio, com alguns aglomerados de pontos quentes. Até agora, encontramos apenas um lugar onde vida e inteligência surgiram, e esse lugar é o nosso planeta Terra. Se a existência da humanidade tem um propósito para além de sua própria existência, isso está sujeito a debate. É algo que as pessoas muitas vezes não pensam, mas é de importância absoluta. Se olharmos de novo para o processo evolutivo do qual nascemos, a partir de organismos unicelulares de mais de 3 bilhões de anos até hoje, não se pode deixar de notar o enorme crescimento da vida, de uma existência mínima até grandes civilizações capazes de enviar naves espaciais para fora do sistema solar. Somos a única espécie na Terra que está ciente desse fato surpreendente, e se há algum propósito humano transcendental, é este: promover o crescimento, não só na Terra, mas em todo o universo.

Para cumprir esse propósito, temos que transcender a nós mesmos, porque somos um produto da evolução natural, adaptado ao ambiente terrestre, e não às condições extremas do cosmos. Precisamos nos desenvolver para além de nossas atuais capacidades naturais, físicas e mentais, para sermos capazes de nos espalhar pelo cosmos. Em outras palavras, cumprir o nosso propósito cósmico é perceber o nosso potencial transumano.

IHU On-Line – Em que sentido essa conexão pode nos oferecer uma visão cósmica de nossa evolução futura?

Ted Chu – Já enviamos seres humanos vivos para a lua (e esperemos que a Marte em poucas décadas). Por que não podemos continuar esse esforço, enviando as pessoas para o espaço sideral? A resposta envolve custo e capacidades. Para cumprir o nosso propósito cósmico, precisamos de novos seres inteligentes que são muito mais capazes e flexíveis do que o nosso corpo e mente humanos existentes hoje.

A visão cósmica de fazer todo o universo encher-se de vida e inteligência é realmente a nossa missão, nosso objetivo final de existência. Com esta visão cósmica como princípio orientador, devemos apontar o nosso desenvolvimento futuro de forma a realizar nosso potencial transumano, que pode incluir melhorar e reforçar nosso genoma, criando robôs inteligentes e conscientes e fundindo os “benefícios” humanos com hardware e software feitos por homens em ciborgues autônomos. Há muitas maneiras de empurrar o nosso desenvolvimento pós-humano, assim como a evolução natural “testou” muitos tipos diferentes de corpos antes que espécies mais sofisticadas surgissem.

IHU On-Line – As novas tecnologias oferecem ao ser humano poderes antes atribuídos somente aos deuses?

Ted Chu – Sempre imaginei que os deuses têm poderes e capacidades desejáveis, porém inatingíveis. Mas esses são alvos móveis. Para os povos tribais primitivos, a civilização moderna já possui poderes divinos: voar entre os continentes e se comunicar de forma instantânea entre quaisquer dois pontos do planeta. Agora pode-se dizer que somente os deuses têm o poder de aproveitar a energia de todo o sol, ou de toda a Via Láctea. Mas, uma vez que os seres superinteligentes surjam, eles precisarão de uma inacreditável energia a fim de se espalhar pelo cosmos, assim como precisamos de uma grande quantidade de combustível fóssil para operar a sociedade industrial, e eles vão encontrar maneiras de utilizar a maior parte da (se não toda) energia solar.

IHU On-Line – Mas, por outro lado, as crises ambiental, econômica e social nos mostram que precisamos nos tornar responsáveis pelas nossas ações. A partir desse cenário, qual é o espaço e a possibilidade da evolução consciente em nosso tempo?

Ted Chu – Nossas atuais crises energética, econômica e ambiental têm várias causas e clamam por várias soluções políticas e de negócios, mas, se há alguma coisa comum para todas estas crises, é isto: o ser humano como ele é agora, em grande parte, já

esgotou seu potencial de crescimento e cada vez mais tornou-se um gargalo para o crescimento futuro e para a superação de vários problemas estruturais que enfrentamos, como o envelhecimento da população e a degradação ambiental.

Muitas pessoas discordam de mim em relação a esse ponto. Elas ressaltam o fato de que não há limite para a criatividade humana e afirmam que o crescimento futuro ainda é totalmente dependente de seres humanos, ao mesmo tempo que as máquinas inteligentes permanecem nossas servidoras. Eu acho que isso é aparente. O que não é aparente é o potencial transumano. Só quando soluções radicalmente novas surgirem é que as pessoas verão as limitações das velhas soluções. Antes da revolução industrial, a humanidade estava presa na chamada armadilha malthusiana¹, em que o crescimento exponencial da população estava limitado pelo crescimento linear da produção de alimentos, e o excesso da população foi contido por guerras, fome e doenças. Somente quando o potencial das tecnologias da era industrial foi desenvolvido é que as pessoas perceberam o limite da era agrícola.

Então, novamente, quando se compara o ritmo de desenvolvimento humano, nos últimos 10 mil anos, com o ritmo da evolução natural, reconhecemos o poder da consciência humana e a enorme diferença que fez para o mundo. Mas o desenvolvimento mais surpreendente ainda está por vir. Eu defino a evolução cultural, o que nós já passamos desde o surgimento do *homo sapiens*, 150 mil anos atrás, como a primeira fase de evolução consciente. É muito mais flexível e poderosa do que a evolução natural, mas tem uma restrição fixa, que é a natureza humana imutável.

¹ Thomas Robert Malthus (1766-1834): economista britânico, conhecido por seus estudos sobre a população. Afirmava que o excesso populacional era a causa de todos os males da sociedade (conforme ele, a população cresce em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos aumenta em progressão aritmética). Esse argumento está contido nas obras *Primeiro ensaio* e *Segundo ensaio*. Malthus exerceu influência sobre vários campos do pensamento, inclusive sobre as teorias evolucionistas de Darwin e Wallace. (Nota da IHU On-Line)

Essa limitação na *evolução consciente 1.0* está se tornando mais evidente à medida que desenvolvemos máquinas e computadores cada vez mais sofisticados e poderosos, mas não será uma evidência automática até que seres humanos aprimorados ou robôs conscientes superinteligentes apareçam. Esse é o espaço da evolução consciente em nosso tempo. A possibilidade de que teremos algo melhor, muito melhor, do que os humanos atuais, está aumentando a cada dia, com o avanço da engenharia genética, da neurociência e da inteligência artificial e robótica. Nós não estamos lá ainda, mas a *evolução consciente 2.0* estará diante de nós em breve.

IHU On-Line – Como é possível conciliar a evolução consciente com um sistema econômico capitalista globalizado que não observa os critérios da ética e da distribuição justa de riquezas?

Ted Chu – O objetivo de um capitalista numa economia de mercado é maximizar o retorno para o proprietário do capital. Como as atividades econômicas em um tal sistema podem beneficiar os não proprietários de capital? Algumas pessoas dizem que não precisamos nos preocupar com isso, pois é automático que, através do processo de implantação de capital, à medida que os trabalhadores são contratados e os impostos são pagos, ocorra a sustentação da sociedade em geral. Além disso, muitos capitalistas bem-sucedidos ficam mais do que felizes em gastar sua riqueza para ajudar os pobres por meio da filantropia.

Eu acredito que esse tipo de mecanismo automático, mais conhecido como a “mão invisível” de Adam Smith², funciona. Mas, para torná-lo

2 Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica tradicional. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para o entendimento das relações econômicas da sociedade sob a perspectiva liberal, superando os paradigmas do mercantilismo. Outra faceta do pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O IHU promoveu em 2005 o *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. Neste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da Universidade de

“Se há algum propósito humano transcendental, é este: promover o crescimento, não só na Terra, mas em todo o universo”

“automático”, deve haver um ambiente social adequado, com o conjunto certo de políticas, regulamentações e outras configurações institucionais/culturais para uma energia automotivada poder florescer e contribuir para o bem-estar de toda a humanidade. Sim, nós nascemos com instintos morais e, normalmente, consideramos repulsivos os comportamentos que prejudicam os outros intencionalmente. Mas as nossas motivações egoístas estão ainda mais enraizadas, e, a menos que existam regras claras que sejam aplicadas rigorosamente a fim de proteger os mais desfavorecidos, a vontade de maximizar os lucros pode levar mais a danos do que a benefícios públicos. Isso é especialmente verdadeiro para os chamados bens públicos, tais como o ar limpo, aqueles que

qualquer um pode se beneficiar sem ter que pagar nada por isso.

Dada a condição humana, pois somos um animal social que nasce com ambos – os motivos egoístas e os sentimentos morais –, implementar o que acabo de definir é muito difícil na prática. Excesso de regras e regulamentações vão matar nossos “espíritos animais”, a iniciativa para o trabalho criativo, mas a falta de regras ou de sua aplicação permitirá que alguns capitalistas obtenham um ganho injusto à custa dos outros. Assim, uma avaliação constante de compensações é necessária. Nenhum sistema social pode ser o ideal, mas um sistema capitalista regulado tem provado uma e outra vez ser melhor do que quaisquer outras possibilidades que já experimentamos ao longo da história.

Eu acredito que esse estado lamentável vai persistir enquanto nós permanecermos humanos. Mas, como apontado anteriormente, a evolução consciente estará se movendo para a próxima fase, em que a condição humana não será mais óbvia. O “agente econômico”, com motivos altruístas mais fortes, pode se tornar possível, seja através da melhoria humana ou de robôs autoconscientes. Sob essa condição, as restrições sociais que esses agentes enfrentam podem não precisar ser tão rigorosas. O agente econômico e o ambiente social vão co-evoluir. O ritmo do desenvolvimento realmente vai aumentar, mas é claro que também os riscos.

IHU On-Line – O que é uma economia pós-humana e quais são suas implicações para compreendermos nosso impacto sobre a vida na Terra?

Ted Chu – Nossa civilização é atualmente composta de agentes homogêneos, conhecidos como seres humanos. Como mencionado anteriormente, a sociedade pós-humana será um florescer de novos seres inteligentes, sejam eles humanos aprimorados, robôs ou ciborgues. Tão variados como são as necessidades e desejos humanos, a diversificação das necessidades e desejos na sociedade pós-humana será incompreensível e terá um impacto sem precedentes sobre a economia mundial e o planeta. Por exemplo, quase todo mundo gosta de comer carne e viver em

São Paulo - USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, ela concedeu uma entrevista à IHU On-Line nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon133>. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 dos *Cadernos IHU ideias*, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível em <http://bit.ly/ihuid35>. Smith ainda foi o tópico número 1 do *Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009*, estudado de 13-04-2009 a 02-05-2009. O *Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010*, em seu primeiro módulo, falou sobre *Adam Smith: filósofo e economista*. Em sua edição 2011, esse evento contou com a palestra do Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo, de 29-08-2011, com o tema *Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material*. (Nota da IHU On-Line)

uma casa de frente para o mar em um clima quente. É por isso que, sem exceção, o consumo de carne aumenta à medida que ficamos mais ricos, e casas de frente para o mar são muito mais caras do que casas sem vista para o mar. É uma simples questão de oferta e procura.

Muitas pessoas desejam ter uma Terra que permaneça “em equilíbrio”. A criação de formas mais poderosas e sofisticadas de vida terá um impacto inacreditável sobre a oferta e a procura. Nem toda nova forma de vida inteligente terá um gosto, ou até mesmo uma necessidade de consumir carne. Na verdade, eu aposto que a maioria não, e assim será reduzida, se não eliminada, a necessidade da agropecuária, devolvendo-se as terras agrícolas à natureza. Será, então, que o “povo” do futuro viverá uma vida pobre? Absolutamente não. A expansão da capacidade produtiva lhes permitirá desfrutar de uma experiência de vida muito mais rica. Eles vão desfrutar de uma vista para o mar, se quiserem, mas uma vez livres dos constrangimentos genéticos humanos, eles também desenvolverão outras experiências agradáveis que não podemos sequer sonhar.

IHU On-Line – No contexto da evolução consciente, qual é a importância em ser retomado e vivenciado um pensamento sistêmico que reintegre os saberes, ao invés de mantê-los separados?

Ted Chu – Como eu indico no capítulo 4 do meu livro [*Human Purpose and Transhuman Potential: a cosmic vision for our future*], um dos mais profundos conhecimentos humanos sobre a natureza do mundo em que vivemos é a Unidade. O universo é um, a Terra é uma, e a humanidade é uma só. Uma vez que reconhecemos isso, não fará qualquer sentido separar o nosso conhecimento sobre a natureza e nossa civilização.

A conexão profunda e inseparável entre nós e o universo deve servir como uma compreensão fundamental para a promoção da evolução consciente: o nosso objetivo final não é a harmonia e a felicidade humana, mas ser um com o universo. Por meio de nossos esforços conscientes, podemos alcançar esse objetivo,

“O nosso objetivo final não é a harmonia e a felicidade humana, mas ser um com o universo. Por meio de nossos esforços conscientes, podemos alcançar esse objetivo”

permitindo que vida e inteligência se espalhem pelo cosmos e “abracem” a criação cósmica.

IHU On-Line – Qual é a importância do conceito de fronteira para compreendermos devidamente a relação entre evolução cósmica e pós-humanismo?

Ted Chu – A fronteira é uma linha ou uma borda que separa duas entidades. Geograficamente, todos nós vivemos dentro de uma fronteira nacional, mas muitos de nós nos consideramos cidadãos do mundo sem a fronteira nacional para limitar nosso alcance, pelo menos em nossa mente. Em uma macroeconomia globalizada, eu acho que isso é muito importante à medida que aumentamos a nossa interdependência e pulamos os enormes benefícios da especialização e das economias de escala. Ao mesmo tempo, muitas pessoas estão retirando as fronteiras mentais que nos separam de outras formas de vida. Com base na teoria da evolução de Darwin, todas as espécies na Terra têm um ancestral comum e uma ligação profunda. Somos todos uma grande família. Essa compreensão é muito importante, porque buscamos uma vida harmoniosa na Terra, não apenas com outros seres humanos, mas também com todas as outras formas de vida.

Eliminar a fronteira nacional e a fronteira entre as espécies é ótimo, mas podemos ir mais longe. Não devemos nos considerar ligados à Terra e não devemos acreditar que apenas as formas de vida que evoluíram através da evolução natural no passado são as únicas vidas e inteligências que deveriam existir. A eliminação dessas fronteiras mentais deve permitir-nos desenvolver uma mentalidade cósmica e criar uma nova vida e inteligência que não se sentirá “em casa” apenas aqui na Terra, mas em todo o universo.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo?

Ted Chu – Muitas pessoas têm medo do transumanismo e do futuro pós-humano. Elas se sentem ameaçadas por aquilo que a evolução consciente trará. Acreditam que, uma vez que a vida e a inteligência superior apareçam, os humanos não serão mais necessários e podem até mesmo ser eliminados impiedosamente, como descrito em alguns filmes e romances de ficção científica. Esses temores são compreensíveis. Nós, naturalmente, experimentamos uma sensação de pavor antes de dar um novo passo para o desconhecido. Por isso, é nossa tarefa educar, para combater a cultura que apela para as nossas emoções negativas. Para isso, eu gostaria de colocar alguns pontos.

Primeiro, o futuro pós-humano não trata de deixar o ser humano para trás, mas trata de avançar o ser humano, para nos ajudar a ganhar a liberdade definitiva, a liberdade em relação à nossa escravidão genética. Em segundo lugar, o transumanismo não desvaloriza o ser humano. Ele mostra o potencial que um mundo pós-humano pode nos fornecer com um objetivo ainda mais nobre e mais gratificante do que a felicidade humana. E, finalmente, a evolução consciente não é apenas o desafio para a elite tecnológica, embora ela esteja na vanguarda da mudança fundamental. À medida que avançamos de cidadãos nacionais para cidadãos globais e, eventualmente, para cidadãos cósmicos, precisamos da colaboração e da participação de todos em uma aventura emocionante que beneficiará a todos.

Cooperação para fazer prosperar o que deve prosperar

“Há muito mais no nosso mundo do que a ciência possa descobrir, uma vez que ela exclui tudo que não seja mensurável com instrumentos feitos pela mão humana”, adverte Elisabet Sahtouris

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS / TRADUÇÃO: WALTER SCHLUPP

“**T**rascendência e mistério foram absolutamente excluídos da ciência ocidental, que nem sequer vê a Terra como planeta vivo, muito menos o universo como cosmos vivo e consciente. Mas a nossa experiência humana, nossas buscas espirituais nos têm revelado que há muito mais no nosso mundo do que a ciência possa descobrir, uma vez que ela exclui tudo que não seja mensurável com instrumentos feitos pela mão humana. Uma vez que entendemos o que a ciência pode estudar e o que ela impede a si própria de investigar, ficamos livres para fazer nossa própria pesquisa em mundos interiores”, aponta a bióloga Elisabet Sahtouris em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “É importante entender que não pode mais haver uma única ciência verdadeira, assim como não pode haver só uma religião verdadeira”, complementa.

Elisabet Sahtouris se mostra cética com as tentativas humanas de melhoramento genético de sua própria espécie ou de quaisquer outras, justamente porque nossa ciência atual não consegue alcançar a essência da vida, nem compreender seu funcionamento complexo e interdependente. “Acreditar que, a nosso bel-prazer, podemos simplesmente remover e inserir genes em genomas que evoluíram ao longo de bilhões de anos, está se mostrando desastroso. Essa ‘engenharia genética’ não demonstrou quaisquer melhorias reais, e está cada vez mais óbvio que ela provoca um grande estrago. Apenas como exemplo, o trigo transgênico vem causando violentas alergias, intolerâncias e danos intestinais e outros nos seres humanos, pois suas proteínas são tão distorcidas que destroem as bactérias intestinais que controlam 80% do nosso sistema imunológico. Soja e milho também estão causando danos, e os glifosatos do Roundup da Monsanto, com o qual todos esses produtos transgênicos são cultivados, provocam distúrbios do sistema imunológico e doenças crônicas, como o Parkinson”, explica.

A bióloga adverte que as mudanças climáticas que estamos enfrentando hoje é resultado de

uma co-criação humana, baseada, infelizmente, na nossa ganância e na queima desenfreada de combustíveis fósseis para expansão econômica e financeira. Ela defende uma co-criação baseada em outros valores. “Podemos nos considerar conscientes co-criadores do futuro de acordo com o que acreditamos ser possível, de acordo com as histórias pelas quais optamos para orientar nossa vida. A concepção de tempo varia entre diferentes culturas; nós o encaramos como linear; algumas civilizações, como na Índia e nos Andes, o consideram cíclico. A realidade profunda sempre é um eterno *agora*. Nossas histórias, nossos conceitos formam nossas realidades. O futuro não é algo inevitável e previsível, mas algo possível de ser criado”. Nesta co-criação de um futuro mais limpo, a entrevistada enfatiza que a humanidade deve eliminar as guerras e os agrotóxicos, não gerar concentração de riqueza e acreditar em um universo com propósito e vivo. “Gere economias locais de cuidado e de partilha, para então deixá-las se formar em todo o planeta. Não lute contra o que não funciona; apenas faça crescer tudo aquilo que funciona!”, nos ensina.

Elisabet Sahtouris é uma bióloga da evolução, futurista, professora, autora e consultora de sistemas biológicos para desenho organizacional em empresas e governos. Ela é membro da World Business Academy e assessora da EthicalMarkets. com e do Programa de Mestrado em Negócios no Schumacher College, Inglaterra. Organizou dois simpósios internacionais sobre os fundamentos da ciência e cosmologias integrais. Entre seus livros, estão *A Walk Through Time: from Stardust to Us* (“Um passeio através do tempo: da Stardust para nós” – New York: Wiley, 1998), *Biology Revisioned* (“Biologia Revisada” – Berkeley: North Atlantic Books, 1997), em co-autoria com Willis Harman, e *EarthDance: Living Systems in Evolution* (“Dança da Terra: sistemas vivos em evolução” – Bloomington: iUniverse, 2000). O sítio da autora pode ser acessado em www.sahtouris.com.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que consiste “a dança da Terra” e os sistemas vivos em evolução aos quais se refere em sua obra?

Elisabet Sahtouris – *EarthDance: Living Systems in Evolution* é o título do meu livro. Uso a metáfora da dança improvisada para a evolução biológica, porque vejo a Terra como um único sistema vivo que se cria por meio de mudanças ao longo do tempo, assim como bailarinos fazem evoluir as etapas em sua dança.

IHU On-Line – Acredita que a compreensão sobre a ligação sistêmica que existe entre todas as formas de vida pode fazer com que o antropocentrismo seja relativizado?

Elisabet Sahtouris – Todas as culturas indígenas se viam como uma espécie entre inúmeras outras e consideravam todas elas sagradas. O antropocentrismo era desconhecido em suas culturas e temos de aprender a sacá-lo da nossa própria cultura a fim de recuperar o respeito pelos sistemas vivos que nos sustentam. Para fazer isso, devemos reconhecer os perigos da nossa arrogância de acreditar que somos mais espertos do que a natureza e que temos o direito de explorá-la e poluí-la sem sofrer as consequências.

IHU On-Line – Há influências da Teoria dos Sistemas de Bertalanffy¹ nessa compreensão da evolução consciente?

Elisabet Sahtouris – Von Bertalanffy, Bateson² e outros pioneiros da teoria de sistemas foram uma importante força contra a fragmentação que nossa sociedade faz com a natureza e com a própria sociedade humana, a ponto de colocarmos tudo em caixas separadas (como árvores, animais,

micróbios, economia, política, arte), o que nos impediu de enxergar como tudo está intrinsecamente ligado e interdependente. Essa interdependência nos mostra, entre tantas outras coisas, como a natureza entrelaça a vida de tal forma que o resíduo de uma espécie é a comida da outra. Tal entendimento dos sistemas naturais nos ajuda a ver como podemos optar conscientemente por evoluir sem causar danos, em harmonia com outras espécies.

IHU On-Line – Em que sentido a humanidade está “fechada” à Transcendência e ao Mistério, de forma a não perceber a dança da Terra e não sua participação nela?

Elisabet Sahtouris – Transcendência e mistério foram absolutamente excluídos da ciência ocidental, que nem sequer vê a Terra como planeta vivo, muito menos o universo como cosmos vivo e consciente. Mas a nossa experiência humana, nossas buscas espirituais nos têm revelado que há muito mais no nosso mundo do que a ciência possa descobrir, uma vez que ela exclui tudo que não seja mensurável com instrumentos feitos pela mão humana. Uma vez que entendemos o que a ciência pode estudar e o que ela impede a si própria de investigar, ficamos livres para fazer nossa própria pesquisa em mundos interiores. É claro que muitas ciências antigas, como a védica, a taoísta e ciências indígenas, podem nos ajudar nesse empenho. A ciência védica, por exemplo, tem estudado a natureza da mente por milhares de anos, como nós mesmos começamos a perceber ao estudar técnicas de ioga e meditação. É importante entender que não pode mais haver uma única ciência verdadeira, assim como não pode haver só uma religião verdadeira.

IHU On-Line – O estudo da evolução dos sistemas vivos oferece oportunidade de um melhoramento não apenas biológico da espécie humana, mas também de sua consciência e, portanto, de suas ações?

Elisabet Sahtouris – Sou muito desconfiada de tentativas de melhorar biologicamente a espécie humana, ou qualquer outra espécie, pela simples razão de a ciência ver os organismos

vivos como mecanismos, assim não conseguindo compreender a própria essência da vida. Acreditar que, a nosso bel-prazer, podemos simplesmente remover e inserir genes em genomas que evoluíram ao longo de bilhões de anos, está se mostrando desastroso. Essa “engenharia genética” não demonstrou quaisquer melhorias reais, e está cada vez mais óbvio que ela provoca um grande estrago. Apenas como exemplo, o trigo transgênico vem causando violentas alergias, intolerâncias e danos intestinais e outros nos seres humanos, pois suas proteínas são tão distorcidas que destroem as bactérias intestinais que controlam 80% do nosso sistema imunológico. Soja e milho também estão causando danos, e os glifosatos do Roundup³ da Monsanto, com o qual todos esses produtos transgênicos são cultivados, provocam distúrbios do sistema imunológico e doenças crônicas, como o Parkinson, agora chamado de “mal dos agricultores” na Alemanha. Alguns estados brasileiros lutaram contra a adoção de culturas geneticamente modificadas, mas acredito que as empresas que exigem e vendem esses produtos infelizmente conseguiram se impor contra essa oposição saudável.

IHU On-Line – Em termos existenciais, de que forma esse estudo pode alterar nosso futuro no planeta?

Elisabet Sahtouris – A teoria dos sistemas vivos pode nos ensinar o nosso papel apropriado na grande teia da vida e levar-nos a um futuro realmente benfazejo e muito mais feliz. Para mim como bióloga da evolução, o reconhecimento mais importante foi que as espécies passam por fases de juventude, em que são criativas e competitivas à medida que aumentam sua população e desenvolvem suas economias. Chega um ponto em que esse processo fica muito caro em termos de energia, as espécies precisam alcançar a maturidade de economias estáveis ou então perecem. Elas podem alcançar a maturidade, por exemplo, entrando em amizade com

³ **Roundup:** pesticida fabricado pela Monsanto cuja base é o glifosato. Estudos indicam que mesmo em pequenas quantidades o pesticida pode ser nocivo à saúde humana. (Nota da IHU On-Line)

¹ **Karl Ludwig von Bertalanffy** (1901-1972): biólogo criador da Teoria Geral dos Sistemas. Cidadão austríaco, desenvolveu a maior parte do seu trabalho científico nos Estados Unidos. É autor de *Teoria Geral dos Sistemas* (Petrópolis: Vozes, 1968). (Nota da IHU On-Line)

² **Gregory Bateson** (1904-1980): biólogo e antropólogo britânico, dedicou-se a vários campos do conhecimento, como epistemologia, linguística e psicoterapia. Desenvolveu estudos antropológicos pioneiros na Nova Guiné e Bali; participou das reuniões da Macy Foundation que deram origem à ciência da cibernética e à Teoria dos Sistemas. (Nota da IHU On-Line)

inimigos e desenvolvendo economias de cooperação com eles⁴.

IHU On-Line – Que descobertas da física quântica e da nova biologia são vitais para o futuro da humanidade?

Elisabet Sahtouris – Para mim, a melhor descoberta da física é que este é um cosmos conscientemente autocriado e que a sua criação é contínua – não um Big Bang que se desentrola e acaba como uma bateria, mas um processo interminável de matéria aparecendo dentro de pura energia à medida que se recicla simultaneamente nessa energia, sendo que observadores como nós a vão formando e dando-lhe padrões⁵. Quanto à nova biologia, o que ocorre é que estamos no ponto de maturação, como espécie humana, deixando a concorrência hostil para entrar em cooperação madura uns com os outros e com todas as outras espécies.

IHU On-Line – Albert Einstein afirmava que era preciso uma nova maneira de pensar a humanidade para continuarmos vivos. O que precisa mudar com urgência a fim de que seja mantida a vida na Terra?

Elisabet Sahtouris – Precisamos elevar nosso pensamento a um novo nível em que podemos nos ver como seres ainda imaturos, e também como espíritos em evolução através da experiência humana. Só então é que vamos optar conscientemente por não fazer guerras, não praticar o racismo, não dar preferência ao dinheiro em detrimento de relacionamentos, não acreditar arrogantemente que somos superiores a todo o resto da natureza, em suma, ganhar humildade, abandonar a economia competitiva e construir economias de cuidado e de partilha.

IHU On-Line – Como perceber as ideias da evolução consciente e da nova biologia em contraposição a prognósticos assustadores como os divulgados pelo IPCC⁶, por exemplo?

4 É disso que tratam muitas entrevistas online minhas, como <http://bit.ly/buddhaatgas> e <http://bit.ly/drsahtouris>. (Nota da Entrevistada)

5 Ver, por exemplo, www.theresonanceproject.org. (Nota da Entrevistada)

6 IPCC (Painel Intergovernamental so-

“Temos de aprender a sacar o antropocentrismo da nossa própria cultura a fim de recuperar o respeito pelos sistemas vivos que nos sustentam”

Elisabet Sahtouris – Acredito que seria melhor prestarmos atenção ao que o IPCC constata, porque o aquecimento global é o que temos co-criado com nossa ganância, com nossa queima de combustíveis fósseis para expandir ilimitadamente a nossa economia global, com as nossas crenças na nossa invencibilidade. Enquanto não mudarmos nossas crenças sobre nós mesmos, sobre nosso planeta e nosso cosmos, não vamos mudar nosso comportamento para sobreviver e prosperar. Conseguimos, sim, adaptar-nos a um planeta mais quente, mas precisamos entrar nesse futuro com ar limpo, solos saudáveis e água doce pura. Portanto, há muito a fazer!

IHU On-Line – A evolução consciente já está acontecendo? Em que medida devemos pensá-la fora de uma concepção linear de tempo?

bre Mudança Climática): órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas. Publica três relatórios, divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2,5 mil cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmava que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a **IHU On-Line** 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjoo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O site do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico www.unisinos.br/ihu, podem ser acessadas entrevistas sobre o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

Elisabet Sahtouris – Com certeza estamos cada vez mais conscientes da nossa própria evolução e do nosso papel nela. Podemos nos considerar conscientes co-criadores do futuro de acordo com o que acreditamos ser possível, de acordo com as histórias pelas quais optamos para orientar nossa vida. A concepção de tempo varia entre diferentes culturas; nós o encaramos como linear; algumas civilizações, como na Índia e nos Andes, o consideram cíclico. A realidade profunda sempre é um eterno *agora*. Nossas histórias, nossos conceitos formam nossas realidades. O futuro não é algo inevitável e previsível, mas algo possível de ser criado.

IHU On-Line – Em que medida somos, cada um de nós, a borboleta azul que se metamorfoseia no universo?

Elisabet Sahtouris – Estamos todos passando por este processo de amadurecimento da competição para a cooperação. Como a metamorfose da lagarta à borboleta, há uma fase de declínio do antigo ao mesmo tempo em que o novo se forma.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Elisabet Sahtouris – Minha maior esperança eu deposito nos jovens, que podem mudar o mundo para melhor, simplesmente por não fazerem as coisas que as gerações mais velhas fizeram, e que levaram à crise atual. Se eles não fizerem guerra, não queimarem combustíveis fósseis, não assumirem dívidas para ter dinheiro, o que inevitavelmente leva a concentrações desequilibradas de riqueza, não colocarem tóxicos em alimentos e outros produtos, não acreditarem num universo sem propósito e sem sentido, a decair pela entropia, mas sim num universo vivo, inteligente e co-criativo, o mundo mudará para muito melhor em uma única geração. Gere economias locais de cuidado e de partilha, para então deixá-las se formar em todo o planeta. Não lute contra o que não funciona; apenas faça crescer tudo aquilo que funciona!

Para compreender a natureza unitária do mundo

“A criação é um processo universal. Ela evolui num processo de criação. E eu, em particular, acredito que esta criação vem de dentro; vem dos próprios sistemas. Ela está dada na natureza, no cosmos. O cosmos é autocriativo”, declara Ervin Laszlo

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS / TRADUÇÃO: ISAQUE GOMES CORREA

“**P**enso que a aceitação de que a realidade ou o mundo seja unitário é, às vezes, o obstáculo básico, pois muitas pessoas ainda acham que o mundo é feito da mesma forma que um bolo de camadas, com elementos separados: o nível físico, o nível biológico, o nível social, o nível cultural e o nível psicológico, e que estes não têm muito a ver entre si. Este é um legado do modo tradicional de instrução, daquela estrutura tradicional escolar e universitária, em que todos estes fenômenos são tratados em diferentes disciplinas, não havendo muito diálogo e interação entre elas. Então, penso que o ponto principal seja a compreensão da natureza unitária do mundo, e que o mundo evolui como um todo, manifestando-se em diferentes formas”. A afirmação é do filósofo Ervin Laszlo, que apresenta assim o ponto central para compreendermos as diversas crises enfrentadas na sociedade contemporânea.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Laszlo discorre sobre o desenvolvimento da humanidade, impactado pela evolução da consciência e inserido dentro de um mesmo processo básico e unitário que afeta todo o universo, o qual se manifesta sob diferentes formas e domínios. “Se a criação for um produto divino – ou ainda um projeto, digamos –, então ela não se encontra sob o nosso controle. É algo que acontece além de nosso domínio. Se a criação for algo no qual participamos, do qual somos co-criadores, então, penso eu, podemos nos perguntar: Como criamos o mundo? Como criamos a nós mesmos? Num sentido literal, podemos criar nosso próprio DNA, pois está dado que há certas informações aí que podemos alterar”, destaca ele. “A ideia básica é como projetar o mundo em que vivemos, o nosso comportamento, nossas interações e como criar níveis mais

elevados de consciência a respeito da natureza do ser humano, da natureza da sociedade e da natureza do universo. A criação é um processo universal. Ela evolui num processo de criação. E eu, em particular, acredito que esta criação vem de dentro; vem dos próprios sistemas. Ela está dada na natureza, no cosmos. O cosmos é autocriativo”, complementa.

Ervin Laszlo é considerado o fundador da Filosofia dos Sistemas e da Teoria da Evolução Geral. Nos últimos anos, vem se dedicando à formulação e desenvolvimento do *Akasha Paradigm*, uma nova concepção do cosmos, da vida e da consciência emergente na vanguarda das ciências contemporâneas. É presidente do Clube de Budapeste e do Centro Ervin Laszlo para Estudos Avançados, chanceler da *Giordano Bruno New-Paradigm University* e editor do *World Futures: The Journal of New Paradigm Research* (“Futuros do Mundo: o Jornal da Pesquisa sobre o Novo Paradigma”).

Detentor do mais alto grau em filosofia e ciências humanas na Sorbonne, Universidade de Paris, ele é ainda possuidor de doutorados honorários, em bolsas de investigação pelas Universidades de Yale e Princeton e em cátedras de filosofia, ciências de sistemas e futuras ciências pelas universidades de Houston e de Indiana, além da *Northwestern University* e da *State University of New York*. Também recebeu um doutoramento honoris causa pelo *Canadian International Institute of Advanced Studies in Systems Research and Cybernetics*. Foi duas vezes indicado ao Prêmio Nobel da Paz, em 2004 e 2005, e recebeu o prêmio *Goi Peace* em 2001. É autor de mais de 70 livros, traduzidos em pelo menos 20 línguas, e já publicou mais de quatrocentos artigos e trabalhos de pesquisa, incluindo seis volumes de gravações de piano.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o principal legado do *General Evolutionary Research Group*?

Ervin Laszlo – Acho que este grupo de pesquisa – o *General Evolutionary Research Group* – contribuiu para tornar cientificamente aceita a ideia de que a evolução existe em todos os sentidos, nos diferentes níveis de complexidade: de que a evolução é, de fato, geral, e de que há uma coisa chamada Teoria Geral da Evolução. Este grupo de pesquisa realizou um estudo nos níveis físico, biológico e sociocultural. Nesse sentido, contribuiu para a aceitação da ideia de uma evolução que se desdobra em diferentes níveis: no nível local, acontecendo de diferentes formas, mas que, em última análise, tem uma mesma dinâmica básica que ocorre nos mais diversos níveis. Esta é a ideia da teoria geral aplicada à evolução dos sistemas.

IHU On-Line – E como surgem, no contexto do Clube de Budapeste², os debates acerca da evolução consciente?

1 General Evolutionary Research Group (GERG - "Grupo de Pesquisa Evolução Geral"): o grupo começou como uma reunião secreta de cientistas em 1984, durante a Guerra Fria, em encontros que reuniam pesquisadores de ambos os lados da Cortina de Ferro realizados em Budapeste, Hungria. Os cientistas envolvidos tentavam entender as nuances daquele momento crítico da humanidade, em que pairava sobre todos a ameaça de extermínio da espécie motivada pela rápida escalada nuclear. Aqueles pesquisadores se utilizaram inicialmente da Teoria do Caos, para em seguida desenvolver uma nova Teoria Geral da Evolução que pudessem servir como um roteiro a nossa espécie para fora do caos vivido no período e como indicativo de uma esperança reconfortante em um mundo melhor. (Nota da IHU On-Line)

2 Clube de Budapeste: os anos entre 1988 e 1992 foram de grande transformação no centro-leste da Europa, a partir da transição do comunismo para o capitalismo. Durante este tempo, foi levantada a ideia de se fundar um clube de artistas e escritores internacionais em Budapeste, o qual teria parceria com o Clube de Roma, este criado em 1968. O novo clube deveria se dedicar à análise dos valores, expectativas, visões de mundo e estados de mente e da consciência vividos naquele momento. Ervin Laszlo foi nomeado seu primeiro presidente, e o Clube de Budapeste foi instalado na Casa da Cultura Húngara, onde permanece até hoje. No Manifesto sobre a Consciência Planetária, o Clube declara seus objetivos fundamentais e a missão permanente. (Nota da IHU On-Line)

“Para haver um desenvolvimento positivo no mundo, este desenvolvimento precisará ter como base uma mudança de consciência”

Ervin Laszlo – Já na fundação do Clube de Budapeste estávamos cientes de que a consciência é central, uma peça-chave. Junto com o Dalai Lama³ e outros membros fundadores do Clube de Budapeste, escrevemos o *Manifesto on Planetary Consciousness* [Manifesto para a Consciência Planetária]. Desde então, logo no início do Clube, em 1993, percebemos que, se for para haver um futuro positivo, um desenvolvimento positivo no mundo, será preciso ocorrer uma mudança de consciência, ou mais precisamente: este desenvolvimento precisará ter como base uma mudança de consciência.

Então, decidimos contribuir para essa mudança, para essa evolução da consciência, pois, afinal de contas, a consciência é a forma como vemos o mundo, e a forma como vemos o mundo tem muito a ver com a forma como agimos nele. Isso depende do nível de consciência evolutiva, depende de como agimos no mundo.

IHU On-Line – Em que medida essa evolução já está em curso em nosso tempo?

Ervin Laszlo – Eu diria que esta evolução se encontra num nível considerável. Acho que há 20 anos, aproximadamente, quando começamos o Clube de Budapeste, a ideia de consciência era apenas considerada nos

esotéricos ou mesmo muito limitada ao campo da psicologia, ou a algumas áreas dela; não digo todas as áreas da psicologia, pois o behaviorismo⁴, por exemplo, sequer aceitava a consciência como um fenômeno real.

Hoje, creio que a ideia de que a consciência é central para o nosso destino, para o nosso comportamento no mundo, para o nosso futuro, seja muito amplamente aceita por todas as pessoas razoáveis, avançadas e inteligentes.

IHU On-Line – Quais são as maiores dificuldades de se colocar em prática essa evolução consciente, dado o contexto de crise generalizada (na economia, na ecologia, em termos energéticos e também sociais) em que vivemos?

Ervin Laszlo – Precisamos reconhecer que todos estes processos são parte de um mesmo processo básico, o processo evolucionário que se mostra na economia, na ecologia, nos níveis de consciência. Assim, as dificuldades estão em reconhecer que há um processo unitário. Deveríamos dizer de uma “evolução cósmica” ou “evolução no universo”, e que esta evolução se manifesta sob diferentes formas e em diferentes domínios.

Portanto, penso que a aceitação de que a realidade ou o mundo seja unitário é, às vezes, o obstáculo básico, pois muitas pessoas ainda acham que o mundo é feito da mesma forma que um bolo de camadas, com elementos separados: o nível físico, o nível biológico, o nível social, o nível cultural e o nível psicológico, e que estes não têm muito a ver entre si. Este é um legado do modo tradicional de instrução, daquela estrutura tradicional escolar e universitária, em que todos estes fenômenos são tratados em diferentes disciplinas, não havendo muito diálogo e interação entre elas.

Então, penso que o ponto principal seja a compreensão da natureza unitária do mundo, e que o mundo evolui como um todo, manifestando-se em diferentes formas.

3 Dalai Lama: líder político do Tibete. *Dalai* significa “Oceano” em mongol e “Lama” é a palavra tibetana para *maestro*, *guru*. O título “Oceano de Sabedoria” é dado pelo regime mongoliano. (Nota da IHU On-Line)

4 Behaviorismo: abordagem da psicologia que busca entender o comportamento humano em função das inter-relações entre a história filogenética do indivíduo e o ambiente no qual o mesmo está inserido. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Qual é a importância da Teoria dos Sistemas para uma devida compreensão da evolução consciente?

Ervin Laszlo – A Teoria dos Sistemas contribuiu para a compreensão dos elementos unitários. Ela diz que precisamos olhar para o sistema como um todo, que um e outro sistema acontecem na natureza, que são produtos e portadores da evolução e que, portanto, são basicamente o mesmo. Eles possuem uma mesma dinâmica, um mesmo processo básico que se desdobra em diferentes formas.

A Teoria dos Sistemas é holística e, obviamente, é uma abordagem sistêmica em relação ao conhecimento e para os nossos problemas. A sua contribuição é chamar a atenção para o fato de que não podemos verdadeiramente compreender um problema – e, portanto, não podemos também resolvê-lo – sem, ao menos, olhar para todos os elementos que são relevantes em seus sistemas. Ou seja, ensina que não devemos observar apenas alguns elementos escolhidos previamente.

IHU On-Line – Em que medida, ao tentarmos melhorar o mundo, deveríamos melhorar, antes de tudo, nossa própria atitude perante a criação?

Ervin Laszlo – Eu diria que precisamos reconhecer, discutir e chegar a uma conclusão sobre a criação. Se a criação for um produto divino – ou ainda um projeto, digamos –, então ela não se encontra sob o nosso controle. É algo que acontece além de nosso domínio. Se a criação for algo no qual participamos, do qual somos co-criadores, então, penso eu, podemos nos perguntar: Como criamos o mundo? Como criamos a nós mesmos? Num sentido literal, podemos criar nosso próprio DNA, pois está dado que há certas informações aí que podemos alterar.

A ideia básica é como projetar o mundo em que vivemos, o nosso comportamento, nossas interações e como criar níveis mais elevados de consciência a respeito da natureza do ser humano, da natureza da sociedade e da natureza do universo. A criação é um processo universal. Ela evolui num processo de criação. E eu, em particu-

“A consciência é a forma como vemos o mundo, e a forma como vemos o mundo tem muito a ver com a forma como agimos nele”

lar, acredito que esta criação vem de dentro; vem dos próprios sistemas. Ela está dada na natureza, no cosmos. O cosmos é autocriativo.

IHU On-Line – Qual é a importância da espiritualidade para uma compreensão da evolução consciente e de nossa responsabilidade pela manutenção da vida na Terra?

Ervin Laszlo – Penso que a espiritualidade seja uma atitude mental, uma abordagem à vida e à experiência. Assim, a espiritualidade é uma abertura ao pensamento, uma abertura à realidade que se encontra além de nossas sensações imediatas da realidade. É uma abertura para a possibilidade de que haja uma realidade superior, ou mais profunda, se assim preferirmos. De qualquer forma, é uma postura de que o que temos diante de nós, que podemos pegar com as mãos, não é tudo.

A espiritualidade vai além. Trata-se de uma abertura, e penso que esta abertura seja absolutamente necessária, caso queiramos avançar em nossa compreensão da natureza, do universo, de que há muito, muito mais além daquilo que nossos sentidos podem ver, hoje, no universo. Creio que a espiritualidade seja uma porta de entrada para a nossa compreensão da realidade.

IHU On-Line – O que demonstra a crença humana ilimitada nos poderes da ciência e na sua pretensa capacidade de desvendar e explicar tudo que existe?

Ervin Laszlo – A ciência tem seus limites. Mas estes limites não se dão por motivos externos. Têm origem na profundidade de seu progresso. A princípio, penso que inexista um limite absoluto para a ciência. A pergunta que faço é: até que ponto o método nos ajuda a penetrar em nossa compreensão do fenômeno, da natureza real do mundo? A questão do método diz que este precisa se basear na experiência, precisa ser empírico, consistente, que um elemento deste conhecimento precisa ter coerência com outros elementos, e que precisa formar um sistema total além de possuir coerência interna – portanto, ele tem a sua própria lógica.

Estas são, pois, as restrições que a própria ciência se impõe. O quanto é possível explicar? Em termos ideais, ela deveria ter as condições para explicar tudo. Percebo que estamos muito distantes disso, e que talvez nunca cheguemos a este ponto. Percebo também que a ciência está progredindo em sua capacidade de capturar, mais e mais, a realidade de uma maneira coerente e consistente e de acordo com seus métodos.

IHU On-Line – Por que produzir e usar armas nucleares é celebrar um “pacto com o demônio”?

Ervin Laszlo – Acho que a resposta para esta pergunta é clara e bastante óbvia: armas nucleares são capazes de extinguir toda a vida terrestre. Mesmo se parte delas for reduzida, a radiatividade tem condições de produzir, de lançar na atmosfera, elementos danosos que, em última análise, são fatais para todos os seres vivos, exceto, talvez, como dizem, para espécies de gramíneas, insetos e bactérias.

Portanto, armas nucleares são um pacto com o demônio. Podemos até controlá-las, dominar a técnica da reação nuclear. Mas se usarmos uma arma nuclear para responder, retaliar uma outra reação, estaremos entrando num jogo que terá como consequência, possivelmente, a extinção da vida. Mesmo se não extingui-la imediatamente, com certeza irá causar danos à saúde. Assim, elas são necessariamente algo negativo. Não consigo ver as armas nucleares como tendo algum aspecto positivo. São perigosas, absolutamente.

Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da **IHU On-Line** cujo tema de capa aborda assuntos relacionados ao pensamento místico.



- *Delicadezas do Mistério. A mística hoje.* **IHU On-Line** nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon133>.
- *Teilhard de Chardin - Cientista e místico.* **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>.
- *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade.* **IHU On-Line** nº 222, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon222>.
- *Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico.* **IHU On-Line** nº 282, de 17-11-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon282>.
- *Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas.* **IHU On-Line** nº 309, de 28-09-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon309>.
- *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos.* **IHU On-Line** nº 313, de 03-11-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon313>.
- *O feminino e o Mistério. A contribuição das mulheres para a Mística.* **IHU On-Line** nº 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon385>.
- *Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação.* **IHU On-Line** nº 435, de 16-12-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon435>.
- *Mística. Força motora para a gratuidade, compaixão, cortesia e hospitalidade.* **Cadernos IHU em Formação** nº 31, disponível em <http://bit.ly/ihuem31>.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial 20+ Publicar

Instituto Humanitas Unisinos

14.517 curtiram · 3.350 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:
Sobre - Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" 14.517 Eventos Promoções

Twitter

IHU @ihu 3 h
'Advogado é custo, engenheiro é produtividade', diz Dilma Rousseff em Nova York bit.ly/19GKVX9
Expandir

IHU @ihu 3 h
Sementes Nativas, Garantia de Futuro: Carta de Mandirituba bit.ly/16EWS1h
Expandir

IHU @ihu 3 h
O fascínio discreto de Pôncio Pilatos. Artigo de Giorgio Agamben bit.ly/1h7ZFKF
Com a imagem correta. pic.twitter.com/G0cZJc2y8B
Ver foto

IHU @ihu 3 h
Qual código de ética é lecionado na faculdade de administração de Harvard? bit.ly/16EwNdK
Expandir

Blog

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia

DE 19 SETEMBRO DE 2014

Dois ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia por terem feito uma pequena piquete contra a exploração de petróleo no Ártico. A Justiça do país determinou que eles fiquem sob custódia por sete meses. Até aqui a investigação sobre ativistas não concluiu. Enquanto isso, há mais um caso. Os outros 20 ativistas - incluindo o brasileiro José Pedro Maciel - que participaram da ação estão sendo deportados para o país de origem. A polícia não se moveu ainda.

Apresente a sua grandeza em entrevistas, aulas e palestras. Envie e-mail para ihu@ihu.unisinos.br

Instagram

_ihu
Instituto Humanitas Unisinos

29 posts 70 seguidores 33 seguindo



bit.ly/ihuon



twitter.com/_ihu



instagram.com/_ihu



unisinos.br/blogs/ihu

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 14-07-2014 a 23-07-2014, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do site do IHU (www.ihu.unisinos.br).

“Cumprida a legislação, não sobram materiais para a incineração”

Entrevista especial com Saint-Clair Honorato Santos, procurador de Justiça e coordenador das Promotorias de Meio Ambiente do Ministério Público do Estado do Paraná
Publicada no dia 23-07-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1z7zg18>

A polêmica em torno de qual é a melhor maneira de reciclar os resíduos sólidos divide opiniões entre aqueles que defendem a reciclagem e os que propõem um processo de incineração. Contudo, juridicamente, “a legislação determina o cumprimento de uma política na qual há uma hierarquia de procedimentos que devem ser levados em consideração e que, se efetivamente realizada, não abre espaço para a incineração”, pontua Saint-Clair Honorato Santos.

Lâmpadas fluorescentes: quem pagará o custo da reciclagem?

Entrevista especial com Marta Tocchetto, membro da Diretoria da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental – seção RS e professora da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Publicada no dia 22-07-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1nEg4W9>

Apesar de o uso de lâmpadas fluorescentes ter contribuído para o processo de economia de energia no Brasil, a política adotada pelo governo e pelo setor energético não teve “a preocupação de estruturar uma logística que contemplasse a informação sobre a reciclagem das lâmpadas”, critica Marta Tocchetto, que adverte para os riscos que a falta de reciclagem pode causar ao meio ambiente e à saúde. “A maioria das pessoas ainda não tem informação em relação aos riscos oferecidos pelas lâmpadas fluorescentes, não sabe como destinar adequadamente essas lâmpadas, como acondicioná-las até o momento do descarte, nem onde entregar esse material”, assinala.

O ensino a qualquer custo e a falta de compromisso com a educação brasileira

Entrevista especial com Daniel Cara, membro titular do Fórum Nacional de Educação e do Comitê Diretivo da Campanha Latino-Americana pelo Direito à Educação – Clade
Publicada no dia 21-07-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1kXOPQK>

“O texto do Plano Nacional de Educação – PNE foi muito tímido perante as necessidades na área de educação (...) e é muito aquém das necessidades e daquilo que a sociedade brasileira precisava ter como base em um Plano Nacional de Educação”, avalia Daniel Cara, em entrevista à IHU On-Line, concedida por telefone. O PNE (PL 8035/10), aprovado na Câmara dos Deputados no mês passado, estipula as metas educacionais para os próximos dez anos com o objetivo de melhorar os índices educacionais do país.

O caramujo sufocado pela concha claustrofóbica e a “vaga boa consciência” das esquerdas

Entrevista especial com Bruno Cava, graduado e mestre em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Publicada no dia 20-07-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1qCfJVZ>

As reações policiais e jurídicas aos protestos realizados durante a Copa do Mundo, especialmente na final da Copa, no Rio de Janeiro, são classificadas como práticas de Estado de exceção no país por alguns manifestantes e intelectuais. Entre eles, destaca-se Bruno Cava, blogueiro do Quadrado dos Loucos e ativista que acompanha as manifestações desde junho de 2013. “Alguém ser preso pelo que pode vir a fazer, pelo que o Estado julga que possa vir a fazer, não deixa de significar ser preso pelo que ‘não fez’. Esse é um indício forte de que a exceção está se tornando a regra, em matéria de manifestações”, frisa o entrevistado.

Plínio de Arruda Sampaio: “exemplo de ética na política”

Entrevista com Dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo emérito da diocese de Blumenau, e Ivan Valente, deputado federal
Publicada no dia 17-07-2014

Acesse o link <http://bit.ly/ihu170714>

Em homenagem ao falecimento do ex-deputado federal Plínio de Arruda Sampaio, a **IHU On-Line** convidou para uma entrevista o deputado federal Ivan Valente, presidente do PSOL e amigo próximo de Arruda, e Dom Angélico Bernardino, bispo emérito da diocese de Blumenau. Arruda iniciou sua militância na Juventude Universitária Católica – JUC, onde se constituiu como “leigo consciente e responsável, na transformação de estruturas opressoras da dignidade da pessoa humana”. Trajetória esta que, mais tarde, levaria a uma ideia clara de participação popular, de justiça social. Um dos principais proponentes da reforma agrária no país, Plínio, conforme afirma Ivan Valente, “termina a vida como um socialista, revolucionário que queria uma mudança radical de superação do capitalismo”. Plínio foi um dos fundadores do PT e, após a eleição do presidente Lula, desligou-se do partido e filiou-se ao PSOL, pelo qual concorreu à Presidência da República em 2010.

A economia brasileira e um emaranhado de incertezas

Entrevista com Fernando Cardim de Carvalho, economista e professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Publicada no dia 16-07-2014

Acesse o link <http://bit.ly/ihu160714>

Para o economista Fernando Cardim de Carvalho, a crise econômica dos países desenvolvidos – comparável apenas à de 1929 – ainda gera uma série de “incertezas” e afeta, inclusive, os países em desenvolvimento. No caso do Brasil, afirma, “pairam dúvidas profundas” e perguntas sem respostas, como, “por quanto tempo o Brasil vai patinar, alcançando taxas tão irrisórias de crescimento? As taxas verificadas nos últimos anos certamente nos manteriam subdesenvolvidos por muito tempo, mas estamos condenados a viver dentro de limites tão medíocres?”. “Com o resto do mundo em crise, inclusive nossos vizinhos argentinos, manter-se em crescimento com câmbio sobrevalorizado tornou-se bem mais difícil, mesmo com o acúmulo de medidas mais ou menos ad hoc que o governo tem tomado”, pondera o economista.

Dívida da Argentina não tem justificativa legal, nem administrativa, nem financeira

Entrevista com Maria Lúcia Fattorelli, auditora fiscal e coordenadora da Auditoria Cidadã da Dívida

Publicada no dia 15-07-2014

Acesse o link <http://bit.ly/ihu150714>

A dívida pública argentina já alcança o montante de 1,3 bilhão de dólares. Para a auditora fiscal Maria Lúcia Fattorelli, existem diversas contradições nesse episódio. Entre elas, aponta, o “absurdo evidenciado pela condenação de um país por uma decisão proferida pelo poder judiciário de outro país, ignorando a soberania nacional que cada país possui”. O exemplo argentino evidencia o imenso poder do setor financeiro privado no mundo atual; mostra como a corte suprema do país mais rico do mundo pende em defesa de um questionável fundo abrigado em paraíso fiscal, em detrimento de um país. Segundo a auditora fiscal, essa situação “revela a ausência de tribunais internacionais independentes e transparentes, que seriam os fóruns legítimos para analisar esse tipo de conflito”.

“Não pode haver dúvida de que programas de transferência de renda contribuem para reduzir a pobreza”

Entrevista com Rodolfo Hoffmann, professor da Universidade de São Paulo e doutor em Economia Agrária

Publicada no dia 14-07-2014

Acesse o link <http://bit.ly/ihu140714>

“A redução da desigualdade nos últimos 20 anos ocorreu graças à ausência de golpes e governos ditatoriais”, assinala Rodolfo Hoffmann em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail. Segundo ele, desde a redemocratização, “os governos tomaram algumas medidas que promoveram a redução da desigualdade”. Além dos programas de transferência de renda focalizados nos pobres, houve o sistemático crescimento do valor real do salário mínimo depois do necessário controle da inflação em 1994. A inflação muito alta atrapalha todo o funcionamento da economia, mas prejudica particularmente os relativamente pobres, contribuindo para aumentar a desigualdade. “No período 2004-2012, no Brasil, tanto o aumento da renda média como a redução da desigualdade contribuíram para a redução da pobreza absoluta”, diz o pesquisador.

Entrevista da Semana

Os estádios da Copa e os novos desafios à economia brasileira

Para o cientista político Antonio Lassance, a Copa do Mundo despertou a oportunidade de mudanças na gestão do futebol brasileiro, voltadas à repopularização do esporte

POR LUCIANO GALLAS

“**E**stádios não melhoram nem pioram a situação de um país. Podem abrir novas oportunidades, ou agravar problemas que já existiam. Os novos estádios são importantes, sobretudo, para o próprio futebol, não só enquanto modalidade esportiva e manifestação cultural que o brasileiro tanto preza, mas como atividade econômica em sentido amplo – que vai desde os clubes até o sujeito que tem uma lojinha de artigos esportivos ou a pessoa da barraquinha de cerveja e cachorro-quente da esquina”, afirma o cientista político Antonio Lassance.

“Essa Copa e esses estádios precisam ser um divisor de águas nesse aspecto da gestão do próprio futebol. No Brasil, o futebol se tornou um esporte capturado pelas tevês, praticamente um monopólio de uma única rede de televisão. Criou-se uma cultura de que assistir aos jogos pela tevê é melhor do que ir aos estádios. Eu pergunto: a quem interessa essa ideia? Os clubes acertam seus contratos anuais com a tal emissora e depois viram as costas para o público dos estádios, inclusive para a violência dos estádios. Os estádios agora viraram um bom problema: alguns clubes e os governos têm de justificar o gasto implementando políticas que se destinem a novamente popularizar o futebol, no sentido de trazer as pessoas de volta aos estádios”, continua o pesquisador.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line** no dia 26 de junho, Lassance lembra que os 8 bilhões de reais oficialmente gastos com a construção de estádios para a Copa de 2014 representam uma pequeníssima parte do total de recursos destinados anualmente pelo país ao pagamento de juros da dívida pública. Somente em 2013, o Brasil destinou 248

bilhões de reais para este fim. Conforme o pesquisador, cada aumento percentual de um ponto (1%) na taxa de juros anunciado pelo Comitê de Política Monetária custa 20 bilhões de reais aos brasileiros a cada ano, ou seja, duas vezes e meia o total gasto com os estádios da Copa.

“A dívida pública é necessária para alavancar investimentos. Mas a taxa de juros, se em doses muito altas, transforma o remédio em veneno. É como um freio de mão que impede que o país ganhe velocidade, travando seu crescimento”, aponta Lassance. O cientista político se mostrou favorável ao fato de a Confederação Sul-Americana de Futebol – Conmebol ter indicado, ainda em 2003, o Brasil como candidato único na América do Sul à sede da Copa do Mundo da FIFA 2014. “Agora que os estádios estão construídos, o Brasil tem que se candidatar mais vezes. Temos que trazer mais Copas do Mundo para cá, a Copa América, e aproveitar para repopularizar o futebol, trazendo mais gente para os estádios”.

Antonio Ernesto Lassance de Albuquerque Júnior é pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia, e professor do programa de formação de gestores federais da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP. É doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília – UnB, especialista em Políticas Públicas e graduado em História pela mesma instituição, além de ter MBA em Comunicação Organizacional pela Universidade de São Paulo – USP. Foi presidente do Conselho de Administração da Empresa Brasileira de Comunicação – Radiobrás, atualmente Empresa Brasil de Comunicação – EBC.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Matéria do canal por assinatura Sportv veiculada em 19-06 afirmava, sem citar uma fonte específica, que a Copa do Mundo vai render um lucro de 700 milhões de reais à cidade de São Paulo. Na sua avaliação, este cálculo está correto? Quem exatamente vai lucrar estes 700 milhões?

Antonio Lassance – A forma mais segura para este cálculo tão específico (do impacto sobre uma cidade) é feita após o evento. A maneira mais simples é comparar o volume de negócios movimentados na cidade entre junho e julho deste ano e compará-lo com o mesmo período do ano passado. Para analisar quem lucrou mais, é preciso olhar os dados por setor de atividade econômica. Há coisas muito difíceis de estimar com antecedência. Por exemplo, em Brasília, a Torre de TV, que é uma região de quiosques, comidas típicas e artesanato, se tornou um dos “points” mais importantes da Copa. Os colombianos foram os primeiros a descobrir que lá a comida é barata, boa e próxima do estádio, melhor do que os shoppings. Pelo alto preço dos hotéis nas regiões centrais, muitos foram para localidades mais afastadas. Ninguém podia prever tais coisas. Outra surpresa foi o movimento de pessoas que vieram de carro, de países até muito distantes.

Tudo isso gera gastos que mesmo os mais acostumados não conseguem estimar. Por isso, tanto os estudos das consultorias precisarão ser depois checados quanto é preciso ter cuidado com aquele cálculo tosco, que a imprensa tradicional usou e divulgou, de que alguns estádios demorariam “mil anos” para ter o retorno dos investimentos. Eles dividiram o valor dos estádios pelo preço do ingresso para o jogo – é de uma estupidez tremenda, tão grande que acredito que seja mais má-fé do que falta de discernimento. O grosso do dinheiro movimentado por uma Copa não é aquele que entra no estádio. É o que é gasto fora dele.

IHU On-Line – Em termos nacionais, a Copa gera lucros econômicos? Qual é o impacto efetivo do evento para a economia do país?

“A imagem do país é um bem público, tanto quanto um orelhão, um banco de praça. Houve uma depredação simbólica do Brasil, e não foi feita só por mascarados”

Antonio Lassance – Há dois estudos de referência sobre o assunto: o da consultoria Ernest & Young e o da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). O da Fipe, mais recente, estima cerca de 30 bilhões de reais de retorno para o país e mais de um milhão de empregos gerados, boa parte deles permanentes. Só a Copa responde por 15% dos 5 milhões de empregos formais gerados no período da presidência Dilma Rousseff, até agora. E a Copa do Mundo tende a superar o gasto médio havido durante a Copa das Confederações, que era de quase 5 mil reais feitos por turistas estrangeiros no Brasil, e de mais de mil reais entre os turistas brasileiros. Mas eu diria que há um retorno ainda mais difícil de ser estimado, que é para a imagem do Brasil no exterior. Cada estrangeiro bem recebido e feliz de estar aqui, maravilhado com o país e nosso povo, se torna alguém mais disposto a voltar outras vezes e um grande divulgador do que temos de melhor.

Isso faz uma grande diferença para um país como o Brasil, que tem um potencial turístico imenso ainda pouco explorado. Nosso país recebe

quase o mesmo número de turistas estrangeiros que a Argentina, que é um país menor, e até menos do que algumas cidades de outros países que são destinos internacionais mais conhecidos. A Espanha, em uma única temporada, recebe mais turistas do que o Brasil recebe durante um ano inteiro. Roma recebe mais turistas estrangeiros que o Brasil inteiro. Há um ganho de confiança também. Se tudo der certo, se reforça a imagem de que o país dá conta do recado, de que as coisas funcionam, de que vale a pena vir outras vezes e estreitar contatos e parcerias. A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) tem feito rodadas de negócios com investidores, aproveitando a Copa, que devem render mais de 6 bilhões de dólares em investimentos nas mais diversas áreas. Mais do que o ganho financeiro, a Copa significa a abertura de oportunidades para os brasileiros nos mais diversos campos – materiais e imateriais, econômicos, sociais, políticos e culturais.

IHU On-Line – Neste sentido, a realização da Copa e os gastos de 8 bilhões de reais na construção de estádios são bons investimentos para a economia de um país emergente como o Brasil?

Antonio Lassance – Eu insisto sempre que não podemos nem demonizar nem endeusar os estádios. Estádios não melhoram nem pioram a situação de um país. Podem abrir novas oportunidades, ou agravar problemas que já existiam. Os novos estádios são importantes, sobretudo, para o próprio futebol, não só enquanto modalidade esportiva e manifestação cultural que o brasileiro tanto preza, mas como atividade econômica em sentido amplo – que vai desde os clubes até o sujeito que tem uma lojinha de artigos esportivos ou a pessoa da barraquinha de cerveja e cachorro-quente da esquina. O Campeonato Brasileiro, série A, tem menos público pagante do que a série B na Alemanha. Isso é inadmissível. Essa Copa e esses estádios precisam ser um divisor de águas nesse aspecto da gestão do próprio futebol. No Brasil, o futebol se

tornou um esporte capturado pelas tevês, praticamente um monopólio de uma única rede de televisão. Criou-se uma cultura de que assistir aos jogos pela tevê é melhor do que ir aos estádios. Eu pergunto: a quem interessa essa ideia? Os clubes acertam seus contratos anuais com a tal emissora e depois viram as costas para o público dos estádios, inclusive para a violência dos estádios. Os estádios agora viraram um bom problema: alguns clubes e os governos têm de justificar o gasto implementando políticas que se destinem a novamente popularizar o futebol, no sentido de trazer as pessoas de volta aos estádios.

IHU On-Line – A Copa de 2014 atendeu à promessa de que empresas e organizações privadas seriam parceiras na realização do evento? A distribuição verificada dos investimentos entre recursos públicos e recursos privados foi a melhor possível?

Antonio Lassance – Creio que ainda tem mais dinheiro público do que deveria. Deveria ter mais estádios privados do que há. Mas o fato é que, sem a entrada efetiva do setor público, dificilmente a Copa no Brasil se viabilizaria. Tem sido assim também em outros países. O caso de Londres, nas Olimpíadas, também demonstrou que o setor público é fundamental. Aliás, se fosse esperar pela iniciativa privada, o Brasil não teria Itaipu, não teria aeroportos, não teria metrô, não estaria construindo Belo Monte.

IHU On-Line – Houve mudanças estruturais ou simbólicas no Brasil decorridas da organização da Copa?

Antonio Lassance – A Copa mostrou que quem apostou contra o Brasil, perdeu. Há uma verdadeira síndrome de se falar mal do Brasil. Alguns até fantasiam que isso tem a ver com espírito crítico. Espírito crítico é apontar erros, lutar por mudanças e oferecer alternativas que aproveitem o que há de melhor no país, que é muita coisa. O que se viu, em relação à Copa, não foi isso, foi torcida contra pelo contra. Foi torcida mesquinha para que, ao dar errado, alguém saísse mal na foto. E o pior

“Se fosse esperar pela iniciativa privada, o Brasil não teria Itaipu, não teria aeroportos, não teria metrô, não estaria construindo Belo Monte”

é que isso não foi feito esclarecendo, mas distorcendo dados, promovendo manipulações, deseducando. Por razões torpes, esqueceram que a imagem do país é um bem público, tanto quanto um orelhão, um banco de praça. Houve uma depredação simbólica do Brasil, e não foi feita só por mascarados.

IHU On-Line – Explique a efetiva dimensão dos gastos para a realização da Copa no Brasil diante dos pagamentos da dívida pública feitos pelo país.

Antonio Lassance – O país gastou cerca de 8 bilhões de reais em estádios. Perto de metade desse investimento é do setor privado. Três das 12 arenas são exclusivamente privadas: a do Corinthians (São Paulo), a do Internacional (Porto Alegre) e a do Atlético Paranaense (Curitiba). Outras quatro foram construídas e serão gerenciadas em regime de parceria público-privada com os governos estaduais (Mineirão, em Belo Horizonte; Fonte Nova, em Salvador; Castelão, em Fortaleza; e a de Recife). Duas outras, Natal e Rio de Janeiro, terão regime de concessão. Só o Mané Garrincha, em Brasília, é totalmente público – ainda assim, o

Distrito Federal é a unidade da federação que, proporcionalmente, mais investe em saúde e educação. Pois bem, os 8 bilhões de reais colocados à disposição pelo governo federal são empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, ou seja, serão devolvidos aos cofres públicos. Por outro lado, o Brasil gastou, em 2013, 248 bilhões de reais com o pagamento de juros, segundo dados do Banco Central. Dividindo esse valor pelos 365 dias do ano, pagamos mais de 679 milhões de reais por dia. Ou seja, dá para construir um estádio do Mineirão por dia. A cada dois dias de juros da dívida, pagamos mais de um Maracanã.

IHU On-Line – Qual é o custo para os brasileiros de cada aumento percentual da taxa de juros?

Antonio Lassance – Cada 1% de aumento na taxa de juros custa 20 bilhões de reais aos brasileiros, por ano.

IHU On-Line – Qual é a relação entre dívida pública, taxa de juros e desigualdade?

Antonio Lassance – O investimento e o custeio dos serviços públicos são essenciais para reduzir a desigualdade e para aumentar nossas chances de desenvolvimento. A dívida pública é necessária para se alavancar investimentos. Mas a taxa de juros, se em doses muito altas, transforma o remédio em veneno. É como um freio de mão que impede que o país ganhe velocidade, travando seu crescimento. Sabemos que baixo crescimento e a ausência de mecanismos redistributivos efetivos são o fermento da desigualdade. É uma *arma econômica de destruição em massa*.

IHU On-Line – O Brasil acertou ao receber a Copa do Mundo de 2014?

Antonio Lassance – Sim, acertou. E digo mais: agora que os estádios estão construídos, o Brasil tem que se candidatar mais vezes. Temos que trazer mais Copas do Mundo para cá, a Copa América, e aproveitar para repopularizar o futebol, trazendo mais gente para os estádios.

Teologia Pública

“O celibato é um grande valor, mas deveria ser opcional”

Padre Ney Brasil compartilha as memórias de sua vida espiritual e chama a atenção para o grande desafio contemporâneo da Igreja católica: repensar e reconceitualizar a noção de infalibilidade

POR PATRÍCIA FACHIN

Uma vida dedicada ao sacerdócio e à docência. Assim tem sido os últimos 60 anos de padre Ney Brasil Pereira, que percebeu os “sinais de vocação” aos 11 anos, quando ingressou no Seminário Menor de Azambuja, no município de Brusque, em Santa Catarina e, posteriormente, deu continuidade à sua formação teológica e filosófica. Regente do Coral da Catedral de Florianópolis há 40 anos, padre Ney Brasil é responsável pela parte musical das missas dominicais e, ao longo da sua trajetória, vem avaliando e percebendo o desenvolvimento da própria Igreja.

Com formação anterior ao Concílio Vaticano II, ele acompanhou as reformas feitas em Roma e suas consequências na Igreja brasileira. A mudança mais visível pós-Concílio, pontua, é “a da Liturgia, evidentemente”. Segundo ele, o “abandono do latim, na liturgia e na formação do clero, trouxe como consequência uma liturgia mais espontânea e menos rubricista, e uma teologia também mais espontânea, pensada e ensinada em vernáculo, mais bíblica e indutiva, dando possibilidade à criação e desenvolvimento da teologia da libertação, uma das grandes marcas do Espírito em nosso tempo”.

Sutil, mas pontual em suas críticas, padre Ney Brasil assinala que “quanto aos inegáveis ‘avanços’, nos primeiros 20 anos após o Concílio, muitos a meu ver não souberam pôr em prática a sábia advertência da 2ª carta de João, v. 9: *‘Todo aquele que avança, e não permanece na doutrina do Cristo, não tem a Deus’*, isto é, avançaram demais. Explico-me: é bom ‘avançar’, inclusive obedecendo ao Espírito que nos conduz *‘à plenitude da Verdade’* (Jo 16,13), mas sem deixar de ‘permanecer’, esse verbo tão querido do Discípulo Amado”. E acrescenta: “Quanto aos ‘avanços’ na formação do clero, senti-os exagerados, causando enormes preocupações aos bispos e formadores, naqueles anos em que tudo tinha que ser discutido e aprovado, ‘de baixo’ para cima”.

Especialista em musicologia, ele avalia as mudanças em relação à música durante a liturgia. “Os Padres Conciliares não podiam imaginar os efeitos, espontâneos,

da ‘abertura’ para o vernáculo. Essa ‘abertura’ tornou-se norma. Foi como um dique há muito tempo represado, quatro séculos depois que Lutero já o havia aberto para os seguidores da Reforma. A admissão do violão, da guitarra, foi logo dispensando o órgão de tubos, instrumento nobre, mas caro, e algumas bandas foram incorporando a bateria... É uma evolução, um desenvolvimento que ninguém pôde nem pode impedir, embora se deva, sim, nortear”, ressalta.

Convidado pela **IHU On-Line** a conceder a entrevista a seguir, publicada em 24-07-2014 no sítio do IHU e disponível em <http://bit.ly/ihu240714>, padre Ney Brasil chama a atenção para o “grande desafio” da Igreja Católica: repensar e reconceitualizar a noção de “infalibilidade”. “É um dogma do Concílio Vaticano I, o da infalibilidade papal, como é dogma também a inerrância bíblica, portanto, a infalibilidade bíblica, ‘naquilo que Deus quis que fosse escrito em vista de nossa salvação’ (*Dei Verbum*, n. 11)”.

Para ele, o dogma da Infalibilidade foi definido num contexto de luta da Igreja do século XIX contra o racionalismo. “Mas quantas posições da Igreja no próprio *Syllabus* de Pio IX estão hoje superadas! Quem não reconhece que, se Deus é infalível, o nosso falar sobre Deus não pode ser infalível, pois então não seria humano! Ora, a linguagem humana, exatamente por ser humana, é falível, perfectível e, por isso, também, mutável. Por que não assumir um outro adjetivo, como o sugeriu Hans Küng em 1968 ou 69: ‘indefectível’?”, sugere.

Padre Ney Brasil Pereira é mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, licenciado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e especialista em Musicologia pela Duquesne University, Pittsburgh. É capelão das Instituições Penais de Florianópolis, regente do Coral “Santa Cecília”, da Catedral Metropolitana de Florianópolis, além de membro da Pontifícia Comissão Bíblica e professor no Instituto Teológico/Faculdade Católica de Santa Catarina.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como iniciou sua trajetória na Igreja?

Ney Brasil Pereira – Iniciou pelo nascimento em família católica, em São Francisco do Sul, Santa Catarina, 1930, por sinais de vocação presbiteral desde cedo, ingresso no Seminário Menor de Azambuja, Brusque, Santa Catarina, aos 11 anos, estudos de Filosofia no Seminário Maior de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, de Teologia na Universidade Gregoriana em Roma, ordenação presbiteral também em Roma, em 1956. Meu ministério presbiteral, ao longo de quase 60 anos, tem sido o de professor: os primeiros 15 anos, no Seminário Menor da Arquidiocese de Florianópolis, os últimos 40 anos no Instituto Teológico, agora Faculdade Católica de Santa Catarina, também em Florianópolis. Entre esses dois períodos, tive um ano de formação em música, nos Estados Unidos (1962-63), e três anos e meio para o mestrado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico em Roma (1970-73).

IHU On-Line – Como se deu seu trabalho junto às prisões e instituições penais em SC? Nesse sentido, como avalia a atuação da Igreja junto às prisões nos dias de hoje?

Ney Brasil Pereira – Comecei meu trabalho no complexo penal de Florianópolis em 1974, na linha de assistência religiosa semanal em quatro setores, na época: a Penitenciária, o Presídio Masculino (não havia mulheres presas), o Hospital de Custódia, chamado então Manicômio Judiciário, a Colônia Penal agrícola. Acompanhava-me uma Irmã da Divina Providência, muito dedicada, Irmã Maria Uliano. Participei logo de encontros da Pastoral “Penal” do Rio de Janeiro, com Pe. Bruno Trombetta. Pouco a pouco, surgiram encontros nacionais e a criação da Pastoral Carcerária, na década de 80. Em Florianópolis começou a formar-se uma equipe de leigos/as comigo. A Campanha da Fraternidade de 1997 foi um marco decisivo, que deu visibilidade à Pastoral. Começaram os encontros arquidiocesanos (este ano, o 23º), também os encontros regionais (este ano, será o 22º), a maioria dos quais com a minha coordenação. A atuação da Igreja nas prisões, aqui em SC, tem

sido modesta, mas está crescendo. Este ano publiquei a 3ª edição de pequena apostila que redigi em 1999. A coordenação estadual, este ano, passou para um ex-aluno meu, Pe. Almir Ramos, de Lages.

IHU On-Line – Sobre sua formação em música, quais as composições que mais despertam seu interesse, e por quais razões?

Ney Brasil Pereira – Minha formação musical foi a seminarística, num tempo em que o Seminário Menor cultivava a música coral e instrumental. Tendo aprendido a tocar harmônio, na época, fui o organista do Seminário Menor e, depois, do Maior, gostando muito do canto gregoriano e do canto coral. Cedo comecei a compor e a fazer arranjos corais.

Em 1962-63, através de uma Bolsa do governo americano, matriculei-me na Faculdade de música da Universidade Duquesne, em Pittsburgh, nos Estados Unidos, onde fiz todos os cursos possíveis de graduação e pós-graduação em dois semestres, aprendizado que muito me ajudou para o trabalho sucessivo aqui no Brasil, quando de repente os músicos foram chamados a compor para a nova liturgia em vernáculo. A partir de 1965, participei dos cursos anuais de canto pastoral no Rio e em São Paulo, como compositor convidado. Atualmente sou membro do grupo de reflexão de Música Litúrgica da CNBB.

Quanto às composições que mais despertam meu interesse, são, naturalmente, as composições corais e, também, as do canto litúrgico da assembleia. Tive a alegria de ter 15 composições minhas gravadas num excelente CD das Paulinas, “Com Maria, Mãe de Jesus” e mais um outro, a ser lançado ainda este ano pela Paulus, além de composições avulsas.

IHU On-Line – Que relações percebe entre religião e música? Quais as músicas sacras mais relevantes e quais conseguem expressar e captar melhor o sentido do cristianismo?

Ney Brasil Pereira – “Tudo a ver”, entre religião e música, desde as culturas primitivas. Como a poesia, o canto enriquece a expressão da palavra. Certamente um dos pontos mais desafiadores da reforma litúrgica está

na música: que tipo de música, para esta ou aquela assembleia... Há muito esforço, mas, às vezes, deficiente formação musical e litúrgica. Quanto às “músicas sacras mais relevantes” é uma pergunta muito abrangente. Para mim, as três grandes missas e o *Te Deum* de Bruckner¹, o “Messias” de Händel², a “Criação” de Haydn³, a IX Sinfonia de Beethoven⁴, o Réquiem de Lloyd Weber⁵... A lista não tem fim! Das minhas composições, o gregorianizante *Onde o amor e a caridade*, o jubiloso *O Senhor ressurgiu*, e um “Santo” em mi, que me parece transmitir à assembleia a experiência da santidade divina, segundo a visão de Isaías, 6...

IHU On-Line – A Sacrosanctum Concilium, documento do Vaticano II para a liturgia, afirma que a música ordinária da celebração litúrgica é o canto sustentado por órgão (de tubos). No entanto, o Concílio é invo-

1 Anton Bruckner (1824 -1896): foi um compositor austriaco conhecido primeiramente pelas suas sinfonias, missas e motetos. Estudou como professor de escola e organista, e foi nessa qualidade que trabalhou em Linz, até se mudar em 1868 para Viena para ensinar harmonia, contraponto e órgão no Conservatório de Viena. (Nota da IHU On-Line)

2 Georg Friedrich Händel (1685-1759): compositor barroco alemão. Suas obras incluem 32 oratórios, 40 óperas, 110 cantatas, 20 concertos, 39 sonatas, fugas, suítes, obras sacras para missas e obras orquestrais. A Revista IHU On-Line publicou uma entrevista com Bey Pereira Brasil sobre Händel intitulada *O Messias de Händel: um oratório cristológico*, disponível em <http://bit.ly/1uySM7Y>. (Nota da IHU On-Line)

3 Franz Joseph Haydn (1732-1809): um dos mais importantes compositores do período clássico. Era irmão do compositor Michael Haydn e do tenor Johann Evangelist Haydn. Tendo vivido a maior parte de sua vida na Áustria, Haydn passou a maior parte de sua carreira como músico da corte para a rica família dos Esterházy. Isolado de outros compositores, foi, segundo ele próprio, “forçado a ser original”. (Nota da IHU On-Line)

4 Ludwig van Beethoven (1770-1827): compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. Suas 32 Sonatas para Piano são consideradas o Novo Testamento da Música, sendo o Cravo Bem-Temperado de Bach, o Antigo Testamento. (Nota da IHU On-Line)

5 Andrew Lloyd Webber (1948): Compositor e produtor musical britânico, autor de obras de grande sucesso na Broadway como *O Fantasma da Ópera* (Nota da IHU On-Line)

cado para justificar inovações nesse campo da Igreja. O que dizer do uso de bandas nas igrejas, a atuação dos carismáticos durante a liturgia e, em contrapartida, o esquecimento dos corais e organistas?

Ney Brasil Pereira – A *Sacrosantum* fala também que o canto oficial da liturgia romana é o gregoriano, que é um canto em latim... Os Padres Conciliares não podiam imaginar os efeitos, espontâneos, da “abertura” para o vernáculo. Essa “abertura” tornou-se norma. Foi como um dique há muito tempo represado, quatro séculos depois que Lutero já o havia aberto para os seguidores da Reforma. A admissão do violão, da guitarra, foi logo dispensando o órgão de tubos, instrumento nobre, mas caro, e algumas bandas foram incorporando a bateria... É uma evolução, um desenvolvimento que ninguém pôde nem pode impedir, embora se deva, sim, nortear. É o que falei acima da necessária formação, tanto musical quanto litúrgica, para que essa “nova música” seja digna de tão rica tradição.

Quanto ao esquecimento dos corais e organistas, é uma perda a lamentar, embora os próprios corais, nas igrejas, tenham de adaptar-se à sua função ministerial. Não são, não devem ser, corais de concerto. A propósito, costume fazer a distinção entre música “sacra” e música “litúrgica”: esta, a música/canto litúrgicos, adaptando-se ao tempo, momento, texto litúrgico, assembleia celebrante; aquela, a “sacra”, muitas vezes não mais “litúrgica”, pelo fato de não permitir a participação da assembleia, embora integrando a riquíssima tradição musical em latim, que abrange o gregoriano, a “ars nova”, a polifonia, o barroco, o romantismo, a música moderna... Pessoalmente, há 40 anos reço o Coral da Catedral de Florianópolis, sempre acompanhado do nosso órgão de tubos, animando uma das missas de domingo, cada semana, exceto no período das férias de verão: o Coral canta com o povo o canto de entrada, o refrão do salmo responsorial, e o canto da comunhão, encarregando-se das outras partes cantadas.

IHU On-Line – Que apontamentos faz sobre o movimento e o estudo bíblico no Brasil e o conhe-

“O conhecimento bíblico entre os católicos brasileiros tem melhorado, mas deixa ainda muito a desejar”

cimento bíblico entre os católicos brasileiros?

Ney Brasil Pereira – O “movimento bíblico” é de antes do Concílio, aliás, um dos fatores que tornaram possível o Concílio. Data importantíssima é o ano de 1943, ano da publicação de encíclica *Divino Afflante* de Pio XII⁶, que libertou a exegese católica admitindo, no texto bíblico, o reconhecimento dos gêneros literários e levando à frente o caminho iniciado pela *Providentissimus* de Leão XIII⁷, de 1893. De importância decisiva foi a criação do Pontifício Instituto Bíblico por Pio X⁸ em Roma, em 1909, formando inúmeros exegetas católicos.

No Brasil, a Liga de Estudos Bíblicos, criada em 1947, com as primeiras Semanas Bíblicas; o lançamento da Bíblia da Ave Maria, traduzindo em português a Bíblia de Maredsous, tradução francesa dos originais; os Salmos de Gelineau; os círculos bíblicos

de Frei Carlos Mesters⁹, o qual criou também o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, priorizando a leitura popular da Bíblia; o lançamento integral da Bíblia de Jerusalém em português, em 1981; a Bíblia Pastoral da Paulus, lançada em 1990 e, neste ano de 2014, refeita como a Nova Bíblia Pastoral, a Tradução Ecumênica da Bíblia, traduzida do francês pela Loyola em 1994; a Bíblia da CNBB em 2001, etc., é uma bela história que, naturalmente, deve continuar.

O conhecimento bíblico entre os católicos brasileiros tem melhorado, mas deixa ainda muito a desejar. Não há outro meio de progredir senão pelo estudo, o estudo da Bíblia, inclusive incentivando os leigos a cursarem nossos Institutos e Faculdades de Teologia. Nesse campo, nossos irmãos evangélicos, em certos pontos, estão à nossa frente, inclusive com publicações preciosas em suas editoras.

IHU On-Line – Quais as suas lembranças sobre a atuação de Dom Joaquim Domingues de Oliveira? Quais suas principais atuações na Igreja de Santa Catarina?

Ney Brasil Pereira – Dom Joaquim foi o segundo Bispo de Florianópolis, tornada diocese em 1908. Ele iniciou seu ministério em 1914, quando a diocese abrangia todo o Estado. Ele tornou-se o primeiro Arcebispo em 1927, quando foram criadas as dioceses de Joinville e de Lages. No mesmo ano, auxiliado pelo Pe. Jaime Câmara (futuro Cardeal do Rio de Janeiro), Dom Joaquim fundou o Seminário Menor de Azambuja, em Brusque. Pessoalmente, devo a ele meus estudos de Teologia em Roma, de 1952 a 1956. Ele chegou a celebrar o Jubileu de Ouro de sua ordenação episcopal, em 1964, tendo podido participar da primeira sessão do Concílio Vaticano II em 1962. Formado em Direito Canônico, foi um Bispo do seu tempo, gozando de incontestável autoridade entre seu clero e respeitado pelas autoridades e pelo povo. Famoso pelas visitas pastorais feitas

6 **Papa Pio XII** (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. (Nota da IHU On-Line)

7 **Leão XIII** (1810-1903): nascido *Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci*. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu a sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a ideia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da IHU On-Line)

8 **São Pio X** (1835-1914): foi o 257º Papa. Seu pontificado decorreu de 4 de agosto de 1903 até a data da sua morte. Ficou conhecido como o “Papa da Eucaristia” e foi o primeiro Papa a ser canonizado desde Pio V (1566-72). (Nota da IHU On-Line)

9 **Frei Carlos Mesters**: Carmelita holandês, há décadas radicado no Brasil, criou o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) que contribuiu, decisivamente, na difusão da leitura popular da Bíblia no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

com zelo e pelos sermões na Catedral, preparados por escrito, deixou a seu sucessor a implementação das reformas do Concílio Vaticano II.

IHU On-Line – E em relação à atuação de Dom Afonso Niehues à frente da Igreja de Florianópolis, quais as suas lembranças?

Ney Brasil Pereira – Dom Afonso foi ordenado Bispo em 1959, assumindo como Bispo-coadjutor de Lages até 1965, quando a Santa Sé o devolveu à sua diocese de origem, agora como Arcebispo-coadjutor “sede plena” e Arcebispo Metropolitano desde 1967, com o falecimento de Dom Joaquim. A atuação de Dom Afonso em Florianópolis, de 1965 até 1991, foi marcada pela implementação das reformas do Concílio Vaticano II, de cujas quatro sessões ele participou ativamente. Foi também um dos delegados da CNBB para a III Conferência Geral do episcopado latino-americano em Puebla, em 1979. A obra talvez mais importante do seu episcopado, pelo menos em termos institucionais, foi, junto com os outros bispos de Santa Catarina, a criação do ITESC, Instituto Teológico de Santa Catarina, no qual já se formaram mais de 500 presbíteros de todas as dioceses do Estado e também de algumas do Paraná. Fiel aos sinais dos tempos, Dom Afonso exerceu a autoridade com diálogo, sem perder a firmeza. Percorreu a arquidiocese várias vezes em visitas pastorais e incentivou a Pastoral de Conjunto. Tornando-se emérito em 1991, aos 77 anos de idade, retirou-se discretamente para o Seminário Menor de Azambuja, do qual fora um dos primeiros alunos em 1927, e ao qual retornara como professor em 1940, tornando-se reitor em 1947, até sua eleição para o episcopado no início de 1959. Faleceu no meio dos seus padres durante um retiro do Clero, do qual estava participando, em setembro de 1993. Como Dom Joaquim, está sepultado na Catedral de Florianópolis.

IHU On-Line – Que mudanças destaca na Igreja, no Brasil e no exterior, após o Vaticano II? Quais os avanços e retrocessos, 50 anos depois?

Ney Brasil Pereira – Mudança mais visível, a da Liturgia, evidente-

“Não há outro meio de progredir senão pelo estudo, o estudo da Bíblia, inclusive incentivando os leigos a cursarem nossos institutos e faculdades de teologia. Nesse campo, nossos irmãos evangélicos, em certos pontos, estão à nossa frente, inclusive com publicações preciosas em suas editoras”

mente. O abandono do latim, na liturgia e na formação do clero, trouxe como consequência uma liturgia mais espontânea e menos rubricista, e uma teologia também mais espontânea, pensada e ensinada em vernáculo, mais bíblica e indutiva, dando possibilidade à criação e desenvolvimento da teologia da libertação, uma das grandes marcas do Espírito em nosso tempo. Quanto aos inegáveis “avanços”, nos primeiros 20 anos após o Concílio, muitos a meu ver não souberam pôr em prática a sábia advertência da 2ª carta de João, v. 9: “*Todo aquele que avança, e não permanece na doutrina do Cristo, não tem a Deus*”, isto é, avançaram demais. Explico-me: é bom “avançar”, inclusive obedecendo

ao Espírito que nos conduz “*à plenitude da Verdade*” (Jo 16,13), mas sem deixar de “permanecer”, esse verbo tão querido do Discípulo Amado. Eu tive a graça de viver tranquilamente essa passagem, por ter sido formado de modo relativamente rígido, antes do Concílio, e tendo vivido meus primeiros oito anos de padre ainda celebrando de costas, em latim, e usando sempre a batina, etc. Mas tive a graça, também, de iniciar meus estudos bíblicos, em Roma, cinco anos depois do encerramento do Concílio, com professores do porte de Alonso-Schökel¹⁰, Ignace De La Potterie¹¹, Vogt, Zerwick, Vanhoye¹², Martini¹³.

Quanto aos “avanços” na formação do clero, senti-os exagerados, causando enormes preocupações aos bispos e formadores, naqueles anos em que tudo tinha que ser discutido e aprovado, “de baixo” para cima, o que senti especialmente nos primeiros tempos do ITESC, de cuja história faço parte desde seus inícios em 1973. Pouco a pouco, as coisas foram-se estabilizando, a partir de João Paulo II¹⁴ e da promulgação do novo Código

10 Luis Alonso Schökel (1920-1998): foi um padre jesuíta espanhol, exegeta bíblico e professor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. (Nota da IHU On-Line)

11 Ignace de La Potterie (1914- 2003): foi um sacerdote jesuíta belga e teólogo, conhecido estudioso da Bíblia e professor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. (Nota da IHU On-Line)

12 Albert Vanhoye (1923): é um padre jesuíta francês, exegeta e professor de Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, onde foi reitor entre 1984-1990. Particularmente conhecido por seus estudos sobre a Epístola aos Hebreus e do Sacerdócio de Cristo. (Nota da IHU On-Line)

13 Carlo Maria Martini (1927-2012): teólogo jesuíta, profundo conhecedor da Bíblia, cardeal italiano e arcebispo emérito de Milão falecido dia 31 de agosto de 2012. Confira a última entrevista que concedeu, disponível em <http://bit.ly/R8SdaX>, sob o título “*A Igreja retrocedeu 200 anos. Por que temos medo?*”. Confira, ainda, a cobertura dada pelo IHU à morte de Martini: *Morreu Martini, o bispo do diálogo*, em <http://bit.ly/TlgXZR>; *Martini, um homem de Deus. Artigo de Vito Mancuso*, em <http://bit.ly/NKt6uv>; “*A abertura de Martini aos não crentes foi um ato de responsabilidade*”. Entrevista com Massimo Cacciari, em <http://bit.ly/UkM4Np>; A “*dura viela*” da morte, segundo Martini, em <http://bit.ly/TlhSJS>. (Nota da IHU On-Line)

14 Papa João Paulo II (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa

de Direito Canônico em 1983 e, mais ainda, com a publicação do Catecismo da Igreja Católica em 1992. Senti, na “*Dominus Jesus*”, do ano 2000, um estreitamento da visão ecumênica e do diálogo inter-religioso do Vaticano II na “*Nostra Aetate*”. Com Bento XVI¹⁵ vi um retrocesso na readmissão do Missal e do rito de São Pio V, e não entendi, em tão grande teólogo, o gosto pelos paramentos antigos e a insistência na comunhão na boca, embora apreciasse as suas belas homilias e a sabedoria de suas entrevistas.

IHU On-Line – Em relação à formação do clero, a Igreja está atenta à realidade contemporânea? Quais os principais desafios nessa questão?

Ney Brasil Pereira – Certamente, a Igreja está atenta. Só que essa realidade é tão dinâmica, que é difícil acompanhá-la e, mais uma vez, “*avancar, sim, mas permanecendo...*” (cf 2Jo 9). Os desafios são sobre-humanos: só mesmo com a graça de Deus e a docilidade aos apelos do Espírito e aos sinais dos tempos. É um milagre que haja ainda jovens dispostos ao ministério presbiteral celibatário nestes tempos de família em crise, de casais com um ou dois filhos, neste ambiente permissivo que transpira sexo, nesta sociedade consumista, etc. Não há dúvida de que o celibato é um grande valor, um tesouro da Igreja, um notável testemunho, mas deveria, penso que quanto antes, ser opcional. E a Igreja deveria ordenar os “*virii probati*”, assim como restaurou o diaconato permanente: em nossa arquidiocese, os diáconos permanentes, casados, são mais numerosos que os presbíteros celibatários, e não há dificuldade nenhuma de convivência mútua e de aceitação por parte do povo de Deus. A própria formação no Seminário Teológico, quem sabe não precisaria ser, nos quatro anos, em forma de inter-

não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ Bento XVI (em latim: Benedictus XVI) nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): Foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da IHU On-Line)

“De importância decisiva foi a criação do Pontifício Instituto Bíblico por Pio X em Roma, em 1909, formando inúmeros exegetas católicos”

nato, mas deveria possibilitar o trabalho e o sustento pessoal como o fazem os outros jovens. Isto, sem prejuízo de uma formação espiritual aprimorada.

IHU On-Line – Como avalia o pontificado do Papa Francisco? Quais as questões mais urgentes a serem tratadas por ele?

Ney Brasil Pereira – A eleição de Francisco foi a grande surpresa de Deus à sua Igreja em março de 2013, graças à inesperada, mas humilde e sábia renúncia do Papa Bento XVI, em 28-02. Concordo plenamente com o que a maioria da opinião pública, na Igreja e no mundo, anda dizendo a respeito dele. Tive a oportunidade de passar uma semana convivendo com ele na Casa de Santa Marta, em abril do mesmo ano, quando lá me hospedei com os outros membros da Pontifícia Comissão Bíblica: presença muito simples, despretensiosa, no mesmo refeitório, mesmos corredores. Na breve troca de palavras, após a audiência oficial que nos concedeu, o seu pedido, que ele constantemente repete: “Reze por mim!”.

Evidentemente, ele não é um super-homem, e tem e terá as suas limitações. Mas a *Evangelii Gaudium*, como programa do pontificado, é extraordinária. Seu senso de humanidade, por exemplo, para com os presos, me toca muito. Seu método de trabalho colegiado, sua troca do Palácio Apostólico (!) pela Casa Santa Marta, sua insistência na misericórdia

de Deus e na misericórdia da Igreja e na preocupação com os pobres e com a paz... Quanto às “questões mais urgentes”, creio que elas estão aflorando por si, e ele demonstra estar atento a elas.

IHU On-Line – Como vê a questão da ordenação de mulheres, agora vindo à tona com a decisão da Igreja da Inglaterra em admiti-las até ao episcopado? Essa questão tem relevância?

Ney Brasil Pereira – Sem dúvida alguma tem relevância, após um século de movimento irreversível de ascensão da mulher a todos os postos na sociedade. É um inequívoco sinal dos tempos. E a Igreja, feita de homens e de mulheres, não pode continuar a ser dirigida só por homens. Sinto algo estranho no fato de, numa liturgia solene, numa catedral, a abside ser ocupada só por homens... É claro que, além do peso da tradição, temos o argumento bíblico de que Jesus escolheu só homens como seus 12 apóstolos. Mas temos também a novidade bíblica enunciada por Paulo de que, “doravante, não há mais homem nem mulher (literalmente, *nem macho nem fêmea*), mas todos sois um só no Cristo Jesus” (Gl 3,28). Penso que a Igreja da Inglaterra deu um passo corajoso e, acredito, absolutamente não leviano. As razões expressas pelo Arcebispo de Canterbury¹⁶ são de fato ponderáveis. Esse gesto atrapalhará a caminhada ecumênica? Havendo humildade e amor mútuo, não atrapalhará.

IHU On-Line – Quais os grandes desafios da Igreja hoje?

Ney Brasil Pereira – O primeiro, fundamental, é o de a Igreja (e nela me incluo) dar efetivamente atenção ao que o profeta Oseias 6,6 diz quanto àquilo que Deus quer de nós: “*É a misericórdia que eu quero, e não o sacrifício ritual* (literalmente, “animais degolados”); *o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos* (literalmen-

¹⁶ O Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou em seu site, nas Notícias do Dia, o artigo completo intitulado *Arcebispo de Canterbury escreve a seus parceiros de ecumenismo sobre as bispas*, disponível em <http://bit.ly/1mUBmsl>. (Nota da IHU On-Line)

te, “animais queimados”). Em seu confronto com os representantes da religião no seu tempo, Jesus cita essa passagem por duas vezes. É porque, desde sempre, ao longo de toda a história humana, as religiões têm valorizado mais o rito, o dogma, do que a ética. Ora, se o rito é de certo modo necessário para a expressão comunitária da fé, ele é secundário em relação à ética.

E nós continuamos a celebrar belas liturgias – e elas são necessárias, sem dúvida – e não enxergamos os pobres! No Brasil, somos um país nominalmente cristão, de batizados, católicos ou evangélicos, e convivemos com a injustiça, a corrupção, o consumismo, a violência... Não é esse o maior desafio da Igreja, das Igrejas?

Infalibilidade da Igreja

Outro grande desafio da Igreja católica é o repensamento da infalibilidade. É um dogma do Concílio Vaticano I, o da infalibilidade papal, como é dogma também a inerrância bíblica, portanto, a infalibilidade bíblica, “naquilo que Deus quis que fosse escrito em vista de nossa salvação” (*Dei Verbum*, n. 11). Falei em “repensamento”, “reconceituação”, na linha do que João XXIII apontou como um dos objetivos do Vaticano II: reformular em linguagem nova as verdades antigas da fé. O dogma da infalibilidade foi definido num contexto de luta da Igreja do século XIX contra o racionalismo. Mas quantas posições da Igreja no próprio *Syllabus* de Pio IX estão hoje superadas! Quem não

“Outro grande desafio da Igreja Católica é o repensamento da Infalibilidade”

reconhece que, se Deus é infalível, o nosso falar sobre Deus não pode ser infalível, pois então não seria humano! Ora, a linguagem humana, exatamente por ser humana, é falível, perfectível e, por isso, também, mutável. Por que não assumir um outro adjetivo, como o sugeriu Hans Küng¹⁷

17 Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre,

em 1968 ou 69: “indefectível”? A Igreja, mesmo falível, por ser humana, é, porém, por dom divino, indefectível, como o prometeu o Senhor Jesus em Mt 16,18 (“*não prevalecerão*”) e em Mt 28,20 (“*Eu estou convosco...*”). “Indefectível”, por graça de Deus, mas não “infalível”, pois é humana.

Ainda outro desafio, na linha do precedente, é o do “alargamento” do conceito da Inspiração bíblica. Toquei no assunto num artigo sobre “a palavra de Deus no Vaticano II”¹⁸. Penso que, apesar da posição contrária expressa na “*Dominus Jesus*”, não podemos deixar de reconhecer a ação do Espírito – a Inspiração! – também nos livros sagrados de outras religiões e culturas, mesmo em tudo o que o espírito humano, claro que por dom de Deus, escreveu de bom. Inclusive por autores até agnósticos ou mesmo ateus. Pois “*tudo dom precioso e toda dádiva perfeita* – onde quer que se encontrem – *vêm do alto, descendo do Pai das luzes*” (Tg 1,17). Isso nada tira da Inspiração por excelência, reconhecida nos livros canônicos. Mesmo esta, porém, humildemente sujeita às limitações da escrita humana.

na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Veja na revista *IHU On-Line* n° 240, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate* em <http://bit.ly/ihuon240>. (Nota da IHU On-Line)
18 PEREIRA, Ney Brasil, “A Palavra de Deus no Vaticano II”, in “Encontros Teológicos”, revista do ITESC, Florianópolis, n. 62 (2012/2), pp. 95-106. (Nota da IHU On-Line).

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Reportagem

Instituto Anchietano de Pesquisa reinaugura dois museus na Unisinos



Fotos: Ricardo Machado

POR RICARDO MACHADO

A história do mundo é muito maior do que aquilo que cabe em palavras, em imagens ou em memórias. De tudo o que a civilização humana espalhou ao longo do tempo, reunimos os cacos e disso recontamos e reconstruímos nosso passado, no esforço hercúleo de compreendermos a nós mesmos. Em síntese esse é o trabalho dos museus e, também, do

Instituto Anchietano de Pesquisas – IAP, que inaugura sua nova sede no Campus da Unisinos, no dia 31 de julho, a partir das 18 horas, na Galeria Cultural da Biblioteca. O evento marca, também, os 45 anos da Unisinos na atual sede, no dia dedicado a Santo Inácio de Loyola.

Longe da pompa dos badalados museus, o IAP tem sua riqueza no

valor histórico das peças e artefatos que datam de 12 mil anos – no museu arqueológico – e imagens de santos de aproximadamente 300 anos – no Museu Capela. Os ambientes ficam distribuídos em dois espaços no Campus da Unisinos. No Centro das Humanidades, localizado no Prédio 1E, está o museu arqueológico destinado à exposição de itens da pré-história

do Brasil, de populações indígenas e peças arqueológicas andinas, além de um herbário com mais de 140 mil itens. No andar térreo do prédio da Biblioteca fica localizado o Museu Capela, onde estão expostas figuras de santos com cerca de 2 metros de altura, esculpidas em troncos de madeira por indígenas das Reduções Jesuíticas¹ do noroeste do Rio Grande do Sul.

Visitação

O público-alvo do IAP são grupos de estudantes do ensino fundamental e médio, que fazem visitas médias e agendadas previamente. Os museus – Arqueológico e Museu Capela – do IAP não têm pessoas para atender as visitas em tempo integral, entretanto, a equipe de pesquisadores, professores e alunos bolsistas da Unisinos se revezam no atendimento ao público. “Somos uma equipe pe-

1 Missões Jesuíticas ou Reduções Jesuíticas: simplificação da expressão Território dos Sete Povos das Missões, que designa a região situada a noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul, na atual fronteira entre o Brasil e a Argentina, a leste do vale do Rio Uruguai. As missões jesuíticas tiveram grande importância histórica para todo o Brasil. O Tratado de Madrid estabeleceu limites entre territórios espanhóis e portugueses, e os Sete Povos das Missões passaram a pertencer à Espanha, o que obrigaria os índios a mudarem-se para a outra banda do rio Uruguai. Esse foi um dos motivos que determinaram a Guerra Guaranítica, uma guerra que colocou os jesuítas, aliados aos índios Guaranis, contra os exércitos dos países ibéricos, marco da derrocada das povoações missioneiras. No Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos, realizado em setembro de 2006 na Unisinos, os sete povos foram tema de inúmeros mini-cursos e oficinas. Mais informações sobre as missões jesuíticas podem ser obtidas nas edições da IHU On-Line 156, de 19 de setembro de 2005, intitulada *Essa terra tem dono*, nós a recebemos de Deus e de São Miguel, e 186, de 26 de junho de 2006, *Jesuítas. Quem são?* O site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em suas Notícias Diárias dá amplo destaque aos sete povos. Confira, em 17-09-2006, a entrevista *A música nos sete povos das missões*, com Décio Andriotti. Em 03-08-2006 os historiadores Beatriz Franzen e Alcy Cheuiche concederam os seguintes depoimentos, respectivamente, “Em absoluto posso aceitar a tese de que uma teocracia estava se formando nas missões jesuíticas” e *Jornal Nacional das Missões Guaranis: entre tapas e beijos*. Outras entrevistas importantes foram concedidas pelo Irmão Antonio Cechin em 23-02-2007 sob o título *A utopia da terra sem males* e por Edison Hüttner sobre *O retorno do repicar do Sino de São Miguel*, em 22-04-2006. (Nota da IHU On-Line)



quena, de 14 pessoas, que nos dividimos no trabalho de catalogação dos materiais e atendimento ao público”, explica Pe. Pedro Ignacio Schmitz², Coordenador da Arqueologia do IAP e professor da Unisinos desde 1963.

Dos porões às galerias

Todo historiador é um pouco alquimista, transforma coisas velhas em antigas, “lixo” em luxo. Foi de um processo de transformação destes que algumas peças que integram os museus do IAP saíram dos porões do Colégio Anchieta, em Porto Alegre, e se transformaram em artigos de exposição. O Instituto Anchieta de Pesquisas foi fundado pelos padres Balduino Rambo³ e Luiz Gonzaga Jaeger⁴, em 1956,

juntamente com outros jesuítas de áreas da Física, Química, Matemática, Botânica, Zoologia, Antropologia, entre outros.

Arqueologia

A sala onde ficam os materiais do acervo arqueológico do IAP reúne desde artefatos de populações que viveram na América Latina há 12 mil anos, até artesanatos indígenas contemporâneos que datam da década de 1960. No centro da sala, grandes painéis de barro chamam atenção de quem entra no ambiente. “Os homens indígenas quando voltavam para seus lares bebiam a ‘chicha’, uma espécie de bebida fermentada com milho, mandioca ou mel, similar às nossas cervejas”, explica Ignacio Schmitz.

Ao redor do ambiente, uma série de cartazes e painéis com reproduções de imagens indígenas reproduzidas em cavernas, pintadas por diferentes tribos, compõe todo o espaço do museu. Há também toda a sorte de ferramentas e instrumentos de povos que viveram há 12 mil anos

cerdote jesuíta. Trabalhou em Porto Alegre e em fins de 1924 começou a trabalhar no Colégio Anchieta. Fez excursões para a região das missões para estudar o histórico das colônias jesuíticas. Foi o primeiro padre a escrever extensa bibliografia sobre o assunto no Brasil. O padre Jaeger também foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, professor do Colégio Anchieta em Porto Alegre, e fundador do Instituto Anchieta de Pesquisas. (Nota da IHU On-Line)

2 Sobre Pedro Ignacio Schmitz há disponível no site da Revista IHU On-Line: Perfil publicado na editoria IHU Repórter da edição 385 da IHU On-Line, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/1Am7oQ>. (Nota da IHU On-Line)

3 Balduino Rambo: sacerdote jesuíta, professor, jornalista, escritor, botânico e geógrafo brasileiro. Sobre ele, consultar o livro de Luiz Osvaldo Leite *Jesuítas cientistas no sul do Brasil* (São Leopoldo: Unisinos, 2005). Rambo publicou um livro de contos em dialeto alemão, em dois volumes, intitulado *O rebento do carvalho* (São Leopoldo: Unisinos, 2002). Em 1942 publicou sua primeira grande obra, *A fisionomia do Rio Grande do Sul*, uma descrição detalhada da geografia do estado, incluindo mapas e 30 ilustrações paisagísticas, feitas a partir de fotos aéreas tiradas por ele em viagens por todo o território, realizadas com um avião do terceiro Regimento de Aviadores de Canoas. (Nota da IHU On-Line)

4 Luiz Gonzaga Jaeger (1889-1963): sa-



na região Sul do Brasil. Os testes sobre a datação do material recolhido e exposto são feitos por meio do Carbono 14 e realizados nos Estados Unidos.

O professor explica que a coleta do material é resultado de um trabalho de décadas em todas as regiões brasileiras e andinas. “Quando comecei os trabalhos arqueológicos, em 1972, fiz um programa de pesquisa que abarcava cinco áreas de 20 mil quilômetros quadrados cada uma, em diversas regiões. De lá para cá viemos fazendo esse trabalho de coleta e seleção de materiais que compõem nosso acervo arqueológico”, conta o professor.

Museu Capela

Mesmo quem passa pela porta do novo Museu Capela, ao olhar pela porta de vidro é capaz de ver os itens que compõem o acervo. São imagens em madeira – esculpidas por indígenas na época das Reduções Jesuíticas –, em gesso e um altar fabricado no ano de 1921. “O Museu Capela quer mostrar a memória do trabalho dos jesuítas. Ele fica junto [no mesmo prédio] do Memorial Jesuíta, da nossa biblioteca e da capela da Unisinos”, esclarece Ignacio Schmitz.

A opulência das Reduções Jesuíticas, entre 1610 e 1759, marcou o auge da territorialidade da Companhia de Jesus nos séculos coloniais da América Latina, momento em que se

propuseram catequizar e civilizar os indígenas. A ordem foi fundada em 1534, em Paris, por um grupo de estudantes liderados por Inácio de Loyola. Em 1540 os jesuítas foram reconhecidos pelo Papa enquanto congregação e empreenderam a tarefa de construir escolas para os nobres e os filhos dos nobres europeus. “As escolas eram uma ‘muralha’ contra o protestantismo, pois os colégios serviam para fortalecer o catolicismo na Europa”, lembra o professor.

Algumas imagens que integram o acervo do Museu Capela foram esculpidas em troncos de madeira, manufaturadas por indígenas sob orientação de jesuítas com conhecimentos em arquitetura. De acordo com o coordenador de arqueologia do museu, os corpos das imagens eram fabricados nas Missões, mas muitas cabeças e mãos vinham da Europa, apenas para serem encaixadas às estátuas. “Algumas imagens têm feições indígenas, como é o caso das estátuas de santos que não possuem barba, sequer um fio de bigode. É clara a forma como os indígenas reproduziam a própria cultura nas imagens que fabricavam. No mundo todo existem mais ou menos 3 mil peças fabricadas nesse período, das quais 13 estão no nosso museu”, destaca.

Supressão da Companhia de Jesus

A partir de 1750, com o Tratado de Madri e a Guerra Guaranítica, os indígenas que viviam nos Sete Povos das Missões tentaram resistir às tensões da Corte Portuguesa, que impunha aos povos originários a necessidade de viverem do outro lado do Rio Uruguai. Anos mais tarde, a situação tornou-se insustentável na Europa, por pressão dos Reis de Portugal, França e Espanha, e a Companhia de Jesus foi suprimida, em 1773, como Ordem Católica, mas seguiu seu trabalho em países não católicos, como a Prússia e a Rússia. “Eles precisavam dos jesuítas e por isso mantiveram o trabalho dos religiosos nessa região, que eram fundamentais para a educação local e seguiram com suas atividades”, conta Ignacio Schmitz.

Quem foi Santo Inácio de Loyola

Íñigo (Inácio) López nasceu na localidade de Loyola, atual município de Azpeitia, próximo a San Sebastian, no País Basco, na Espanha, em 1491. De família rica, o caçula de treze irmãos decidiu dedicar-se à espiritualidade aos 26 anos, quando abandonou a carreira militar, voltando a estudar para melhor abraçar a vocação descoberta de evangelizador. De 1522 a 1523 escreveu os Exercícios Espirituais, baseados em sua experiência de encontro com Deus, através de reflexões que levam em conta sua própria humanidade. Os Exercícios Espirituais se tornaram, mais tarde, um reconhecido método de evangelização para os católicos.

Em 1534, com mais seis companheiros, entre eles Francisco Xavier, funda a Companhia de Jesus, que recebe a aprovação do Papa Paulo III em 1540, quando Inácio é escolhido para o cargo de superior-geral da ordem. Santo Inácio morreu em Roma, em 31 de julho de 1556, aos 65 anos. Em 1922, o Papa Pio XI declarou Santo Inácio padroeiro de Retiros Espirituais.

Equipe**Diretor:** Pe. Aloysio Bohnen**Coordenador da Arqueologia:**

Pe. Pedro Ignacio Schmitz

**Pesquisadores/Funcionários:**

Denise Schnorr, Ivone Verardi, Jai-

ro Henrique Rogge, Jandir Damo, Marcus Vinícius Beber, Maria Salete Marchioretto e Suliano Ferrasso

Bolsistas: Natália Machado Mergen, Mariele Fischer Parode, Vera Regina Schmitt Pires da Silva, Rafaela Nogueira, Fabiane Maria Rizzardo e Natália Mota
Entre em contato

Para obter mais informações sobre agendamento e horário de funcionamento dos museus, entre em contato pelo telefone (51) 3590-8409 ou pelo e-mail anchietano@unisinos.br.

Leia mais...

- *Pedro Ignacio Schmitz*. Perfil publicado na editoria IHU Repórter da edição 385 da **IHU On-Line**, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/1IAm7oQ>;
- *Uma história marcada por lutas e resistências*. Entrevista com Pedro Ignacio Schmitz publicada na edição 331 da **IHU On-Line**, de 31-05-2010, disponível em <http://bit.ly/1pfntcO>;
- *Lição dos índios: sobrevivência é o princípio de qualquer cultura*. Entrevista com Pedro Ignacio Schmitz publicada na edição 257 da **IHU On-Line**, de 05-05-2008, disponível em <http://bit.ly/1x7FdlH>.

Acesse www.ihu.unisinos.br/entrevistas e confira diariamente importantes debates conjunturais

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

[Blog](#)
[RSS](#)
[Twitter](#)
[Facebook](#)
[YouTube](#)

[Início](#)
[Sobre o IHU](#)
[Áreas](#)
[Notícias](#)
[Entrevistas](#)
[Publicações](#)
[Eventos](#)
[Cepat](#)
[Espiritualidade](#)
[Entre em contato](#)

ENTREVISTAS

As mais recentes entrevistas realizadas pela equipe do IHU. Confira uma nova entrevista por dia.

Segunda, 17 de Junho de 2013

Outono Indígena. Entrevista especial com Jorge Eremites de Oliveira

"O governo federal tem olhado para os povos indígenas com as lentes do agronegócio, recebidas do movimento ruralista. Isso faz parte da lógica do desenvolvimento econômico a qualquer custo e atende a projeto político para a disputa de eleições futuras", diz o entrevistador.

Confira a entrevista.

Foto: racismoambiental.net.br

*A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de [...]

0 Comentários

Leia mais

NOTÍCIAS

Em resposta à violência, manifestantes preparam maior protesto em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, também protestam

Policia atira bombas contra manifestantes e famílias na Quinta da Boa Vista

Protestos no Maracá: "Da Copa e a mão, e que o mais dinheiro para a saúde e a educação"

"Não queremos apenas circo. Que queremos também pão, trinta da justiça social", diz voto do CONIC

Maracá tem estreia conturbada em Copa das Condições

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Publicações em destaque



Cadernos IHU em formação

Consequências do Outono: juventude, rua e desencanto político

Em sua 46ª edição, os **Cadernos IHU em formação** discutem as consequências e reflexos das mobilizações sociais de junho e julho de 2013. *Consequências do Outono: juventude, rua e desencanto político* é um compêndio de entrevistas, notícias e artigos sobre o Outono Brasileiro de junho e julho de 2013 e o desdobramento de discussões sobre temas levantados nas ruas a partir do que foi discutido pelo **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** na edição 191ª dos **Cadernos IHU ideias**, #VEMpraRUA: *Outono Brasileiro? Leituras*. Ao instigar o debate sobre este tema, propomos uma reflexão sobre as diferentes continuidades e desenvolvimento dos processos políticos, de representação e de crise iniciados no ano de 2013. E pretendemos que esta seja ainda utilizada como

fomento a novas práticas e inserções políticas no cotidiano. Colaboram para o debate entrevistas com Rodrigo Nunes, Antonio Martins, Leandro Beguoci, Lucia Mury Scalco, Salete Valesan, Ricardo Antunes, Jorge Barcellos, Adriano Pilatti, Bruno Lima Rocha e Giuseppe Cocco.

Esta e outras edições dos **Cadernos IHU ideias** podem ser adquiridas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 55 (51) 3590-8213. A publicação também está disponível em pdf no link <http://bit.ly/1xUdtKC>. Já as demais edições podem ser acessadas em www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias.

Releia algumas das edições já publicadas da **IHU On-Line**.



O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin

Edição 304 – Ano IX – 17-08-2009

Disponível em <http://bit.ly/ihuon304>

“O universo inteiro está em evolução”, afirma John Haught. Segundo ele, “Teilhard de Chardin foi um dos primeiros cientistas no século passado a reconhecer que todo o cosmos, e não apenas as fases da vida e da existência humana, é uma história importante. Sobre a evolução da Terra, já trouxe a esfera da matéria (geosfera) e da vida (a biosfera). Agora se está criando a esfera da mente/espírito (a noosfera)”. Contribuem para a discussão John Haught, Jacques Arnould, George Coyne, Ludovico Galleni, Luís Miguel Sebastião, Paul Schweitzer, Pedro Guimarães Ferreira e Waldecy Tenório.

O Pós-humano

Edição 200 – Ano IX – 16-10-2006

Disponível em <http://bit.ly/ihuon200>

“O pós-humanismo é o contrário da autorreferência, é a celebração da hibridação, é a consciência de que o homem não apenas não é a medida do mundo, mas não é nem mesmo a medida de si mesmo”, afirma Roberto Marchesini, estudioso de ciências biológicas e de epistemologia, em entrevista publicada na edição número 200 da revista **IHU On-Line**. Contribuem para este número Roberto Marchesini, Elena Pulcini, Roberto Mancini, Marc Jongen, Marcello Buiatti, Claudio Tugnoli, Rêmi Brague e Mario Novello.



O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, auto-organização e caos

Edição 142 – Ano V – 23-05-2005

Disponível em <http://bit.ly/ihuon142>

Mais de 600 pessoas, vindas de todo o Brasil e do exterior, participaram do *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, realizado na Unisinos de 16 a 19 de maio de 2005. O evento reuniu uma série de pesquisadores de diversas áreas, com uma proposta multidisciplinar para tratar dos temas de fronteira que o século XXI suscita. Algumas entrevistas podem ser conferidas como as com Carlos James dos Santos, Mário Novello, Paul Schweitzer, Thomas Michael Lewinsohn e Waldecy Tenório.



IHU mantém intensa agenda de debates contemporâneos

Para compreender a questão de fundo deste evento é preciso levar em conta o subtítulo, que diz: A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea. Com base nisso, o objetivo é desenvolver uma reflexão crítica e transdisciplinar que auxilie a pensar o sentido, as implicações e os desafios teóricos e práticos da contemporaneidade tecnocientífica para a vida. Inscrições, envio de trabalhos e mais informações em <http://bit.ly/SIMPXIV>.



COMPANHIA DE JESUS DA SUPRESSÃO À RESTAURAÇÃO

sua restauração oficial (Bula "Sollicitudo omnium ecclesiarum" do Papa Pio VII, 7 de agosto de 1814), assim como a inserção da Ordem na sociedade contemporânea e seus desafios. Inscrições, envio de trabalhos e mais informações em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Ao refletir sobre o passado e buscar compreender o presente, o IHU apresenta seu XVI Simpósio Internacional em torno do tema Companhia de Jesus: da supressão à restauração. A proposta do evento é debater as questões que levaram à supressão da Ordem dos Jesuítas em 1773 (breve Dominus ac Redemptor do papa Clemente XIV) e as condições e consequências de

O tradicional e ininterrupto *IHU Ideias* é um espaço permanente de discussão, análise e avaliação dos desafios de nossa época, desde o paradigma do humanismo social cristão e dos eixos de atuação do IHU. O primeiro debate do segundo semestre será realizado no dia 21 de agosto com o professor doutor Luciano Aronne de Abreu, do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-RS, sobre o tema Getúlio Vargas 60 anos depois: influências à economia, à política e ao trabalho no Brasil. Mais informações em <http://bit.ly/1pf8csA>.

IHU ideias

XVII Colóquio Filosofia Unisinos

Filosofia e Bioética: entre o cuidado e administração da vida

15/10/2014 a 17/10/2014



O XVII Colóquio Filosofia Unisinos, cujo tema é Filosofia e bioética: entre o cuidado e administração da vida, tem por objetivo propiciar um debate crítico e interdisciplinar a respeito da bioética. O evento será realizado no campus da Unisinos em São Leopoldo, entre os dias 15 e 17 de outubro.

No contexto de um debate interdisciplinar, a proposta é apresentar perspectivas filosóficas a partir das quais é pensada e praticada a bioética, analisando seus desdobramentos biopolíticos, biojurídicos e bioeconômicos. Inscrições, envio de trabalhos e mais informações em <http://bit.ly/XVIIcoloqfilos>.

twitter.com/_ihu



<http://bit.ly/ihuon>